REVISTA VEREDAS 15

CAPA E VERSO

SUMÁRIO E VERSO

EDITORIAL E VERSO

Editorial

— Maus tempos para a subjetividade.

Tempos em tristeza e angústia são reduzidos a um balanço de neurotransmissores, supostamente controlado por *gadgets* químicos, cujo resultado é o abobalhamento e a inibição.

— Maus tempos para a subjetividade.

Tempos em que a previsibilidade e o termo médio, homogeneizante e simplificador, são bens buscados em contraponto ao surpreendente , inopinado e original das articulações significantes.

— Maus tempos para a subjetividade.

Tempos em que as quinquilharias ganham a condição de objeto/fetiche, oferecidos sobre a ara , à glória da entidade máxima animista : o mercado.

Os tempos nunca foram risonhos para a psicanálise. Mas seu vigor se mede pela resistência que suscita. Tanto maior, mais encontra a psicanálise seu lugar e função no trânsito e escoadouro do subjetivo.

— Bons tempos para a subjetividade.

Nesse sentido, esta publicação não é apenas registro de nossas atividades, mas ambiente de circulação e debate para as implicações que as intimidades do desejo com o significante impõem à condição humana.

A *REVISTA VEREDAS* chega à décima quinta edição renovando sua importância e valor fundante para o Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise. Como previsto, retomamos seu feitio inicial, na estrutura e disposição, com sessões de resenhas, artigos, entrevistas e mais, superando a condição de ata de nossa Jornada de Estudos. Como resultado, o produzido terá sido tanto mais criativo, quanto nele tenhamos (en)caminhado, pela vereda simbólica , o que é da ordem da subjetividade.

Pedro Leonardo de Lucena Rodrigues
Traço, maio de 2010

(CORTINA)

Poesias de Dinaldo Lessa

Ibira pitanga

Crespa e sulcurosa pele,
canta o tempo sobre tuas costas de cobre,
tecido encolhido e retorcido,
vulgar e semelhante a tudo.

Como podem bárbaros invasores violentar teu corpo?
Ceifaram tuas raízes solitárias
onde os rios espelham teu sussurro, pau-pernambuco.

Invoca capinauá, o espírito da floresta, Brasil!
Nem teus acúleos impediram o insaciável invasor de levar tua resina, pau-de-tinta.

Lenhosa cidade envolta de mar e rios,
terra-pátria sorvida em sangue.

A poesia da nova terra foi usurpada, silenciada,
os mártires não!
Cobriu-se de sangue e massapê.

Tua natureza de folhas e flores não se inclinou
[ao inimigo.
Deste teu nome para teus irmãos, Brasil.

Hoje em meu desterro canto a tua passagem
daqui de casa forte, ibirapitã!,
e lá longe do arraial novo, muirapiranga!

Paredões de homens sustentaram teus galhos
e tuas flores de cores silenciosas.
Com fuzis e facões expurgaram o teu algoz.

Em tua copa de esmeraldas floresceu o ouro
de puro sol de dezembro.

Uma flor oceânica

Dentro de mim há uma flor de nuvem
como aquela que usavas na lapela;
usavas quando era dia melancólico,

pétala calcária do amado oceano americano.

Transito entre a cor e a vida,
entre a vertigem do céu aberto
e a flor da lapela verde.

Quando a certeza de que as coisas são transitórias?
A nudez transitória?
O desejo transitório?
Eu sou transitório?

Uma mulher, uma flor de espumas oceânicas;
um homem, um mineral do salitre.

Mãos e braços empapados de cobre e de ferro
buscam a branca flor oceânica
rompendo a muda madrugada andina.

Muda e exata madrugada andina.

ENTREVISTAS

MARIO FLEIG

O psicanalista e filósofo **Mário Fleig** é professor do curso de pós-graduação em Filosofia da Unisinos e membro da Associação Lacaniana Internacional. Graduado em Psicologia pela Unisinos e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, é mestre em Filosofia, pela UFRGS, doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e pós-doutor em Ética e Psicanálise, pela Université de Paris XIII (Paris-Nord), França.

R.V. - Em relação às novas configurações ocorridas na família, que efeitos decorrem para o sujeito diante da ausência da intervenção do pai?

M.F. - A concepção de paternidade proposta por Lacan retoma e mostra a pertinência daquela que já fora elaborada por Freud, como lemos na conclusão central de *Totem e Tabu*, que a moralidade, a religião e a sociedade, assim como o núcleo de todas as neuroses confluem num único ponto: *a relação do homem com o pai*. Lacan foi pioneiro em propor um retorno a Freud, e sua originalidade consiste em ter visto que a questão do pai perpassa toda a obra de Freud e que sua formalização permitiria uma interpretação tanto do sintoma individual quanto de uma leitura da mutação cultural própria da época da ciência moderna e de seus efeitos subjetivos. Nesse sentido, a formalização do que seja um pai, por meio da noção de função paterna, permite a Lacan especificar a problemática do pai na contemporaneidade, ao diferenciar a figura, a imago ou o papel do pai de sua função. Lacan, em seu artigo *A família: os complexos familiares na formação do indivíduo*, de 1938, já discutia os efeitos sociais e subjetivos do que denominava de *declínio social da imago paterna*, sugerindo que as formas de neuroses dominantes estão intimamente relacionadas com as mudanças nas condições da família, especialmente o que denomina de *a grande neurose contemporânea*, que é a depressão.

Quando a referência à instância terceira (representada pelo pai e seus correlatos) deixa de ter prevalência, surgem as condições para o aparecimento tanto da desagregação do tecido social, quanto da desestrutura psíquica. Em seu lugar, podemos ver o surgimento de uma nova economia psíquica, segundo a expressão proposta por Melman, que corresponde a um deslocamento do lugar da autoridade. Se antes ela estava localizada nos representantes do pai, agora cada vez mais quem passa a comandar os sujeitos é o objeto a ser consumido. Isso determina o surgimento de novos sintomas e igualmente novas formas clínicas.

As novas patologias parecem tomar duas direções: a primeira diz respeito à facilitação para o surgimento de irrupções de paranoia social e individual, correlativas ao enfraquecimento dos operadores da função do terceiro. Dito de outro modo, presenciamos um incremento de relações duais, sem a intermediação do terceiro simbólico, ou seja, dispensando a mediação da lei. O efeito imediato da paranoia, tanto social quanto individual, é a instalação da relação *ou eu, ou ele*, ou seja, o conflito e jogo de forças feitos diretamente com o semelhante, sem nenhuma possibilidade de haver o recurso a uma instância mediadora, enfim, sem nenhum lei possível, a não ser a violência da força. O sujeito se encontra à mercê do arbítrio da força do semelhante, que tende a estar presente por meio de dispositivos anônimos, sem rosto. A segunda aparece no incremento dos laços sociais organizados em torno da instrumentalização do outro, cujo modo mais flagrante na atualidade se constata na organização das trocas econômicas, regidas pela *lei de sempre levar vantagem*, deflagrador, provavelmente, da espiral da corrupção. Essa forma de patologia psíquica já havia sido descrita por Freud com a denominação de *perversão*.

Como efeitos subjetivos dessas duas configurações, encontramos, dentre outras, as patologias do humor (euforia desmedida e incremento no índice de depressões, em qualquer faixa etária), as patologias da oralidade (anorexia e bulimia; toxicomanias) e as patologias do corpo, como o descontrole motor na hiperatividade. Talvez o traço comum às novas formas clínicas, ou seja, as novas patologias psíquicas, seja a progressiva desresponsabilização. E isso também pode nos ajudar a entender a razão pela qual as terapêuticas que não requerem a participação do próprio sujeito tenham

uma maior aceitação. Em geral, por exemplo, é mais fácil tomar um comprimido que prometa a liberação da depressão do que ter que se expor e falar do sofrimento resultante de perdas e decepções.

A mutação cultural que especifica o Ocidente, denominada de Modernidade e Pós-Modernidade, tem uma incidência na família no que se poderia denominar de ressurgimento do matriarcado, na direção inversa do progresso cultural descrito por Freud (da evidência sensível da maternidade à conjectura espiritual relativa à paternidade) e não deixa de ter conexão com o advento do objeto homogeneizado da ciência moderna, que propugna o conhecimento e a racionalidade como capazes de dar conta da verdade. O advento do pai contemporâneo, sempre carente, ausente, humilhado, dividido e postiço, efeito do declínio do modelo patriarcal, progressivamente substituído pelo modelo horizontal moderno, igualitário, fraterno e autônomo, acarreta uma confusão entre sua queda e o suposto desaparecimento do lugar de exceção, o lugar do Outro. Parece-nos que nesse ponto insistem as interrogações de Lacan sobre os destinos do sujeito contemporâneo, sobre o sintoma específico em nossa cultura.

Então, como é que a operação da função paterna, fundamental para a estruturação do sujeito, se dá nessa nossa contemporaneidade? Se vivemos numa espécie de ressurgimento do matriarcado, com um aumento de famílias recompostas em torno da mãe, assim como acompanhamos os avanços biológicos nas formas de procriação que dispensam o sexual (e com isso a participação do pai) e na identificação inequívoca do pai biológico, que lugar ainda restará para este personagem, o pai? Creio que é nesse ponto que a originalidade da concepção de paternidade de Lacan pode nos indicar algum rumo na confusão em que estamos jogados.

Lacan insiste que o pai é um significante e que a mãe, em sua função primordial de ser o Outro para o bebê, não dispõe desse significante, ou seja, ele lhe falta. E esse significante tem um nome: é o nome-do-pai, efeito da operação da metáfora paterna e que designa aquilo que Lacan reconhece nas grandes religiões, ou seja, o efeito simbólico de um puro significante.

As perguntas cruciais perduram: a concepção lacaniana de pai, em seus três registros (pai imaginário, pai simbólico e pai real), a noção de metáfora paterna e de função paterna, a pluralidade dos nomes-do-pai e as formas inventivas de suplência da carência do pai seriam operadores suficientes para uma adequada leitura dos impasses sociais e subjetivos da nossa contemporaneidade? O laço social contemporâneo parece depender de uma estrutura que não encontra mais a escrita borromeana tradicional que enodava de modo consistente o real, o imaginário e o simbólico, em torno de uma nominação que tinha efeitos específicos sobre o sujeito. Se o enodamento, ainda que seja borromeano e produtor de sintoma, faz-se no contexto do desaparecimento da referência ao nome-do-pai e ao falo, não implicaria a *ek-sistência* de um quarto aro que já não mais seria da ordem do sintoma, mas do *sinthoma*. De que natureza seria uma nominação que dispensasse o significante pai, assim como se sustentasse na forclusão do falo? Que consistência subjetiva seria possível nessa nova economia psíquica tributária da economia neoliberal, movida pelo imperativo de gozar a qualquer preço e sem limite?

R.V.- Que dizer da questão do gozo sem limites vinculado ao social?

M.F.- O imperativo de gozo imediato e a qualquer preço, corolário dos ideais de plena autonomia, inaugurados pela racionalidade do Iluminismo, ancora-se na derrocada do pai como representante da Lei. A criança, entregue à demanda materna onipotente e

desmedida, e sem o recurso do significante paterno, retrata a imagem perfeita da angústia: estar completamente à mercê do Outro, sem saber o que o Outro quer de mim e o que eu possa ser para ele. A demanda do Outro materno, quando não interditada, figura a goela devoradora, diante da qual o sujeito se encontra prestes a ser abocanhado, aspirado, engolido. Essa boca aberta, insaciável, tanto pode se especificar na oralidade desmedida, expressa nas formas atuais de anorexia, bulimia, toxicomania etc., assim como no real do sexo feminino. Trata-se de um buraco que exerce esse efeito de aspiração. Ora, a função paterna, como função interditora, exerce um efeito pacificador e civilizador. O pai tem a função de domesticar esse lugar para torná-lo apto ao gozo sexual, ou seja, um gozo parcial e organizado na linguagem. Assim, podemos afirmar que a introdução da função paterna para uma criança é o que permitirá sua humanização, ou seja, sua entrada na linguagem e na socialização. Realizar o trabalho civilizador é dar aos filhos o acesso ao gozo sexual, por meio da interdição ou da Lei, que proíbe e ao mesmo tempo autoriza. O pai, enquanto função, é aquele que interdita a mãe e autoriza o acesso a um lugar sexuado. Parece justificado afirmar que estamos organizados em uma nova economia psíquica, que é tributária da economia neoliberal, de dimensões planetárias. A promessa da eliminação de qualquer lugar de exceção, de qualquer disparidade, e o advento de um laço social completamente homogeneizado correspondem ao sonho de que não haverá mais impossível. O efeito imediato de tal configuração é a precipitação da prevalência da demanda sobre o desejo, aspirando o sujeito para formas de gozo sem limite, espécie de gozo Outro que se dá fora da linguagem e que consome a vida.

R.V.- Em relação às novas dificuldades do sujeito contemporâneo, como se daria uma nova economia do signo para suportar a renúncia pulsional?

M.F.- Ainda não sabemos muito bem quais são os efeitos da passagem da prevalência da lógica trinitária, própria da linguagem ordinária organizada em torno da exceção que funda o conjunto, para a lógica binária específica da ciência moderna e que organiza o funcionamento de enunciados acéfalos, assim como o mundo virtual. Isso significa a passagem da economia do significante para a economia do signo. Seria a nova economia do signo apta para impor ao sujeito a necessária interdição ao pulsional? Tomemos um exemplo clássico do sujeito contemporâneo: Hamlet. Ele que sabe que seu pai foi assassinado, sabe quem o assassinou e sabe que lhe cabe mover uma ação contra o criminoso, e, no entanto, não age. O que paralisa Hamlet? Qual é a causa de seu desânimo? O motivo de sua melancolia se encontra no que lhe revelou o espectro: o amor mais puro foi traído, visto o pai altamente idealizado carregar uma dívida inexpiável, ou seja, é um pai pecaminoso. Hamlet se confronta com a total ausência de garantia no Outro, figurado pelo pai em falta, de modo que um dos apoios fundamentais para o desejo, o ideal paterno a ser seguido, desmorona-se.

O outro apoio para o desejo estaria articulado com o objeto faltoso, na dependência do desejo materno: mas aqui Hamlet se defronta com uma mãe que não conhece o luto, uma mãe que permaneceu onipotente, e ele se abole diante desse desejo materno. Hamlet é emblemático do sujeito contemporâneo na particularidade de não encontrar no pai um apoio para seu desejo. Podemos lembrar-nos de outros exemplos clássicos, como a trilogia de Paul Claudel que apresenta a imagem chocante do pai humilhado, assim como a história que Freud relata de seu próprio pai, que lhe conta como fora humilhado na rua por ser judeu. Freud vê, naquele instante, seu pai idealizado ruir e, sem saber o que pensar, suspende qualquer julgamento: não saberia mais se seu pai era um covarde ou um herói. Kierkegaard também se debate a vida

inteira com a decepção que lhe causa a revelação da pecaminosidade de seu pai idealizado.

Lacan aposta em modalidades inusitadas de enodamento do real, do imaginário e do simbólico, de tal modo que se poderia dispensar o pai, com a condição de servir-se dele. Duas de suas formulações são decisivas: a pluralização dos nomes-do-pai e a degenerescência catastrófica resultante da forclusão do Nome-do-pai em benefício do poder de *nomear-para*, que institui uma nova ordem (*Les Non-Dupes errent*, 1973-1974). Ora, a progressiva substituição da função nomeante do pai pela operação de *nomear-para* tem como consequência imediata a inversão do progresso civilizatório descrito por Freud (passagem do matriarcado, evidência sensível, para o patriarcado, conjectura). Assim, se a mãe se considera capaz de realizar a operação de *nomear-para*, não há mais necessidade de intervenção do terceiro. Isso determina algo que se pode denominar de um ressurgimento do matriarcado, em sintonia com os progressos da civilização científica, que autoriza o sujeito a se privar do Nome-do-Pai e assim a se esquivar do indispensável trabalho de subjetivação que é requerido a quem quer viver no desejo. O mal-estar na subjetivação implica então uma anulação da boa distância entre gozo e desejo, que tende assim a precipitar o sujeito na degenerescência catastrófica, ou seja, uma ordem de ferro evacuada do peso da fala do sujeito, na qual se substitui a falta a ser e o desejar pelo fazer e agir, ou seja, o predomínio do império do signo.

Ora, o advento do mundo virtual situa-se no prolongamento da prevalência do império do signo e da lógica binária, acompanhado da grande revolução biológica, determinante do ato de possível dispensa do pai nos processos de reprodução e fecundação. Levantamos a hipótese de que essas duas revoluções determinam uma acelerada passagem do modelo trinitário de organização e estruturação da condição humana para a prevalência do modelo binário. À luz dessa hipótese, poderíamos examinar fenômenos emergentes na subjetivação da geração submetida à ferramenta digital, assim como fenômenos emergentes no campo social. Se antes o ordenamento social e subjetivo se fazia a partir da referência a uma função operada por um terceiro, nomeado como sendo o pai e seus representantes, que tanto determinava a fonte do interdito (a Lei) quanto assinalava o lugar a ser ocupado por cada sujeito, fundando o desejo e o acesso a um gozo limitado, agora não há nenhuma instância ou programa que aponte para a Lei, mas apenas um convite veiculado pela economia liberal, que parece homogêneo com o progresso da biologia no campo da reprodução, para que cada um goze sem limites. O ciberespaço coloca cada internauta frente ao sem limite do hipertexto, em uma relação binária com a tela à sua frente. É ao que também assistimos nas apresentações de trabalhos com o uso da ferramenta digital, quando o interlocutor do conferencista não é mais o público, mas a tela virtual que comanda sua exposição. Instala-se uma nova economia psíquica, na qual se dispensa o pai, assim como a linguagem cotidiana e a função da fala. Seria possível e viável a subjetivação e o laço social passarem a estar ancorados em relações duais, segundo um modelo binário? Não seria uma decorrência do incremento das relações duais o afluxo crescente de violência que se derrama na vida cotidiana, assim como a inflação da paranoia social, na qual o cidadão se sente cada vez mais acossado por ameaças de catástrofes iminentes, sejam oriundas da natureza ou de poderes de grupos e organizações, frente às quais não há nenhuma instância a quem recorrer? Perguntas que partilhamos com o leitor.

ENTREVISTA: Cesare Giuseppe Galvan

Amante da Música, versado na Teoria Marxista e voltado para a Mitologia, ***Cesare Giuseppe Galvan*** é membro do *Veredas Mitológicas - Grupo de Leitura e Estudos de Mitologia do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise*. Nesta entrevista, o filósofo, navega por mares revoltos e de perguntas diversas, conduzindo sua embarcação com desembaraço e fluidez como poderemos ver a seguir.

Amante da Música, versado na Teoria Marxista e voltado para a Mitologia, ***Cesare Giuseppe Galvan*** é membro do *Veredas Mitológicas - Grupo de Leitura e Estudos de Mitologia do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise*. Nesta entrevista, o filósofo, navega por mares revoltos e de perguntas diversas, conduzindo sua embarcação com desembaraço e fluidez como poderemos ver a seguir.

Perguntas e respostas – Perguntas sem respostas

C.G. - Recebi umas perguntas dos colegas do grupo de Mitologia. São questões muito diferenciadas e referem-se, às vezes, a mares em que não sei nadar. Preciso, portanto, desligar-me dessas formulações em seu original, para falar adotando uma outra linguagem. Além disso, como era de se esperar, não sou *especialista em todas as coisas e algumas outras mais*, como parece implícito na variedade dessas formulações. Mais uma razão para deixar sem resposta, inclusive, aspectos muito importantes dos temas propostos.

E aqui aparece outra restrição. Quem localizar no que segue algum aceno à Psicanálise, por favor, não acredite. Pois Psicanálise não pode entrar nos propósitos dessas mal traçadas linhas, pelo simples fato de o autor ser incompetente no assunto e tal se declarar de antemão. O que vai nessa redação, portanto, tem muito a ver com a Psicanálise; mas isso se deve unicamente às circunstâncias em que se desenvolve a humanidade. São circunstâncias tais que, se a Psicanálise não tivesse sido inventada, ela, contudo, permaneceria lá, escondida, à espreita, nos interstícios da sociedade. Vejamos, por exemplo, o caso da contemporaneidade entre dois de seus gênios, Schönberg e Freud. Mas com isso chegamos a nosso primeiro ponto, que é o mais importante de todos, pelo simples fato de que se dedica à Música:

R.V. - Tentando sondar o que haveria de articulável entre a ESCUTA em Psicanálise e a ESCUTA da Música, a **Revista Veredas** pergunta se seria possível:

- Fazer uma conexão entre o espaço onde se passa a análise e o auditório?

- Estabelecer uma relação entre a música e as emoções e, em seguida, extrapolar para a escuta psicanalítica?

- Estabelecer conexões entre a ***associação livre*** musical de Schönberg e a ***associação livre*** de ideias freudiana?

C.G. - Creio que se possa falar em música *tout court* ao identificar a posição especial de Schönberg em sua história. Afinal, vale o juízo de Glenn Gould, para quem Schönberg é *uma das mentes musicais mais* naturais *e menos problemáticas*. Haverá certamente quem não compartilhe um tal juízo, pois Schönberg, em sua maturidade, leva a composição musical até às extremas consequências daquele *sistema temperado* que foi tão oportunamente consagrado por Bach. Interessante isso, pois a respeito desse sistema ele mesmo tinha observado que *tem pouca semelhança com a natureza*. *Talvez seja, o nosso sistema, mais vantajoso, mas não superior* (*Harmonia*, p.60). Uma frase, essa, que revela mais uma vez a amplidão de visão, e, portanto, de liberdade, que caracterizou seu autor.

No entanto, as propostas de associação livre citadas na pergunta possuem plena justificativa quando se analisar a obra de Schönberg, mestre e compositor, sobretudo a mais típica, dodecafônica, serial. É um gênio surgido na mesma época de Freud e não se deve estranhar o fato de encontrar-se semelhanças entre suas ideias e os métodos de composição, por um lado, e aquelas de Freud que deram origem à Psicanálise. Um de seus mais apaixonados admiradores e comentadores, Glenn Gould, usa até mesmo palavras como *subconsciente* e *instintivo* para identificar seu procedimento. Isso é tão interessante que nos permite buscar paralelismos. Seria Freud dodecafônico?

Paradoxalmente, porém, pode-se também contrapor Schönberg a Freud. De fato, se observarmos a transição da música moderna tonal, tradicional, até o aparecimento de Schönberg, Debussy e outros inovadores na virada entre os séculos 19 e 20, e sobretudo com o advento da música serial, percebemos nela uma busca por libertar-se do tom, de seu predomínio em definir a estrutura da Música. De Freud, porém, se quisermos elaborar um contraste, diríamos que, por meio de associações livres, estava buscando encontrar a raiz daquele *tom* que o subconsciente impõe ao *ego*. Associações livres percorreriam, portanto, em nossa hipótese, rumos opostos: o analista persegue a busca do *tom*; o músico procura evitá-lo. Freud busca o que está escondido; Schönberg foge daquilo que lhe aparece claramente diante dos olhos, melhor. Melhor: dos ouvidos. Apesar disso, as duas buscas no fundo podem significar, se não o mesmo esforço, pelo menos tendências análogas. Ambas são (ou se esforçam por ser) *livres.*

Quanto à relação entre música e emoções, o juízo será bem diferente a depender da filosofia da música de cada um. E nesse campo a variedade impera. Como interpretar, por exemplo, Schönberg como superador do romanticismo, quando entre suas obras

anteriores à composição dodecafônica as duas que dominam o panorama são poemas sinfônicos (*Noite transfigurada* e *Pelléas et Mélisande*)?

Quanto às emoções (quais?)... a música expressa o dinamismo delas, seu movimento, seu ir e vir no homem, na sociedade. Mas de quais emoções se trata? *Os cantos mais expressivos* (...) *são como silhuetas, cujo original nós só começamos a reconhecer depois que* alguém nos disse qual ele é.[1] Isso ocorre exatamente como se Schönberg explicasse a trama de seus poemas sinfônicos. Essa manifestação não constitui sua beleza, pois *não se diz nada de decisivo para o princípio estético da música ao caracterizá-la através de seu impacto sobre o sentimento*.[2]

Creio que a melhor ilustração desse encontro-desencontro música-emoções seja o quarteto do primeiro ato do *Fidelio* de Beethoven. Os quatro personagens (Marzelline, Rocco seu pai, Leonore-Fidelio e Jaquino, o pretendente de Marzelline) expressam muito dramaticamente cada um sua emoção perante a situação numa autêntica *comédia de erros* em que estão envolvidos, naturalmente sem sabê-lo (com a exceção de Leonore-Fidelio). A moça Marzelline ama Fidélio e quer casar com ele, contando com a benção e a enorme felicidade do pai, Rocco. Não sabe que Fidelio... é mulher, Leonore, travestida de homem, esposa de um prisioneiro que ela tenta salvar. Jaquino é o soldado que ama Marzelline, mas constata que se está preparando o casamento... dela com Fidelio (Leonore disfarçada). E esse/essa , naturalmente, não pode ainda revelar sua identidade. Haja confusão de situações e de emoções.

A letra das estrofes – uma para cada participante –, expressa tais sentimentos profundamente contrastantes. A melodia, porém, é sempre a mesma, no mesmo ritmo, acompanhado pela mesma harmonia. É assim que, com idênticas notas musicais, Marzelline canta *eu serei feliz*; Leonore-Fidelio expressa *tormento sem nome*!; Rocco augura *eles serão felizes*; e Jaquino desesperado reage *não sei o que fazer*. Todos expressando o mais profundo de sua alma. É bem verdade que a história da Música, sobretudo da ópera, parece sugerir outra interpretação – que vai do *Leitmotiv* de Wagner, à *Traviata* de Verdi. Mas a intuição de Beethoven nesse quarteto é bem mais profunda. Bastou-lhe uma ária; disse tudo.

Mais analiticamente, Hanslick coloca seu juízo: *Cada verdadeira obra de arte coloca-se* em certa relação com nossos sentimentos, mas *nunca numa relação exclusiva* (sublinhado meu).[3] Assim é sobretudo a Música: toda a gama dos sentimentos, das muitas emoções humanas, cabe dentro de uma mesma melodia, que tanto pode expressar amor como ódio, felicidade como ansiedade. Na Música mais (e mais imediatamente) que na Poesia, vale o dito de Fernando Pessoa:

---

1 *Die ausdrucksvollsten Gesangsstellen (...) gleichen Silhouetten, deren Original wir meistens erst erkennen, wenn man uns gesagt hat, wer das sei.* (HANSLICK, *op.cit.*, p.22.)

2 *Man sagt also gar nichts für das ästhetische Princip der Musik Entscheidendes, wenn man sie durch ihre Wirkung auf das Gefühl charakterisirt*. (Id., p.7.)

3 ***Jedes*** *wahre Kunstwerk wird sich in irgend eine Beziehung zu unserm Fühlen setzen,* ***keines*** *in eine ausschließliche.* (*Ibid.*)

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

R.V. - *As três perguntas que seguem têm como objetivo ambientar o espaço da relação entre o mais-gozar, formulado por Lacan, e o significado dado pela economia à mais-valia. Dessa forma é possível pensar na via aberta por Lacan ao mostrar que toda construção traz, em si mesma, a ruína.*

- Considerando que a nova concepção de cidade no mundo ocidental surgiu a partir do declínio da sociedade feudal, quais os resíduos dessa ordem que se mantiveram e percorreram a história até os dias atuais?

- As edificações das cidades submetidas à economia mercantil foram levantadas a partir da mais-valia?

- O êxito da mais-valia é a solidez necessária para que uma cidade construa seus edifícios?

C.G. - Resíduo por resíduo – um dos principais resíduos não só da Idade Média, mas de todas as civilizações que a precederam foram as cidades e suas construções, sobretudo no caso em que estavam conservadas e continuaram a existir e a constituir-se como espaços privilegiados da atividade humana. Seu próprio *estar lá* (*Dasein*, diriam os alemães) foi um dado e um fator importante na formação da sociedade capitalista, que delas se aproveitou para ocupar o espaço, determinar sua geografia. Só para dar um exemplo de como a formação capitalista se aproveitou de cidades já situadas e constituídas, basta lembrar Sevilha e sua situação à beira do rio Guadalquivir.: isso permitiu à coroa de Castella controlar os navios e sua carga que, chegando das colônias, subiam o rio para descarregar no porto principal daquela região. Exploração de riquezas (sobretudo alheias), inclusive se for monopólio real, exige controle. A cidade oferece os meios para tal.

As cidades, no mundo ocidental, como, aliás, em toda parte, tiveram origens e história bem anteriores à passagem do feudalismo ao capitalismo. Marcam presença na formação de todas as civilizações, inclusive da grega e romana que acabou transformando-se no que hoje se denomina de *Ocidente*, para não dizer civilização capitalista. Com o capitalismo, o desenvolvimento urbano se difundiu, (se) ampliou-se e se aprofundou. Mas a cidade é bem anterior. Uma condição preliminar a seu surgimento foi a revolução agrária, uma revolução que – em sua ocorrência primeira –, aconteceu ainda entre povos não civilizados, silvícolas que se transformaram em cultivadores, dando assim início às metamorfoses sociomateriais que, em muitas edições diferenciadas, tornaram os homens capazes de fundar cidades e formar civilizações.

O conceito que pode servir de guia para entender o movente de uma história tão rica e variada é mais amplo que o de mais valia. Quem sabe se possa considerá-lo o avô da mais valia. É o conceito de *excedente*. Não só o conceito, naturalmente: sobretudo sua

realidade. Um excedente surge toda vez que o produto da atividade humana ultrapassa – numa ou noutra medida –, o que é necessário para o próprio produtor. Foi assim que não houve cidades antes da revolução agrária, pela qual os homens passaram a cultivar as plantas que lhes dão o alimento. Pois na cidade é necessário que exista *algo que sobra* para destiná-lo àqueles que não o produzem. A cidade, por sua natureza, implica numa série de atividades que não geram o necessário para o sustento dos homens. Foi assim que elas se desenvolveram somente na medida em que da produção necessária ao sustento humano foram sobrando excedentes para sustentar os não produtores.

Quanto ao desenvolvimento urbano anterior ao capitalismo, na época feudal, basta lembrar a obra de Carlos Magno. Ainda no começo do século nono, um de seus atos como fundador do Sagrado Romano Império – uma das instituições mais feudais que se conhece –, editou o *Capitulare de villis*. Essas *vilas*, centros administrativos, estavam bem longe do estilo de nossas cidades modernas; viviam, contudo, sempre contando com um apoio do campo, que com suas cultivações sistemáticas e organizadas permitia fornecer aos administradores centrais os meios de subsistência da população.

Pode parecer estranho, mas houve também na história o caso em que as cidades, digamos assim, esperaram a época da ultrapassagem da ordem feudal para surgir: isso aconteceu num mundo que feudal não era, no Brasil, caso raro se não único na história. Foi aqui que a sociedade lusa invasora – feudal, mas nem tanto, em fase de empreender sua transformação em capitalista – , introduziu as cidades até então inexistentes.

Entrando no capitalismo, torna-se clara sua definição como civilização urbana. Temos ao mesmo tempo o sistema social mais organizado para explorar o trabalho alheio extraindo dele o máximo excedente. É a relação capitalista de produção, na qual a diferença, a eficiência, a exploração e a utilização do produto se afirmam em nome da igualdade. Em consequência, temos, articuladamente, um desenvolvimento urbano nunca dantes experimentado em nenhuma sociedade anterior. Novidade quantitativa e qualitativa ao mesmo tempo. Nela a exploração do excedente ultrapassa todos os limites encontrados anteriormente: esse excedente, agora, está expresso em valores antes mesmos de apresentar suas qualidades urbanizadoras, devidamente ampliadas e aprofundadas. É um excedente *novo*: por sua autodefinição, em termos de valor, denomina-se *mais- valia.*

A palavra *excedente*, anteriormente, significava comida, casa, roupa, etc., *a mais*. Era um excedente de coisas úteis para a vida. Agora, continua incluindo tudo isso, mas significa antes de tudo e, sobretudo, *valor a mais, valor adicional*: chegou o momento em que o excedente merece o nome de mais-valia. Quem gozar com isso, pode consultar Lacan. Será que isso tem algo a ver com o que diz Pirandello: *C'è un oltre in tutto* (*Há um além em tudo*)?

R.V. - Na Psicanálise, ao referir-se à posição ocupada pelo analista, Lacan discorre sobre o conceito de *semblant*, que é, como diz, no Seminário ...*Ou Pior, aquele lugar ocupado pelo psicanalista que, daí, passa a dar voz a algo diferente de si mesmo como porta-voz. O analista, nessa posição,* diz, *mostra-se como máscara abertamente colocada como na cena grega.* Há um fato para o qual chama a atenção e que define o foco de interesse aqui: *Quando o ator põe a máscara, seu rosto não se contorce, ele não é realista. O pathos fica reservado ao coro. Ou seja, ao usá-la, a máscara vai funcionar num espaço virtual, sem aparência, sem realidade. Poderia discorrer um pouco sobre a função ritual da máscara entre os Gregos e falar desses efeitos que ela produz sobre os espectadores.*

C.G.- Muito – até demais – tem evoluído o uso e o sentido das máscaras, inventadas e reinventadas nas civilizações mais diferentes. O que vai a seguir refere-se somente a poucos aspectos específicos do uso da máscara no teatro grego. Deixamos, portanto, de fora não somente as máscaras em outras civilizações (todas elas as tiveram! e sobretudo as usaram), mas também outras aplicações e outros significados que adquiriram na civilização grega e romana. Até mesmo no próprio teatro, outros sentidos tiveram, além daqueles aqui mencionados.

Na máscara teatral grega a virtualidade é sua realidade: consiste em que, pela própria aparência, a máscara estava lá para identificar cada personagem, distingui-lo dos outros. Melhor: seu estar lá era a identificação. Na fase anterior da mesma tradição era o poeta (o *aedo*) quem expressava os *causos* de todos, social e individualmente. Com a introdução das máscaras, cada personagem passou a ser reconhecido e identificado pelo público: podia assim expressar-se diretamente, muito embora sob as várias máscaras se revezasse frequentemente o mesmo ator, com a mesma voz. Portanto, nesse desenvolvimento, a primeira função que a máscara teve foi de identificar, individualizar. Um ator podia representar os papéis de várias personagens: veio dai que no pensamento grego o ser do personagem individual ficou sendo reconhecido antes mesmo de se alcançar uma definição da pessoa.[4] Por trás (aliás: antes) disso está a máscara. Revela e esconde. Esconde para revelar.

Naturalmente, um fenômeno tão complexo reveste-se de muitos aspectos. Aquele que mais me chama a atenção no teatro grego é que, com esse uso da máscara introduzido, difundido e praticado na narração mítica, o pensamento grego avançou rumo a uma definição da pessoa humana como ser individual intelectual, sempre inserido na sociedade, na *polis* em que vivia. Essa identificação do indivíduo, de natureza intelectual, tornou-se mais clara e explícita no teatro que nas obras filosóficas, que só alcançaram sua explicitação na Idade Média. A tragédia e a comédia contribuíram mais que os filósofos para este aspecto da teoria: a individualidade da pessoa como ser intelectual.

Quanto ao *pathos* na tragédia grega, na prática, ele não fica de maneira alguma reservado ao coro. Os personagens, agora bem identificados pelas máscaras, exprimem suas paixões. Basta ler os monólogos e os diálogos de personagens como Antígona, Édipo, Hécuba, Neoptólemo e muitos outros, mesmo secundários, como o Hemon da

---

4 Talvez seja nesse paradoxo da história do pensamento grego que se encontra uma fonte de inspiração para a *filosofia* que levou Pirandello a redigir seu *Seis personagens à procura de um autor*. Para nosso contexto basta lembrar umas frases desse drama. Os personagens podem ser *Menos reais talvez, porém mais verdadeiros*!; ou *não temos outra realidade além desta ilusão!*.

Antígona. Aliás, é o coro que às vezes consegue abafar em si o ímpeto do *pathos* para expressar reflexões sobre a vida, que poderíamos considerar filosóficas. É sua visão de mundo que ele expressa – além naturalmente dos sentimentos dos cidadãos da *polis*. É *pathos* de sábio, às vezes até contrastando com o *pathos* de vivência expressado nos e pelos personagens. Sob esse aspecto de partícipe inteligente, mas comedido, o coro apresenta uma certa analogia com um personagem frequente sobretudo nas tragédias, o *mensageiro*, ao qual se confiam tarefas desagradáveis, como é o encargo de contar o desfecho trágico dos eventos, desfecho que o *ethos* grego não permite que seja representado na cena.

Com isso pode-se constatar, ainda mais, como é complexa a relação *máscara-pessoa*, entre o uso da máscara e as pessoas (personagens) envolvidas. Mas a menção ao *pathos* leva a mais uma conotação sobre a função que a máscara adquire no teatro, no grego e nos outros... Talvez, de novo, o mencionado Pirandello, mais de dois milênios depois, ajude a compreender o que se passava na cena grega: *As máscaras ajudarão a dar a impressão da figura construída por arte e fixada cada uma imutavelmente na expressão de seu próprio sentimento fundamental.*[5]

Bibliografia consultada

GOULD, Glenn. *Gould's notes for Schönberg's Concerto for Piano and Orchestra, Op.42*. In(:) http://www.collectionscanada.gc.ca/glenngould/028010-502.3-e.html.

HANSLICK, Eduard. *Vom Musikalisch-Schönen (Do belo musical). Ein Beitrag zur Revision der Aestetik der Tonkunst.* 1.ed. Leipzig, Weigel, 1854. Há várias edições, inclusive, tradução brasileira. Transcrição internet: http://www.koelnklavier.de/quellen/hanslick/_inhalt.html (em alemão).

Letteratura greca della Cambridge University. Volume primo: da Omero alla commedia. Edizione italiana di Ezio Savino. Milano, Mondadori, 1989 (Cambridge University Press, 1985)

PIRANDELLO, Luigi. *Sei personaggi in cerca d'autore.* Acessível in : www.liberliber.it/

SCHÖNBERG, Arnold. *Harmonia* (original: *Harmonielehre*. Ed. renovada 1949). Prefácio, trad e notas Marden Maluf. São Paulo, UNESP, 2001.

TOYNBEE, Arnold. *A study of history.* A new edition revised by the author and Jane Caplan. New York, Weathervane, 1972. p.576 (p.)

5 Trata-se de didascália no drama *Seis personagens.*

SEMINÁRIOS

PSICANÁLISE E PRÁXIS

João Fernando Calsavara[i]

Introdução

Antônio Vieira, considerado imperador da língua portuguesa, diz que Cristo não falou em Semeador, mas no que semeia. Entre Semeador e o que semeia há uma grande diferença. Uma coisa é o Soldado, outra é o que combate. Uma coisa é o Governador, outra é o que governa[ii]. Uma coisa é o Analista, outra é o que analisa. Analista é nome, função. O que analisa é fruto da experiência de alguém, que tornou didática sua análise e a coloca em função de outrem.

Experiência vem do latim, *experiens*, experimento, acontecimento. E *entis*, do ser, genitivo de *ens*. (*Vocabulário etimológico da língua portuguesa.* Cunha, A.G e outros – Lexicon Editora Digital, (.) 2007-RJ). Experiência significa, pois, acontecimento do ser (*experiens entis*). Pode ser descrita na ótica da Ontologia (estado do ser) e na ótica da Psicanálise (ser do sujeito do inconsciente).

A correlação entre existência e pensamento não se realiza de forma abstrata, a-histórica, no vácuo, em desvinculação com a experiência. A teoria se origina da experiência, encontro do homem com os acontecimentos do mundo externo e interno. Não há verdade ou falsidade absoluta, mas significados históricos de acontecimentos.

A práxis resulta de um olhar novo sobre o acontecido (a experiência), que amplia a compreensão do mundo e do homem. Por outro lado, modificar o mundo e o homem implica em reformular teorias, realimentar a experiência. A práxis se estabelece, portanto, a partir da experiência reinventada e reformulada pela teoria[iii].

A relação entre teoria e experiência na Psicanálise é a práxis. A teoria sem a clínica se transforma em mera elucubração de conceitos abstratos. A experiência clínica sem a teoria torna-se pragmatismo, repetitivo e engessado.

Na ótica do sujeito do inconsciente, Freud foi claro ao afirmar que a compreensão do inconsciente só se alcança em análise. Não se apreende sua dimensão ética em universidades e seminários, mas na experiência de analisante, suporte da passagem para analista.

Experiência é diferente de experimento. O experimento é repetição buscada em laboratório para explicar fatos naturais. No experimento se busca expressamente um resultado. Na experiência, o encontro se dá espontaneamente, ao acaso.

Em Psicanálise, experiência não é repetição, mas elaboração por meio da associação livre na transferência. O analista em sua experiência é surpreendido com a emergência do sujeito do inconsciente de forma inesperada, que requer do analista disponibilidade para se surpreender, para escutar como na primeira vez, abdicando da ideia de saber alguma coisa do inconsciente do analisante, na busca de um saber que advém na fala do analisante.

Portanto, essa experiência fundante para a Psicanálise não é experimento, não é o vivido, nem o sensível. É experiência que se inscreve. Achado de um saber inconsciente. (Este) Esse saber do inconsciente é estranho ao discurso da Ciência. A Ciência está mais voltada para a verdade da existência do ser, enquanto a Psicanálise, para a verdade do sujeito do inconsciente, que se revela de forma evanescente na fala[iv]. Lacan diz, no seminário *Le Sinthôme*, que o inconsciente é um saber falado, diferente de saber pensado.[v] *No saber falado há um gozo, um objeto, a voz que chega ao outro e modifica a economia do gozo com este outro*.[vi] O saber falado organiza o *vivido* em experiência, diferente do gozo místico no êxtase e do gozo da certeza científica.

Psicanálise e Ciência

As circunstâncias históricas vividas por Lacan no IPA culminaram com um acontecimento específico, em 1963, quando ministrava seminário no Hospital Sainte Anne sobre o Nome-do-Pai. Proibido de se envolver com a formação de analistas e pressionado a mudar sua práxis, para poder exercer a análise didática e continuar membro da Societé Française de Psychanalyse, recusou-se. A discrepância dos discursos do IPA com o de Lacan reflete-se nas concepções sobre Psicanálise, Ciência e Psicanálise e práxis em Psicanálise. No artigo Ciência e Verdade (1965) diz: *A psicanálise quer seja ou não digna de se inscrever no registro da ciência ou religião pode nos esclarecer sobre ciência e religião*.

Lacan situa a Psicanálise numa posição capaz de nos ajudar a conceber o que seja Ciência e Religião. Ela não busca somente a verdade do sujeito, mas a dúvida e inquietação dele. Não o sentido das coisas, mas o não sentido. Cita Picasso que dizia: *Eu não procuro, eu acho*. Para ele, procurar e achar são atividades que em certo sentido separam a não-Ciência da Ciência. Caracteriza a Religião com a famosa frase: *Não me procurarias se já não me tivesses achado*, indicando que a atividade principal aqui é a procura, já que o ter achado é de certa forma esquecido.

Portanto, a Psicanálise não investiga o que existiu um dia, mas aquilo que nunca foi encontrado, o vazio, a falta, causa do desejo. Seu objeto, pois, é este sujeito do inconsciente que de seu só tem o desejo, e, por sua vez, não tem objeto próprio.

Richard de Saint Victor, teólogo escocês, diz que a moderna Ontologia poderia ser a origem inspiradora da elaboração de Lacan sobre o sujeito. Segundo ele, o termo *ex-sistere* significa *ser de alguém, provir de*, já que sujeito vem de *sub-objectum*. Nesse sentido, a existência está articulada a algo que está fora, sustentada por um outro. A teoria lacaniana nos revela que o sujeito da Psicanálise não é o ser ontológico substancial. Ele só existe a partir dos significantes, sobredeterminado pela cadeia simbólica que o constitui, estrutura-o e habita-o, apontando para o seu assujeitamento radical.

No Seminário 11, Lacan se preocupa em estabelecer o estatuto do saber psicanalítico e o tipo de verdade em jogo na práxis, uma vez que práxis é reflexo da teoria e a reflexão da práxis aperfeiçoa e amplia a teoria. Práxis, segundo Lacan, é *um termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico. Que nisto ele encontre menos ou mais imaginário tem aqui valor apenas secundário*[vii].

Não há Ciência que derive cem por cento dos fenômenos e das considerações empíricas. Todo sistema teórico é construído parcialmente com base em conceitos já existentes na mente do pesquisador, seu contexto social e cultural. Uma Ciência começa pelas ideias intuitivas do pensador, vindas da cultura e da linguagem.[viii] Não existe objetividade, descrição exata de fenômenos e acontecimentos, sem traços de subjetividade.

Para Lacan, a Psicanálise é radicalmente diferente de qualquer ciência, seja ela (lingüística) Linguística, Astronomia, Antropologia. Ao contrário, a Psicanálise estaria na condição de comentar e avaliar a estrutura dessas disciplinas, reconhecidamente científicas.

Os limites entre Ciência e Psicanális e se expressam na discrepância entre o que é verdade para a Ciência e o que é verdade para a Psicanálise. A afirmação cartesiana do *Penso, logo sou* se contrapõe ao axioma da Psicanálise: *Sou naquilo que não penso*.

A Psicanálise não trata da verdade dos fatos, mas dos fatos transformados em verdades ou mentiras, em função do sujeito que vê, escuta e fala. Ela deve ser levada a sério, mesmo não sendo uma Ciência, diz Lacan em *Momento de Concluir*. Em tom de ironia, confronta o prestígio da Ciência com a charlatanaria ligada à Psicanálise: *A psicanálise é uma prática, uma prática de charlatanaria*. E acrescenta, imediatamente, que nenhuma charlatanaria carece de *riscos*, referindo-se ao fato de que o falar tem consequências. É desse sujeito, que a ciência forclui, que se ocupa a Psicanálise. Charlatanaria significa que o existir são palavras, nada mais que palavras. Sem elas, as coisas, o Real, nunca seriam apreciadas ou rejeitadas, louvadas ou condenadas. Ou seja, proposições que implicam consequências são palavras também.

Não se trata aí de oposição entre Ciência e Psicanálise, porque a Psicanálise nasceu e desenvolveu-se a partir do suporte da Ciência moderna.

Aprende-se a falar e isso deixa marcas e (conseqüências) consequências nos seres falantes e se manifesta nos sintomas.

O homem moderno chega à noite em casa, estressado pelo barulho ensurdecedor, pelos estímulos visuais em toda parte, pelo movimento frenético, pela velocidade da informação, frutos do avanço da modernidade. É desse sujeito angustiado que a Psicanálise se ocupa, por isso precisa estar para além desse frenesi científico, para, de fora, analisar seus efeitos no humano, feito não só de razão, mas também de angústias, vazios e de uma razão Outra.

Lacan, em Ciência e Verdade, diz que há uma tendência em se suturar o sujeito da Ciência. Mas nisso a Ciência fracassa, pois o sujeito em questão continua sendo o correlato da Ciência, mas um correlato antinômico, porque a Ciência não tem êxito nesse esforço para suturá-lo.[ix]

A Psicanálise é uma resposta da resistência do sujeito à sua própria perda, uma vez que a prática da Psicanálise dá lugar para que ele fale e realize sua experiência, que sempre é uma experiência singular e histórica. Pela análise, o sujeito recupera suas marcas, reconhecendo onde está enredado e o que fazer para desembaraçar-se da rede significante, sem destruí-la. Isso é saber o que fazer com seus sintomas.

Não há um saber universal que dê conta da singularidade de cada sujeito. A Psicanálise se interessa pelo saber do inconsciente.

Experiência de Analisante

A busca de análise é diferente da curiosidade científica, filosófica ou religiosa. Está mais ligada à decepção com as explicações científicas, as certezas dogmáticas e os argumentos ontológicos sobre a vida.

A procura de análise é a inquietação da pessoa diante do não saber sobre si mesma, a dificuldade de nomear o que quer, de suportar o vazio, o não sentido. Daí a procura de alguém que saiba, um sujeito suposto saber, instaurando-se uma transferência.

J. buscava respostas filosóficas para a sua existência, mas não era feliz. A verdade científica não preenchia seu vazio, não aliviava sua angústia. Por três anos, durante o curso, viveu seu deserto interior. Nada frutificava. Entrou em depressão. Calado, sozinho, sem nada saber da angústia, sentia-se um heterônimo, ao sabor das circunstâncias. Queria respostas sobre si mesmo, que a Filosofia não dava. Foi assim que procurou o analista.

L., uma jovem de 18 anos, chega, cumprimenta-me. Mal dá tempo de lhe responder. Começa a falar numa verdadeira diarreia, verborreica, agoniada, sem ponto, só vírgula. Depois de quarenta e cinco minutos, interrompo-a, dizendo: --*Terminou a hora*. Ela ainda diz: -*Dr. deu pra saber porque vim aqui. Falo demais. Não consigo ouvir eco da minha voz, refletir sobre o que falo, o que sou, tomada por esta angústia de falar... falar...*

O motor da análise é a transferência, presentificação do inconsciente colocado em ato. A transferência é uma falsa conexão. Um saber verdadeiro, deslocado por uma falsa atribuição. Investimentos representativos de acontecimentos dinâmicos, protótipos aos quais o analisante recorre na transferência ao analista, para repetir, rememorar e reelaborar imagos, impulsos e fantasias.

A transferência acontece por meio da fala, pela associação livre, porém nada é menos livre que a livre associação. O analisante reluta e retarda em praticá-la, pois o eu (*moi*), sempre vigilante, seleciona e recalca manifestações inconscientes que irrompem mediante a associação livre.

P. , senhor de mais de 30 anos, passou quatro meses vindo regularmente às sessões, sem dizer uma palavra. Eu, que já não aguentava seu silêncio, numa das sessões, disse-lhe: -*P., tente descrever algumas imagens que lhe vieram à mente nestes quatro meses.* Ele ficou mais uns minutos calado e depois começou timidamente a falar: - ---*Uma imagem me impressionou. Estava numa caverna, só, calado, no escuro. Tinha medo, sabia que*

podia me virar, ver a luz na entrada e sair. Mas uma força maior me impelia para escuridão. Chorando, continua: *Agora me lembrei, minha mãe conta que na infância, de repente, parei de falar. Passei dois anos num total mutismo. Agora me veio uma luz. Acho que queria voltar ao útero. A vida não me atrai. Não acho graça em nada.*

Lacan ampliou a concepção de Freud sobre a transferência, ao afirmar que falsa conexão é transferência, deslocamento, substituição de um significante por outro significante, de uma significação para outra significação, elo intersubjetivo entre analista e analisante.[x]

Ambos, Lacan, em A *Direção da Cura e os Princípios do seu Poder*, e Freud, na *27ª Conferência Introdutória*, enfatizam a importância da transferência do analisante para o processo analítico. No dizer de Freud, ela é o verdadeiro objeto da Psicanálise que a distingue de outros métodos terapêuticos. Faz sentido, porque o objeto da Psicanálise é o inconsciente e a transferência é o inconsciente colocado em ato.[xi] O paciente, diz Freud, relata-nos a história íntima de sua vida, reproduzindo-a de maneira tangível, como se estivesse acontecendo, em vez de simplesmente lembrá-la. Não se trata apenas de lembrar, repetir, mas de reelaborar distorções de julgamento e percepções da realidade. Analista e analisante estão no mesmo barco da transferência. Ela é via de mão dupla, embora só o inconsciente do analisante esteja em causa.

F., depois de alguns anos de análise, numa das sessões, expressa seu desejo de ler Freud, fazer formação analítica... Passa algumas sessões voltando ao mesmo tema. E eu, calado, pois ele buscava minha aprovação. Ele se exasperou com meu silêncio, dizendo: -*Você é um analista de merda. Não sabe das coisas. Fica calado porque não sabe o que dizer. Acho que você deveria vir para o divã e eu me sentar na sua poltrona. Faria melhor que você.*

Ao perceber que ele, no processo transferencial, queria ocupar o lugar do pai, em vez de ser como o pai, disse-lhe: -*Nesta cadeira sento eu. Um dia você terá sua cadeira como eu e vai poder se sentar nela como analista.*

Lacan fala de retificação subjetiva. A transferência é um ato de retificação, uma maneira de buscar os motivos das falsas conexões, nas quais o analista é envolvido. Isso não significa que o analista contradiga o analisante com suas verdades.

O amor de transferência está ligado ao não saber como dimensão. Como em toda neurose, o sintoma é tentativa de responder ao que não se sabe. A procura de análise se baseia nisso. A angústia proveniente da impossibilidade de nomear o que se quer leva à demanda. Colocando o analista no lugar do que sabe, o amor surge e por isso se diz que amar ignorando não é amar, é não saber. Na demanda, o sujeito faz uma exigência amorosa, não importa de quê, pois ele mesmo não sabe. *A.L.* não se cansava de dizer: - Você *só vai se lembrar de mim depois que eu morrer*. Um dia lhe disse: - *Você só pode ser amada morta?* Minha pergunta provocou então estas lembranças: -*Nasci quando mainha estava de luto pela morte da mãe dela, minha avó, e de dois irmãos, meus tios. Nos primeiros anos de vida só ouvia elogios à vovó morta, lamentos pela sua falta. Acho que quis morrer para ser lembrada e amada. Por isso minha vida se tornou uma queixa só, sem cor, sem sentido. Vontade de dormir, morrer, me apagar*. Ao se dar conta na análise que se identificara com a avó morta, para ser vista e lembrada pela mãe, começou a reagir, a querer ser outra pessoa. A vida começou a desabrochar para ela.

O analista deve sustentar sua posição de não atender à demanda, até porque é impossível satisfazê-la, uma vez que a demanda é constituída de palavras e as palavras jamais são idênticas a elas mesmas; representam um outro significante, um para além, um escorregamento da demanda no objeto do desejo. É justamente ao dirigir sua demanda - de cura, de alívio de sofrimento, de conhecer-se - que o analisante faz deslizar o desejo. Desejo disfarçado, situado naquilo que na fala corresponde à enunciação e não ao enunciado: nas pausas, nos intervalos, nos atos falhos.

Cabe ao analista permitir a emergência do desejo do sujeito que lhe demanda amor. A regra é associar livremente. Não atender a demanda preserva o espaço do desejo no processo analítico, permitindo aflorar o inconsciente, os significantes que marcaram o sujeito. Significantes da demanda do Outro ao qual se é assujeitado.

M. demonstrava incômodo em não ser uma boa profissional. Estava parada há muito tempo em relação a estudos e concursos. Separada há dois anos, com dois filhos pequenos, assume toda a responsabilidade de sustentar, cuidar e educar os filhos. Muito solicitada por eles, não consegue se concentrar para estudar. Não pode sair para se divertir. Fica em casa presa pelos filhos. Insatisfeita se queixa o tempo todo:

-*Estou desperdiçando minha vida, me sinto vazia, sem assunto. Tive um sonho sem importância, que não entendi. Estou num prédio, pela janela vejo minhas duas irmãs, pulando da varanda para um prédio mais alto. Elas sobem com facilidade. Me convidam a fazer o mesmo. Tenho medo. Tento, mas estou presa por fios de nylon. Fico paralisada. Inerte. Sinto-me impotente para subir outro patamar, presa aos fios.*

- *Continuo sem achar nada no sonho. Ando repetindo minha mãe. Ela também foi deixada pelo marido. Criou sozinha nove filhos. Enclausurada em casa, cuidando de nós. E a gente tinha que ouvir a choradeira dela o dia todo. Não só se prendeu, mas nos prendeu a ela, com medo da gente se perder na vida. (Sai) Saí dessa teia quando resolvi fazer vestibular e morar só. Me formei e consegui um emprego. Não sei por (que) quê, mas ainda me sinto infeliz. Sensação de vazio, presa e amordaçada. Presa aos fios de nylon. Tão finos que não consigo me livrar deles. -- Presa pelos fios?* Pontuo.

-*Minha mãe é do interior. Ouvi-a dizer repetidamente: Pelos meus fios [filhos] eu deixei tudo na vida. Como se a gente fosse culpada da sua infelicidade. Ela devia cobrar do safado do meu pai, que nos abandonou. Ela não quis receber nada dele. Criou a gente sozinha. Ora merda! Eu estou falando dela ou de mim? Estou repetindo esta bosta de vida! Abandonada pelo marido, presa em casa pelos filhos [fios], sem progredir na vida. Minhas duas irmãs que não têm filhos estão numa boa, progredindo. Eu estou aqui, presa por essas duas criaturinhas que amo e odeio. Isso não vai ficar assim. Vou atrás daquele cabra safado de meu marido. Vou exigir dele o que eu e meus filhos temos direito. Contratar uma boa babá. Organizar minhas manhãs para estudar. Preparar-me para um concurso e melhorar de vida. E ainda vou achar tempo para namorar.*

Nessa narrativa a expressão presa por fios de nylon, acionou a cadeia significante, que permitiu M. entender o quanto na sua vida repetia a história da mãe, numa identificação inconsciente, ficando, semelhante a ela, presa aos filhos [fios], deixando de ter vida própria.

Numa abordagem mais comportamental ou cognitiva poder-se-ia aconselhar: Procure seu marido e negocie com ele uma maior participação financeira e de tempo na educação dos filhos. Assim você poderá ter mais condições de realizar seus projetos. *M.* até poderia obter algum resultado, mas os significantes, presos por fios invisíveis não elaborados, iriam eclodir em outros espaços.

Se o analista responde à demanda fornece ao sujeito elementos especulares aos quais poderia identificar-se. As imagens fornecidas pelo analista vão prover o sujeito de um material para retocar o retrato, iludindo-o, invólucro para ele se sustentar por algum tempo. A alternativa do analista é redirecionar a demanda ao analisante, permitindo-lhe buscar o seu saber em vez de endereçá-lo ao analista. Não atender à demanda implica numa renúncia para o analista: calar para fazer falar o desejo do analisante. Para sustentar tal posição, é necessário o analista saber, a partir da experiência de sua própria análise, deste ponto de encontro com um vazio onde se esperava uma resposta, ou mesmo um significante que pudesse representá-lo totalmente.

G., há algum tempo, vinha se queixando do desamparo provocado pelo meu silêncio, questionando se valia a pena continuar a análise diante de minha presença ausente, diante de um morto vivo. O sonho foi a forma visual e figurativa que (R.) G. encontrou para expressar sua orfandade:

- *Estava no campo e me deparo com um pavão imenso, colorido, majestoso, a me olhar de cima.*

Associações:

- *Nada de especial, só um pavão. Era bonito. Chamava minha atenção seu olhar soberano. Quem me olhava de cima era meu pai. Morreu quando eu era pequeno. Estou deitado neste divã, porque ele se foi e me deixou só com minha mãe*.

Depois de um longo silêncio, pontuo a palavra *pavão*.

- *Pavão... Pai vão. Tive um pai em vão e hoje tenho um analista em vão, calado como múmia paralítica.*

A não satisfação da demanda leva o analisante a um estado de desamparo, que representa a única forma de confrontá-lo com o seu próprio desejo. Desejo que, na sua radicalidade, é impossível de ser satisfeito, desejo de nada, dor de existir, segundo Lacan.

O silêncio é muito mais que um simples calar-se do analista, pois lança o sujeito num lugar onde ele não tem outra saída a não ser deparar-se com o vazio, com a falta. Falta do objeto do seu desejo, irremediavelmente perdido.

A experiência do Analista

Freud propõe, em princípio, a quem vai dedicar-se à prática da Psicanálise, passar pela experiência analítica. Nisso a Psicanálise se diferencia da Ciência, porque é preciso,

para alcançar o desejo do analista, realizar primeiro a experiência de análise. Ele só vai saber o que é análise pela experiência. Para Lacan, um analista surge em uma análise.

Lacan, em suas elaborações sobre análise didática, diz que toda análise é didática e acrescenta: *Todo aquele que se analisou é analista, faça-o disso profissão (ofício) deverá recorrer aos textos*.[xii] Existe, portanto, uma condição: que o psicanalista de ofício estabeleça uma teoria e uma prática continuada aplicável e testável em extensão na Instituição, por meio de uma interlocução da práxis.

A experiência que se exige do analista não é vivência (*erlebnis*), mas acontecimento verbalizável (*erfharung*). É uma experiência que se passa entre analista e analisante, que não concerne ao saber adquirido, muito menos acumulável que se pode dispor no depois. É uma experiência única, singular. Essa experiência só é possível na análise, atrelada a um novo dizer, para o qual o analista nunca está pronto e acabado. É experiência do impossível de fazer experiência, pois, durante a experiência mesma, não se sabe o que se diz, e só se saberá depois do acontecido, se houve ato analítico ou não.

K. deita-se no divã e começa a se queixar de uma tremenda prisão de ventre, que dura dias:

- *Na ultima sessão me contive para não urinar no seu divã. Sou uma pessoa contida na vida, nas palavras, nas ações. Cerceado pela brabeza de minha mãe no passado e agora pela implicância de minha mulher. Vontade de esculhambar com todo mundo... Silêncio... vontade de dizer palavrões os mais cabeludos.*

- *Diga o que lhe vem à cabeça...* E ele desaguou seus impropérios com todos os nomes feios a que tinha direito... Depois se cala... E eu digo: - *Finalmente você cagou...* Ele levou um susto, pulou do divã e olhou para ver se tinha cagado, de fato, como fazia em criança. Pulava da cama e olhava perplexo seu mijo no colchão.

Os efeitos de uma análise resultam, portanto, de uma experiência singular, vivida a partir da transferência, na qual o inconsciente do analista e do analisante estão colocados em ato.

O analista guia o tratamento, mas não a vida do analisante. Guiar o tratamento é saber fazer advir o saber do analisante, fazer emergir esse saber inconsciente, que ambos, analisante e analista, ignoram. O analista precisa reconhecer o seu não saber da particularidade do desejo do analisante, posição que remete à castração, supostamente vivida na análise do analista.

O que aprendemos com Lacan é que o fio condutor da análise é o dizer do analisante. O analista rompe o pacto da significação, da compreensão suposta. Seu campo de atuação é o da fala e da linguagem, e os efeitos das articulações significantes que irrompem na fala do analisante.

Trata-se de privilegiar o literal, os tropeços da fala, os esquecimentos, atos falhos e os sonhos. No erro e na dissonância se presentificam ditos novos ainda não verbalizados. Esse saber, revelado pelas formações do inconsciente, se, por um lado, conduz a um saber, por outro, coloca-nos na impossibilidade de, através do Simbólico, dar conta do Real.

Na análise o que conta é o desejo do analisante e não o do analista. O analista tem desejo, mas não é o seu desejo singular que está em causa, e sim o desejo de ser analista. Desejo que a análise aconteça. Que o analisante fale. *V.*, após algum tempo de análise, começa a ter dificuldades em prosseguir. Diz: - *Não tenho mais o que falar, já falei tudo o que sabia*. Sugiro então que ele passe a falar do que não sabe. A associar livremente.

O fim da análise é saber o que fazer com o sintoma. Transformar sintomas em *sinthômes*.[xiii]

Y., ao iniciar sua análise, diz: - *Quando parava para pensar em que se transformara minha vida, imaginava a morte como a única saída*. *M.*, amiga a quem era mais ligada, suicidou-se, ateando fogo às vestes. Quando seu corpo começou a arder e do bueiro sair fumaça, alguém disse: - *Olha gente, M. virou nuvem*. Antes dela, outras duas haviam feito o mesmo. Todas jovens. –"*Entrei em parafuso" e comecei a alimentar a ideia de segui-las. Datam daí as queimaduras de cigarro que fazia em minhas mãos e braços.*

Como último recurso, procurou a análise. Queria se ver livre sem precisar se destruir. Queria ter um objetivo, ter vontade de viver.

Após algum tempo de análise, começou a tecer tapetes em casa. A cabeça remoía: terapia, solidão, morte. Registrou um avanço: sentiu fome de madrugada e fez umas panquecas que comeu com gosto. Em lugar do vinho, tomou leite. Tentou escrever um pouco, mas não conseguiu se concentrar. Tomou um comprimido para dormir. Pensou então que a morte já não estava tão perto.

No início eram trabalhos pequenos, com retalhos. Depois, investiu em cursos, já com o pensamento voltado para uma escolinha de arte.

Sozinha, sentiu o quanto reagia a deixar-se ajudar. Só se defendia acusando os outros. O tratamento conseguira fazê-la pensar numa série de coisas: -*Deixar de lado os tapetes, com a justificativa de que não haverá mais exposição? Ficar outra vez à toa? Nada disso. Voltaria a fazer tapetes.*

Escolheu, para morar, um lugar de ladeiras, coqueiros, sol e mar, colorido como os tapetes que *saíam de suas mãos.* Reencontrou amigos. Construiu novas amizades. Não tem mais vontade de morrer.

Não basta conhecer os sintomas. É preciso apropriar-se da imagem corporal, colocar-se diante das próprias ideias e pensamentos, sair da posição objeto de desejo para a de sujeito desejante; quebrar os laços que faz cada um prisioneiro e repetidor do discurso do Outro; assumir ideias e pensamentos próprios. Enfim, a análise representa a passagem de analisante a analista. Como diz Mariel Wescamp:

> Na passagem de analisante a analista há uma porta, que tem um resto, que faz sua divisão, a dobradiça. Esta divisão não é outra que a ruptura do sujeito, da qual é resto e causa[xiv]. O sujeito vai abdicar da segurança que tomava do fantasma, janelas para o real e perceber que o desejo não é mais que *um dizer*, atravessamento do fantasma.

D.C., concluindo sua análise, diz:

-Começo vida nova. Iniciei a análise de controle. Sinto-me realizado. Gosto das conversas com K. sobre os analisantes. Diminuem as distâncias entre nós. Sonho atravessando o mar num barquinho. Sigo as orientações pelo rádio, vindas de um navio que me seguia ao longe. Navego no meu barco, fazendo sozinho a travessia. Algo de novo começa acontecer. Sinto-me responsável pelo trabalho de analista e professor. Ganho meu dinheiro, me aprimoro na arte de falar. A embarcação que me segue ao longe significa a presença do supervisor, ora confortante, ora perturbadora. Torna-se cada vez mais tranquila, porém distante a presença dele. Navegar é preciso, viver não é preciso. *O porto seguro vai ficando distante. Remo sozinho em novos mares.*

D.F. continua:

-Hoje longe de tudo e de todos, aprecio o silêncio. Estou só, com o ar que respiro. Sinto a respiração sem palavras, sem gestos, sem barulho, presença de um retrato de família dentro de mim.

Este retrato de família

Está um tanto empoeirado.
Já não se vê no rosto do pai
Quanto dinheiro ele ganhou.
.....
A moldura deste retrato
Em vão prende suas personagens.
Estão ali voluntariamente,
Saberiam – se preciso – voar.
.....
O retrato não me responde,
Ele me fita e se contempla
Nos meus olhos empoeirados.
E no cristal se multiplicam.
(A Rosa do Povo, 1945)

No fim da análise o analisante se torna analista de ofício ou não e, se for analista de ofício, será demandado a se tornar *semblante* para outros analisantes que virão e a análise continua em extensão na Instituição.

O paradoxal dessa práxis só tem referência no singular da clínica, ela aponta para o aperfeiçoamento da teoria e não pode ser relatada cabalmente pelo analista, senão como experiência de uma falta. Trata-se do impossível da transmissão, tanto pelos limites da linguagem para nomear a emergência do sujeito, quanto pelo incalculável do ato analítico.

Há uma impossibilidade lógica de nomear *analista de experiência*, pois em cada análise se reinventa a Psicanálise, também de dar conta da análise na transmissão. Quem termina a análise não pode testemunhar cabalmente o acontecido ali.

Fim de análise não é uma festa. É elaboração e luto. Depois de retirar as máscaras das identificações e ilusões e despossuindo-se de si mesmo, cabe até se perguntar: *Cheguei a existir um dia?* Constatação de ter ocupado um lugar designado pelo Outro, antes mesmo de nascer, numa trama significante que envolveu gerações. Consciência de um vazio que nunca será preenchido.

A análise em extensão na Instituição nos permite continuar falando dessa falta na interlocução da práxis com outros.

[1] João Fernando Calsavara, psicanalista, Membro Efetivo do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise.

[1] Pais, Amélia Pinto. Padre Antônio Vieira – *O Imperador da Língua Portuguesa*. Editora Âmbar. Lisboa, 2008.
[1] Klimke, F. *História de La Filosofia*. Editorial Labor. Madrid, 1947.
[1] Lacan, J. Seminário 16 – *De um outro a Outro*. Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1968.
[1] Lacan, J. *Le Sinthome*. Seminário 23. Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro.
[1] Zubermann, *El Psicoanálises como Experiencia*. Editora Letra Viva. Buenos Aires, 2004.
[1] Lacan, J. Seminário 11 – *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro, 1964.
[1] Lacan, J. *Ciência e Verdade – Escritos*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1965.
[1] Lacan, J. *Ciência e Verdade – Escritos*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1965.
[1] Lacan, J. *A carta roubada* (1972) Escritos, Jorge Zahar Editor.
[1] Freud, S. *Análise Leiga*. SEB. Vol. XX.
[1] Lacan, J. *O Ato Psicanalítico*. Seminário 15. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.
[1] DOMB, B. *El Psicoanálisis como Experiência*. Ed. Letra Viva. Buenos Aires, 2004.
[1] Wescamp, M. *Fim de Análise*. (Artigo).

SEMINÁRIO 2

Ainda somos os mesmos
E vivemos
Como os nossos pais... [1]

Marcelo Veloso[6]

Em verdade, em verdade,
vos digo: se o grão de trigo
que cai na terra não morrer,
permanecerá só; mas, se
morrer, produzirá muitos
frutos.
(João, cap.12, 24)

Uma observação ao título que coloquei nesse meu trabalho. Lá pelos anos 70, 80, apreciava escutar essa canção de Belchior, porém me incomodava o que ele dizia, agravado pela voz de Elis Regina, a *prima donna* dos rebeldes: *somos os mesmos e vivemos como nossos pais*. Como? Nós não queríamos virar a sociedade de

[6] Marcelo Augusto Veloso, psicanalista, Membro Efetivo do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise.

ponta-cabeça, inclusive a família. Como esses dois porta-vozes da nossa geração tinham a pretensão de gritar aos quatro ventos uma barbaridade dessas? Após essas décadas, cá estou eu colocando essa heresia, abrindo o meu trabalho sobre pais e filhos.

Sempre me prendeu a atenção a referência de Freud à "*história*" [2] das pessoas que procuram análise: o romance familiar do sujeito. Acho também interessante esta aproximação feita por Freud entre as relações familiares do sujeito com a escrita literária. Por um lado, ele chama a atenção para a tessitura do indivíduo; por outro, aponta para a escuta. O indivíduo é tecido por esses fios, aparentemente frágeis, porém, tenazes. Escuta-se alguém, em Psicanálise, do mesmo modo como se lê um romance, uma poesia, um teatro, um filme. Isto é, essa leitura não busca um conhecimento, não pretende encontrar asserções, pelo contrário, deixa-se embalar na rede das palavras, na rede significante. Por sinal, Freud, ao elaborar seu pensamento sobre o mito fundador de cada pessoa, lança mão de dois grandes textos trágicos da literatura ocidental: *Édipo Rei*, de Sófocles, e *Hamlet*, de Shakespeare. É sintomática a escolha dessas duas referências. Aí, Freud nos aponta para o fato de que nos originamos de uma tragédia e que essa tragédia nos é sugerida também pela Literatura (portanto, sugere-nos também a importância desse tipo de escrita para o artesão, cujo ofício é escutar a palavra do outro). A partir dessa observação, apareceu-me o desejo de acompanhar Freud no seu percurso entre Édipo e Hamlet para ver como ele vai tecendo essas duas tragédias a fim de afirmar que nós somos uma trama desses dois clássicos personagens.

Apesar de Freud já ter mencionado alguns comentários às tragédias de Édipo e Hamlet em cartas dirigidas a Fliess, [3] em 1897, é na *Interpretação dos Sonhos* (1899) que ele começa a desenvolver seus comentários sobre a trama desses personagens. [4] Limitar-me-ei a essa obra de Freud, apesar de haver outros momentos em que ele continuará se referindo a essas duas tragédias. Nessa obra, Freud se pergunta o motivo pelo qual a tragédia de Édipo comovera tanto os gregos, assim como comovia seus contemporâneos. Na tentativa de responder a essa indagação, afirma que deve existir, no íntimo de cada um, uma voz pronta a reconhecer a força coativa do destino de Édipo. Tal destino comove seus contemporâneos porque esses reconhecem em Édipo seu próprio destino. Isso porque, antes do nascimento, o destino decretou a mesma maldição para Édipo e para todos os humanos. Se pudéssemos falar de Antropologia na construção teórica de Freud, poderíamos afirmar que sua Antropologia se fundamenta numa tragédia da qual nenhum humano escaparia. É uma tragédia porque não há escapatória para alguém, ninguém se salva desse destino e nenhum salvador a ninguém salvaria.

Os nossos sonhos nos dão conta, diz Freud, de que nosso primeiro impulso sexual tem como alvo a mãe e que o primeiro ódio e desejo de violência tem seu alvo no próprio pai. Interessante observar é que, na tragédia de Sófocles, Édipo, apesar de ser capaz de resolver enigmas, é só *a posteriori* que vai ficar sabedor e sentir-se culpado do duplo crime: o assassinato do seu pai e a transgressão do incesto. Se Édipo, apesar de decifrar enigmas, só *a posteriori* fica sabendo do seu duplo desejo, a situação de Hamlet é diversa. Esse último já entra em cena como um atormentado pela culpa de desejar a morte do pai e ficar com a mãe. Ele é culpado e atormentado *a priori*. Creio que Freud, trazendo à cena *Hamlet*, aponta para o

fundamento do sujeito. Esse teria como fundamento o desejo destas duas transgressões: o assassinato do pai e o desejo da mãe como sua mulher. Freud associa *Édipo* a *Hamlet* para esclarecer esse fundamento. A propósito desse fundamento trágico da humanidade, podemos perguntar se o relato de Adão e Eva também não apontaria para esta condição trágica do sujeito: trabalhar, parir, sofrer, morrer – ser expulso do Paraíso, o desmame da mitologia judaico-cristã? É verdade que o Judaísmo e o Cristianismo irão fazer uma torsão nesse mito e apontar uma saída, a Terra Prometida, seja na sua versão religiosa ou social, que seria o desejo de retorno a esse seio materno. Convém observar que no mito de Gênesis não se encontram os desejos presentes em Édipo e Hamlet, mas que ele aponta para uma transgressão fundante perpetrada e suas respectivas consequências. Esse fundamento trágico parece que também sugere que a decadência paterna seria intrínseca ao próprio fundamento. Para que a lei exista, o pai teria que ser decadente (*aquele que caiu*). Não é isto que aparece em *Totem e Tabu*, o pai que foi abaixo, e que, por esse motivo, torna possível a convivência entre os indivíduos? A propósito, observando as pinturas renascentistas das Madonas de todos os grandes pintores desse período, percebemos que elas sempre representam Maria apenas com seu filho no colo, raramente aparece o pai desse menino; ao contrário, podemos perceber que se insiste nessa mãe reduplicando-a pela avó desse menino: Ana, Maria e seu filho. José caiu fora da tela.

Ainda na *Interpretação dos Sonhos*, Freud vai fazer referência à tragédia de Shakespeare, *Hamlet*. Diz ele que a tragédia de Shakespeare trata do mesmo assunto que aparece em *Édipo Rei;* no entanto, ele afirma que há uma diferença fundamental entre as duas, diferença que atribui ao recalque progressivo da humanidade. No caso de *Édipo*, a fantasia infantil vem à luz e é realizada como num sonho (a própria Jocasta, tranquiliza seu filho, pois todos os filhos já teriam tido esse sonho). [5] Em *Hamlet*, esse desejo permanece recalcado e a sua existência só passa a ser conhecida pelos seus efeitos inibidores. Hamlet é aprisionado pela hesitação em executar ou não o que lhe é incumbido. Apesar de Freud apontar para o progressivo recalque da humanidade (*Édipo* representaria uma determinada época da humanidade; *Hamlet*, uma posterior), podemos perguntar se de fato, houve esse progresso ou se esse desejo já não estaria lá nos fundamentos humanos. É bom não esquecer que a época de Freud vive sob o signo da evolução representada perfeitamente pela teoria de Darwin, que essa evolução convinha à razão moderna razão essa que começou a vir abaixo nos inícios do século XX.

Temos aí, então, o protótipo do romance familiar, uma fusão entre *Édipo* e *Hamlet*, com o arremate dos *Irmãos Karamazov*, de Dostoiévski, no qual cada um dos irmãos deseja assassinar o pai. [6] Parece-me, pois, que essas três obras, segundo Freud, apontam para o mito fundador da decadência paterna.

Quero fazer uma observação preliminar a respeito do que escrevi sobre esse tema em Lacan. Meu trabalho foi tentar apreender, na medida do possível da minha leitura, o que ele expõe em sua obra *Os Complexos Familiares*, limitando-me à Introdução e ao Capítulo 1. Portanto, está mais para uma síntese.

Jacques Lacan é convidado a escrever um texto sobre Família para a *Encyclopédie*

Française, cuja publicação dar-se-á em 1938. Seu escrito é publicado com o título *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo.* Como fiz na parte que dediquei a Freud, irei percorrer essa obra lacaniana.

Introduzindo o tema, Lacan afirma que a família, inicialmente, surge como um grupo natural de indivíduos unidos por uma dupla relação biológica: a *geração* que fornece os indivíduos que compõem o grupo e as *condições materiais* que asseguram a manutenção dos jovens e adultos.

À diferença das espécies animais, a espécie humana é caracterizada por um desenvolvimento singular das relações sociais. Essa singularidade é acompanhada por uma economia paradoxal das pulsões que se mostram suscetíveis de conversão e inversão. A conservação e o progresso da espécie humana são obra coletiva e constituem a cultura. A cultura introduz uma nova dimensão na realidade social e na vida psíquica. Essa dimensão especifica a família humana, como, de resto, todos os fenômenos sociais humanos.

Mesmo que a família, inicialmente, possua traços instintivos de uma família biológica, podemos perceber que as instâncias culturais dominam as naturais, tais como as funções maternas, isso é mais evidente em se tratando da paternidade e da adoção. Sem dúvida, a família é uma instituição e, como tal, possui organização, leis, regras, interdições que estabelecem seu funcionamento. A análise psicológica, e eu diria psicanalítica, terá que levar em consideração essa complexa estrutura.

Entre todos os grupos humanos, a família é quem desempenha o papel primordial de transmissão da cultura do grupo ao qual ela pertence: a família oferece a primeira educação, reprime as pulsões, transmite a língua materna. Mesmo que outros grupos, na sociedade, possam exercer essas funções, a família possui a primazia absoluta, envolvendo o sujeito em seu consistente enredo. Única em relação aos outros grupos, a família preside a organização das emoções, transmite as estruturas de comportamento e de representação, cujo jogo ultrapassa os limites da consciência. Desse modo, a família estabelece, entre as gerações, uma continuidade psíquica, cuja causalidade é de ordem psíquica.

Antes de abordar, especificamente, os complexos familiares, Lacan fará uma aproximação entre *complexo* e *imago*. Esse conjunto a que se nomeia de *complexo* (conjunto de representações e recordações de forte valor afetivo) [7] não exclui que o sujeito tenha consciência do que ele representa. Mas foi como fator essencialmente inconsciente que Freud o definiu inicialmente; como tal, ele seria a causa de efeitos psíquicos não dirigidos pela consciência, tais como os atos falhos, os sonhos e os sintomas. Esses efeitos, inconscientes, por sua conformação são designados pelo nome de *imago.* Complexos e imagos revolucionaram a Psicologia e, em especial, a Psicologia da família, lugar dos complexos mais estáveis e típicos. Os complexos se apresentam com o papel organizador no desenvolvimento psíquico.

Lacan destaca três complexos no desenvolvimento psíquico do sujeito: o *complexo do desmame*, o *complexo da intrusão* e o *complexo de Édipo*. Tentarei chamar a atenção para aquilo que acho mais importante.

1. O *complexo do desmame*

O *complexo do desmame* funda os sentimentos mais arcaicos e mais estáveis que unem o indivíduo à família. É o complexo mais primitivo do desenvolvimento psíquico; marcado pela cultura, difere radicalmente do instinto. Nesse horizonte, é uma regulação cultural que condiciona o desmame. Independente do tipo de condicionamento, o desmame é, frequentemente, um traumatismo psíquico, cujos efeitos individuais revelam suas causas à Psicanálise.

De qualquer maneira, o desmame deixa no psiquismo humano o traço permanente da relação biológica que ele interrompeu. Essa crise vital se duplica numa crise do psiquismo, cuja solução terá uma estrutura dialética. Pela primeira vez, uma tensão vital se resolve por uma intenção psíquica. Por essa intenção, o desmame é aceito ou recusado, porém essa intenção é bastante elementar, uma vez que não pode ser atribuída a um *eu* ainda em estado rudimentar. Não se trata de uma escolha, precisamente por ser esse um estado rudimentar do *eu;* por esse motivo, não há uma contradição, mas sim a sustentação simultânea da afirmação e da negação, que são polos contrários, determinando uma atitude ambivalente, mesmo que uma delas possa prevalecer.

Após o décimo segundo mês, a criança ainda não concluiu o reconhecimento do próprio corpo nem a noção do que lhe é exterior. Porém, ainda cedo, certas *sensações exteroceptivas* se isolam em unidades de percepção; essas unidades seriam seus primeiros interesses afetivos. Devemos destacar, como um fato de estrutura, o interesse precoce que a criança manifesta diante do rosto humano. Este adquire, por sua vez, o valor de expressão psíquica e social. Entre essas reações eletivas, destaquemos o conhecimento muito precoce da presença que a função materna preenche. Esse conhecimento permanece inteiramente comprometido com a satisfação das necessidades próprias aos primeiros meses de vida e com a ambivalência típica das relações psíquicas que nela se esboçam.

As *sensações proprioceptivas* de sucção e de preensão constituem a base dessa ambivalência da vivência que decorre da própria situação: o ser que absorve e é inteiramente absorvido e o complexo arcaico lhe responde no abraço materno. A esse quadro Lacan chamará de *canibalismo fusional*, simultaneamente ativo e passivo, que sobrevive sempre nos jogos e nas palavras simbólicas.

Esse conjunto não pode ser destacado do caos das *sensações interoceptivas* de onde emerge: a angústia do indivíduo pela asfixia do nascimento, o frio legado à nudez do tegumento e o mal-estar labiríntico a que corresponde a satisfação do acalanto. Esse mal-estar tem a mesma causa: a ruptura da vida intra-uterina e a insuficiente adaptação às condições do novo ambiente.

O desmame dá expressão psíquica, a primeira e também a mais adequada, à imago mais obscura de um desmame mais antigo, mais penoso e de maior amplitude vital: aquele que, no nascimento, separa a criança da matriz, separação prematura da qual provém um mal-estar que nenhum cuidado materno pode compensar.

Constituída dessa maneira, a *imago* do seio materno domina toda a vida do sujeito. Essa constatação faz-me lembrar a abundância de pinturas e esculturas de Jesus Cristo retirado da cruz e depositado no seio de sua mãe. Há um filme de Ingmar Bergman, *Gritos e Sussuros* no qual, em uma cena, a filha, já adulta, é acolhida no colo da mãe, numa réplica da Pietà de Michelangelo.

A relação orgânica, sua base material, explica por que a *imago* da mãe se atém às profundezas do psiquismo e que sua sublimação é particularmente difícil, que pode manifestar-se na duração anacrônica desse elo. A *imago*, no entanto, deve ser sublimada para que novas relações se introduzam com o grupo social. Na medida em que a *imago* resiste a essas novas exigências, ela, a *imago*, salutar na origem, torna-se fator de *morte*.

2. O *complexo da intrusão*

O homem conheceu Eva, sua mulher; ela concebeu e deu à luz Caim... Depois ela também deu à luz Abel, irmão de Caim... Entretanto Caim disse ao seu irmão Abel: "Saiamos". E, como estavam no campo, Caim se lançou sobre seu irmão Abel e o matou. ***[8]***

O *complexo de intrusão* representa a experiência que o sujeito primitivo realiza quando se reconhece como tendo irmãos. As condições para tal são variáveis, conforme as culturas e, simultaneamente, dependem das contingências individuais do lugar que a sorte lhe atribuiu na ordem do nascimento: na posição de abastado ou de usurpador.

Em crianças entre os seis meses e dois anos, quando juntas, deixadas à sua espontaneidade, podemos observar haver uma rivalidade entre elas. Nesse estádio, esboça-se o reconhecimento de um rival, ou seja, de um *outro* como objeto. Para além desse período, outras reações podem ser observadas e com outra valência, como, por exemplo, a exibição, a sedução e o despotismo entre as crianças. Nessas situações, podemos observar não um conflito entre dois indivíduos, mas, sim, um conflito em cada sujeito entre duas atitudes opostas e complementares, e essa participação bipolar é constitutiva da própria situação. Nesses casos, isto é, na exibição, na sedução e no despotismo, realiza-se o seguinte paradoxo: cada parceiro confunde a parte do outro com a sua própria e com ele se identifica. Essa situação de ambiguidade fica melhor esclarecida se for levado em consideração o valor inteiramente imaginário da relação. Essa ambiguidade original será novamente encontrada no adulto por ocasião de uma paixão do ciúme amoroso, no qual o poderoso interesse pela imagem do rival, mesmo que se afirme como ódio, confunde nele, no adulto, a identificação e o amor.

O papel traumatizante do irmão é, pois, constituído por essa intrusão. O fato e a época do seu aparecimento determinam sua significação para o sujeito. A intrusão parte do recém-chegado para infestar o ocupante, colocado na posição de paciente. A reação do paciente ao traumatismo depende do seu desenvolvimento psíquico.

Se o intruso sobrevém após o complexo de Édipo, ele é adotado na maioria das vezes no plano das identificações parentais. Ele não é mais, para o sujeito, o

obstáculo, mas uma pessoa digna de amor ou de ódio. O irmão fornecerá o modelo arcaico do *eu*; nesse caso, o papel de agente cabe ao primogênito como sendo o mais acabado.

3. O complexo de Édipo

Mata, sim, mata o velho safado! Mata e enterra o velho e a lágrima no quintal! Velho safado! , diz Hilda, uma das cinco filhas prostituídas pelo pai. [9]

É a partir da análise das neuroses que Freud chega ao complexo de Édipo. Ele confere a esse complexo a forma específica da família humana e lhe subordina todas as variações sociais da família.

Para a Psicanálise, em torno dos quatro anos de vida, a criança chega ao auge das suas pulsões genitais. Fixando a criança a um desejo sexual pelo progenitor do sexo oposto, essas pulsões fornecem sua base ao complexo; a frustração delas forma o seu nó. Essa frustração é atribuída, pela criança, a um terceiro objeto que lhe frustra sua satisfação: o progenitor do mesmo sexo.

A frustração que a criança sofre é acompanhada de um recalque educativo que impede qualquer realização dessas pulsões. Nesse mesmo horizonte, a criança adquire uma intuição da situação que lhe é proibida, tanto pelos sinais discretos e difusos que traem as relações parentais, quanto pelos acasos intempestivos que as desvelam para ela. Mediante esse duplo processo, o genitor do mesmo sexo se apresenta para a criança como o interditor e, simultaneamente, o transgressor dessa interdição.

A tensão assim constituída se resolve, por um lado, por um recalcamento da tendência sexual que permanecerá latente até a puberdade; por outro lado, ela se resolve pela sublimação da imagem parental que perpetuará na consciência um ideal representativo. Esse duplo processo tem uma importância fundamental, pois permanece inscrito no psiquismo em duas instâncias permanentes: a que recalca se chama *supereu*; a que sublima, *ideal do eu*. Elas representam o acabamento da crise edipiana.

A descoberta freudiana desse drama psíquico familiar foi uma preciosa contribuição para a Antropologia, no que diz respeito à estrutura da família e às interdições que esse grupo formula universalmente e que têm por objeto o intercâmbio sexual entre alguns dos seus membros. Além dessa descoberta, Freud vai afirmar que a família é fundada em uma dissimetria na situação dos dois sexos em relação ao Édipo. O processo que vai do desejo edipiano ao recalque só no menino aparece tão simples. De fato, o desejo edipiano aparece muito mais intenso no menino em direção à mãe. Do mesmo modo, o recalque revela traços que só podem ser justificados se é exercido do pai para o filho. Aí se encontra o cerne da castração.

O aparelho psíquico da sexualidade se revela, na criança, sob as formas mais aberrantes em relação aos seus fins biológicos, e a sucessão dessas formas dá testemunho de que é por meio de uma maturação progressiva que ele se conforma à organização genital. Essa maturação da sexualidade condiciona o complexo de

Édipo, formando suas tendências fundamentais, mas, inversamente, o complexo a favorece, dirigindo-a para os seus objetos.

O movimento do Édipo se opera, com efeito, mediante um conflito triangular no sujeito. Como no desmame, a mãe é o objeto primeiro dessa tendência. Desse modo, podemos compreender que esse desejo se caracteriza melhor no homem. De modo oposto, na mulher, o objeto materno, desviando uma parte do desejo edipiano, tende a neutralizar o potencial do complexo e, com isso, seus efeitos de sexualização, mas impondo uma mudança de objeto.

Vemos, assim, a influência do complexo psicológico sobre uma relação vital e é por esse viés que ele contribui para a constituição da realidade. O complexo de Édipo, ao mesmo tempo em que marca o ápice da sexualidade infantil, também é o móvel do recalque que reduz suas imagens ao estado de latência até a puberdade; se ele determina uma condensação da realidade no sentido da vida, também é o momento da sublimação que no sujeito abre sua extensão desinteressada para essa realidade.

As formas sob as quais se perpetuam esses efeitos são designadas como *supereu* ou *ideal do eu*, conforme sejam inconscientes ou conscientes para o sujeito. Elas reproduzem a *imago* do progenitor do mesmo sexo, *o ideal do eu* contribuindo assim para o conformismo sexual do psiquismo.

Quanto ao recalque da sexualidade, essa concepção se baseia na fantasia de castração. O material da experiência analítica sugere uma interpretação diferente daquela de uma castração anatômica. A fantasia de castração é precedida por toda uma série de fantasias de despedaçamento do corpo que vão, regressivamente, da deslocação e do desmembramento, passam pela eviração, pelo eventramento e chegam até à devoração e ao amortalhamento.

A fantasia de castração se relaciona com a mãe como seu objeto: sua forma, nascida antes de qualquer referência ao próprio corpo, antes de qualquer distinção de uma ameaça do adulto, não depende do sexo do sujeito. Ela representa a defesa que o *eu* narcísico, identificado ao seu duplo especular, opõe à renovação da angústia que, no primeiro momento do Édipo, tende a abalá-lo, crise que não ocasiona tanto a irrupção do desejo genital no sujeito quanto o objeto que ele reatualiza, a saber, a mãe. À angústia despertada por esse objeto o sujeito responde reproduzindo a rejeição masoquista com a qual ultrapassou sua perda primordial (o desmame?), mas ele a opera segundo a estrutura que adquiriu, ou seja, numa localização imaginária da tendência.

Para definir, no plano psicológico, essa gênese do recalque, devemos reconhecer na fantasia de castração o jogo imaginário que o condiciona; na mãe, o objeto que a determina. Ainda que o *supereu* já receba somente do recalque materno, por meio das disciplinas do desmame e dos esfíncteres, traços da realidade, é no complexo de Édipo que ele ultrapassa sua forma narcísica.

Aqui se introduz o papel desse complexo na sublimação da realidade. Deve-se partir da solução do drama, isto é, da identificação. É em virtude de uma identificação do sujeito com a *imago* do progenitor do mesmo sexo que o *supereu*

e *o ideal do eu* podem revelar à experiência traços conforme às particularidades dessa *imago.* Uma análise estrutural da identificação edipiana permite, no entanto, reconhecer-lhe uma forma mais distintiva. O que aparece inicialmente é a antinomia das funções que a *imago* parental desempenha no sujeito: por um lado, ela inibe a função sexual, mas sob uma forma inconsciente, pois a experiência mostra que a ação do *supereu* contra as repetições da tendência permanece tão inconsciente quanto a tendência permanece recalcada; por outro lado, a i*mago* preserva essa função, mas a salvo de seu conhecimento. Assim, se a tendência se resolve sob as duas formas maiores, inconsciência/desconhecimento, a própria *imago* aparece sob duas estruturas, cujo afastamento define a primeira sublimação da realidade. Entretanto, não se ressalta suficientemente que o objeto da identificação não é aqui o objeto do desejo, mas aquele que, no triângulo edipiano, se opõe a ele.

NOTAS

[1] Belchior, *Como Nossos Pais.*

[2] Coloco as aspas na palavra história porque não se trata de uma pura recordação de eventos pessoais, familiares, porém uma leitura, uma hermenêutica, pela qual o indivíduo faz seu passado tornar-se presente. Ao usar o termo *hermenêutica*, uso-o a partir das intuições de Heidegger, para quem o tempo é o horizonte de toda compreensão e de Gadamer, para quem a tradição determina o sujeito. A aproximação desses dois filósofos, para o campo da Psicanálise, leva-me a entender *hermenêutica* como sendo a leitura que faço da minha história vista a partir da tradição que me determinou; no presente caso, as tradições dos complexos familiares veiculadas pela minha fala. Lembro, como ilustração desse modo de recordar o passado, a obra de Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*, especialmente o VII volume da tradução brasileira, *O Tempo Redescoberto*. No discurso do analisante há um cruzamento entre a sincronia e a diacronia, abolindo-se, portanto, a cronologia nesse relato. É uma leitura do seu próprio romance. Lembro, a propósito, que Kierkegaard nos surpreende dizendo que não existe história universal, mas sim individual. A própria história é que é prenhe da verdade do sujeito.

[3] Vide correspondências de 31 de maio e 15 de outubro de 1897, Masson, J. M., *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess*, 1887-1904, Cambridge, Massachusetts and London, England: The Belknap Press of Harvard University, 1985.

[4] Freud, Sigmund, *Freud Opere*, v.3, 1899, *L'Interpretazione dei Sogni*, Torino: Paolo Boringhieri, 1967.

[5] *Por que se afligir em tantos temores, se o homem não sabe do futuro? O melhor é entregar-se ao destino. Profanar o leito de tua mãe ainda te aflige: mas quantos têm havido que o fazem em sonhos... Bem mais fácil e tranquilo é o viver daquele que não dá importância a tais coisas.* Sófocles, *Édipo-Rei*, tradução de Jean Melville, p.59, São Paulo: Editora Martin Claret, 2008.

[6] Dostoievski coloca como epígrafe do seu romance a citação do Evangelho de João, cap. 12, 24, a mesma que inseri no início desse texto.

[7] Laplanche, J. e Pontalis, *Vocabulário da Psicanálise*, p.107.

[8] *Gênesis*, cap. 4, versos 1 a 8. *A Bíblia de Jerusalém*, São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

[9] *Os Sete Gatinhos*, Nelson Rodrigues, Teatro Completo, p. 877, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2003.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
DOSTOIEVSKI. *Os Irmãos Karamazovi.* Editora Nova Cultural, 1995.
FREUD. *L'Interpretazione dei Sogni.* V.3, Torino: Editore Boringhieri, 1967.
---------- *Totem e Tabu.* v.7, Torino: Editore Boringhieri, 1967.
---------- *L' Uomo Mosè e la Religione monoteística*. v.11, 1967.
JULIEN, Philippe. *O Pai Continua Sendo Necessário?* Entrevista publicada em Adital http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=34408, concedida a Graziela Wolfart, 2008.
LACAN, Jacques. *Os Complexos Familiares.* Tradução de Marcos Antônio Coutinho Jorge e Potiguara Mendes das Silveira Júnior, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. *Vocabulário da Psicanálise.* Tradução de Pedro Tamen, 5ª Edição, Santos: Livraria Martins Fontes, 1970.
MASSON, Jeffrey Moussaieff. *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess.* 1887-1904, Massachusetts and London: The Belknap Press of Harvard University Press , 1985.
MELMAN, Charles. *O Ressurgimento do Matriarcado.* Conferência proferida em 14.08.09, na FAFIRE, Recife.
O' NEILL, Eugene. *Longa Jornada Noite Adentro.* Tradução de Helena Pessoa, Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1958.
PRIESTLEY, J. B. *O Tempo e os Conways.* Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1957.
ROUDINESCO, Elisabeth. *A Família em Desordem.* Tradução de André Telles, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
_____ e PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise.* Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
RODRIGUES, Nelson. *Teatro Completo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 2003.
SÓFOCLES. *Édipo-Rei.* Tradução de Jean Melville, São Paulo: Martin Claret, 2002.
SHAKESPEARE. *Hamlet.* Tradução de Millôr Fernandes, Porto Alegre: L&PM, 2009.
TELLES, Sérgio. *Um Caldeirão de Afetos e Rivalidades.* Entrevista publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, caderno *Aliás*, 23.07.2006 por Andréa Barros.

(CORTINA)

Poemas de Ana Paula Guedes

Arroz
E querem crescer
Onde está o arroz
Para fazer risoto não
Para comer com os amigos
De grão em grão
A galinha enche o papo
Onde está a xícara de chá
E a espera
No médico
Onde está a garota
Que tem irmãos
Onde está o encontro
Onde está o amor
Que se fez real
E é forte
E como é forte!
E a vida
Onde está a vida
Ela está aqui
E tem que ir

Sair de bicicleta
De sair
E andar de bicicleta
Na calçada
No mundo
E no infinito
De andar
E parar para tomar café da manhã
E andar e parar
Onde está o sol?
E as estrelas?
Que vão me guiar
E vão me assaltar
A palavra

Arquitetura
O andar pela rua
A arquitetura
Assimétrica
Diz
A vida

Tantos sentimentos
Ou previsões
Do já vivido
E sensações vêm mais
Do que vai se viver
A banca de jornal
tantas revistas há
Num movimento
Com o café com leite na mão
Atravesso a rua
De azul
Vivendo
Aquilo
O sentimento é
Saber o que se vem
Mas o conforto do carinho
Que já se viveu
Volta
E vem para vida
Outra
Vez

TEXTO DE ZUBERMAN

El discurso capitalista y nuestra práctica

José Zuberman[7]

El psicoanálisis, nuestra práctica, suele ser presentado por sus detractores como el invento de un buen abuelito vienés que ya está pasado de moda, como el producto de una mente cargada de un perverso erotismo, como el producto de un cientifisista positivista, de un judío laico, de un pequeño burgués prejuicioso, etc.

Sin embargo, Freud sigue siendo la piedra angular en que se sostiene el psicoanálisis, y por ese lugar que tiene en las transferencias que genera, es sostenido o rechazado. Freud puede ser sostenido en ese lugar devotamente, lo cual genera adoración más que transferencia, y puede ser transferencialmente sostenido mediante el debate, el diálogo, la interrogación sistemática de su texto. El AÚN que hace presente

[7] José Angel Zuberman, psicanalista argentino, AE e AME, da Escola Freudiana de Buenos Aires, Argentina.

Lacan, quien sostiene un diálogo con Freud hasta el final, como nos lo dijo en Caracas, donde también nos invitara a sostener un diálogo con él a quienes así lo desearan.

Las preguntas de un analista surgen del diálogo que sostiene con quienes sostienen la piedra angular del cuerpo del psicoanálisis, —Freud, Lacan—, del diálogo cotidiano con sus colegas y de lo que de sus analizantes y de su tiempo-espacio le retorna.

Si es verdad que el mensaje vuelve invertido desde el lugar del Otro, también es verdad que quien escucha determina el discurso. El destino de un síntoma que interroga al sujeto o el destino de la angustia no será el mismo si lo escucha un sacerdote, un médico, un hipnotizador o un analista. Estas diferencias fueron largamente desarrolladas desde Freud hasta nuestros días. Con esas formulaciones vigentes surgen aún nuevas preguntas en este tiempo.

Al exceso racionalista de querer explicarlo "todo", a la poca crítica de los límites de la capacidad cognitiva de los racionalistas, hay quienes responden que la creencia es la única respuesta. Al "creo en lo que veo" de los empiristas que creen que los fenómenos naturales están encadenados causalmente, hay quienes responden que sólo la fe salva de este determinismo absoluto. El dilema era creer en un determinismo absoluto o en la divinidad. Ni uno ni otro da lugar al sujeto, que, preso de la Naturaleza o de Dios, no encuentra su lugar.

Freud responde al determinismo empirista y a la religión, situando el lugar del sujeto. Ni la razón explica todo ni Dios es el dueño de la criatura. El sujeto arma sus dioses, la razón tiene su fuente de opacidad que las formaciones del inconciente revelan. Así la cuestión de situar al sujeto, de interrogarlo pasa a ser la cuestión del psicoanálisis.

Al debate de su tiempo: "creo en lo que veo" o "creo en Dios", Freud responde creando otra razón, la del inconciente que responde a una legalidad distinta que la de la encadenamiento causal de los fenómenos naturales. Otra idea de tiempo, otra idea de causa, otra idea de sujeto que no alcanza a saberse a sí mismo, una idea de razón que no desconoce su punto de opacidad. Su teorización responde a las consultas que lo inquietan: el síntoma neurótico y a lo que de su tiempo lo interroga. Aún vigente, aún interrogado, aún fuente de nuestro saber, de motivación, aún fuente de nuestros debates siguen allí sus casos y sus escritos.

Si aquello es aún vigente como causa, no llama a ser sacralizado sino a ser trabajado desde las preguntas que nos causan quienes nos consultan y el tiempo que nos toca vivir. Lacan propone reelaborar el discurso freudiano desde una lógica más severa, intentando interrogar todo aquello que fue dicho y haciendo hablar a aquello que no fue dicho.

El discurso del Amo que ordena el par S1-S2 determinando el lugar del sujeto, que es de lo que se ocupa el psicoanálisis, ubica el lugar del síntoma neurótico. Interrogando el síntoma neurótico es que Freud sitúa el Inconciente, lo teoriza y lo clinica.

La sustitución del discurso del Amo por el discurso capitalista —dice Lacan en Milán el 12.V.72— abre una crisis que está abierta. El discurso capitalista, "ni débil ni tonto" sino "locamente astuto" tiene una eficacia distinta al discurso del Amo que nos toca atender. El discurso del Amo, produce objetos causa y formaciones de Inconciente que en estos cien años de psicoanálisis aprendimos a escuchar.

El psicoanálisis no puede y por eso tampoco se propone resolver los problemas de este mundo, pero sí puede situar el lugar del sujeto en cada discurso.

El discurso capitalista que Lacan califica como "insostenible" y "destinado a reventar" tiene efectos en el lazo social y por lo tanto en las manifestaciones que genera y nos llegan a las consultas, que son distintas del síntoma

neurótico. Los cuatro términos conocidos del discurso quedan definidos en los cuatro lugares y las flechas verticales que guardan el mismo sentido. Este sujeto que se dirige al saber situado encima de la barra no es el agente del discurso de la histeria que trae su pregunta y de ese modo puede instalar la suposición de Saber. El saber situado por encima de la barra, rota su relación al S1, queda situado en un lugar bastante parecido al conocimiento, ese "saber" situado en la conciencia que no sitúa pregunta, que se conoce plenamente.

No es el saber no sabido del discurso histérico, que es la producción que sorprende al sujeto, no es el saber que el Significante Amo no puede conquistar por imposible, ni mucho menos el saber del discurso del analista que queda bajo la barra. "Saber" que pretende conocer todas la variantes del producto y del mercado para alcanzar un éxito que no es del deseo, del saber del inconciente conquistando su objeto. Al cortar sus lazos con el objeto *a* trasnforma la causa en objeto de consumo, signo vaciado de deseo.

El discurso capitalista al romper el par ordenado S1-S2 "marcha sobre ruedas, eso no podría correr mejor pero marcha así velozmente a su consumación, eso se consuma, se consume hasta su consumisión". Este goce desenfrenado al consumo tiende a degradar el discurso mismo como lazo social y al degradarlo los motivos de consulta hoy ya no son dominantemente el síntoma neurótico que trae en sí la pregunta sino un pedido de ayuda frente a un sufrimiento que se padece sin que una pregunta sobre sí mismo lo acompañe. Estos motivos de consulta titulados de modos diferentes por distintos colegas, son efectos que el discurso capitalista, astuto, loco, y degradado, genera. Y que vamos estudiando para poder operar sobre ellos reiventando el psicoanálisis de nuestro tiempo, responsabilidad que nos compete.

En la clase del 6.I.71, en las charlas tituladas "El saber del analista", Lacan dice: "La historia muestra aún que este discurso vivió durante siglos, de un modo provechoso para todo el mundo, hasta un cierto desvío, en el que se volvió, en razón de un deslizamiento ínfimo que pasó inadvertido para los propios interesados, lo que lo especifica desde entonces como el discurso del capitalista, del que no tendríamos ningún tipo de idea si Marx no se hubiese dedicado a completarlo, a darle su sujeto: el proletario. Gracias a lo cual el discurso del capitalismo se expande donde quiera que reine la forma del Estado marxista.

"Lo que distingue al discurso del capitalismo es esto: la *Verwefung*, el rechazo, el rechazo fuera de todos lo campos de lo Simbólico, con lo que ya dije que tiene como consecuencia. ¿El rechazo de qué? De la castración. Todo orden, todo discurso que se entronca en el capitalismo, deja de lado lo que llamaremos simplemente las cosas del amor, amigos míos. ¿Ven eso, eh? No es poca cosa". Se trata de una sexualidad que al rechazar la castración –operación Simbólica- desvincula el goce del deseo y del amor, ofreciendo como solución para calmar el dolor que en lo Real causa, la droga, que suplementa o suple la función fálica. Una sexualidad que ofrece al sujeto otro que sabe de "eso" que a él le gusta pero lo expulsa como deseante y se desentiende del amor, no es la sexualidad freudiana que siempre causa pregunta, al no tener objeto adecuado para satisfacerla. Cortada también la relación al S1, significante mayor que sitúa al sujeto, queda éste boyando en busca de un éxito que lo puede situar ante otros y lo descoloca ante sí. Obstaculiza la pregunta misma qué quiero, adónde voy.

Nunca fue muy simpático reconocer el paso del tiempo en las arrugas para las mujeres o el decaimiento sexual para los varones, así como las diferentes evidencias de la castración. Pero nunca como hoy fue tan extendido el rechazo de esas evidencias de la castración en borrar sus marcas con la cirugía estética o el Viagra. Es un efecto del discurso capitalista que no existan más las canas de la abuela o que la abuela se nos

parezca tan similar a la mamá. No se trata de juzgarlo moralmente o lamentar lo que ya no está, sino de interrogarlo desde cada singularidad, ya que nos concierne la cuestión del sujeto.

Es que justamente el rechazo de la castración y el dejar de lado las cosas del amor atañe también al amor de transferencia. Frente a la compulsión al goce del consumo, frente a la imperiosidad de consumir saberes, viajes y aparatos que hay que comprar y tantas veces ni sabemos usar después, frente a la imperiosidad de producir y ganar para consumir ¿qué lugar queda para este amor de trasferencia que posibilita la cura y no se cotiza en plaza?, es la segunda cuestión que planteo.

Dificultades que no podemos no abordar porque son un efecto cotidiano del discurso capitalista que nos visita diariamente en el consultorio.

El objeto *a* deviene entonces objeto de consumo más que causa de deseo y se manifiesta también en la pormenorizada oferta de sexo que excluye la pregunta por lo femenino en el lugar de la causa, deja de lado las cosas del amor y rechaza la castración desanudando el deseo. Si la producción del objeto *a* como causa del amor queda tan rechazada como la castración, tenemos una doble dificultad en la formación de analistas, que deben ocupar el lugar del objeto *a* semblanteándolo para que allí reine. Es un tercer efecto del discurso capitalista que quiero señalar nos concierne, que es esta dificultad en la formación de analistas. Mientra es ascendente la producción de papers y aun libros sobre Lacan y el psicoanálisis se torna difícil formar analistas que sostengan su lugar en la dirección de la cura.

El lenguaje que nos determina y que con su falta nos sitúa insiste en traernos nuevas preguntas, aunque no sean más síntomas sino vía inhibiciones, trastornos alimentarios o adicciones que intentan aliviar el dolor en que un discurso que consume discurso, nos deja.

Reinventar el psicoanálisis es abordar estas preguntas, así como las eficacias que Lacan anticipaba. El modo de producción capitalista es facilitador del discurso capitalista, pero no se manifiesta unívocamente. Una ciencia sin pregunta, una tecnología que se presenta respondiendo a “todo”, o un discurso político que se presenta como camino sin fisuras hacia un futuro “científicamente demostrado”, como el stalinismo o el neoliberalismo son manifestaciones de este discurso destinado a reventar. En el análisis de estos efectos es que el Piscoanálisis tiene una eficacia de la que los analistas somos responsables de dar a conocer. En el análisis de la vida cotidiana: el barrio cerrado de los más ricos, la villa, el no conocer a los vecinos o el caminar al lado del amigo o la pareja con el walkman puesto, fueron anticipados por Lacan en la Proposición del 9 de octubre, cuando decía: “Sin embargo, esta exclusión posee una coordenada en lo Real, a la que se dejó en una profunda sombra.

Se trata del advenimiento, correlativo a la universalización del sujeto procedente de la ciencia, del fenómeno fundamental cuya erupción puso en evidencia el campo de concentración.

Quién no ve que el nazismo sólo tuvo aquí el valor de un reactivo precursor.

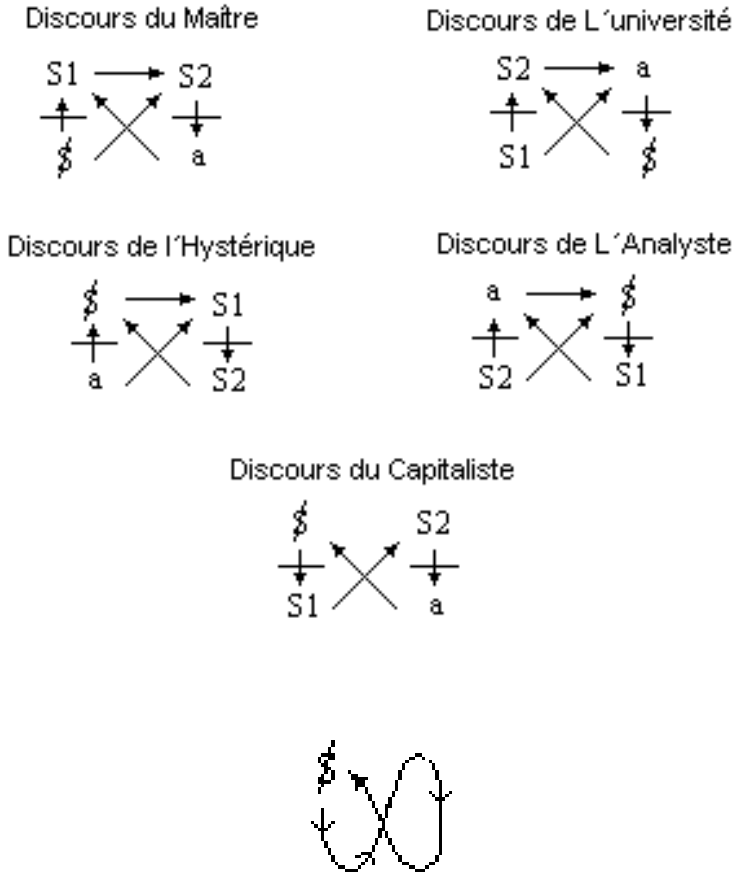
El ascenso de un mundo organizado sobre todas las forma de segregación, a esto se mostró aun más sensible el psicoanálisis, al no dejar a ninguno de sus miembros reconocidos en los campos de exterminio”.

En esta psicopatología de la vida cotidiana, el psicoanalista tiene la responsabilidad de dar a conocer su palabra, para ayudar quizás a que este discurso destinado a reventar, caiga cuanto antes.

No se trata de moralizar como buenos o malos los nuevos lazos de hombres y mujeres sino de interrogarlos desde la perspectiva de la posición del sujeto. Hay quienes son muy liberales con tal de que consuman y quienes son muy represivos porque eso no

debe existir, no es “natural”. Eso existe nos guste o no, lo califiquemos como lo califiquemos, e impone situar al sujeto allí donde la pregunta surja o la podamos incluir.

Empecé refirmando nuestro lazo con los S1 que nos determinan —Freud-Lacan- los diálogos entre analistas, con los textos y la clínica— objetos que nos causan anundando justamente lo que el discurso capitalista deja afuera.



TEXTO DE HECTOR

El niño autista, su madre y la ciencia actual

Hector Yankelevich[8]

[8] Héctor Yankelevich é psicanalista, de formação filosófica, antigo professor-adjunto da Universidade de Buenos Aires, foi um dos primeiros a introduzir o pensamento de Lacan na Argentina.

Hoy sabemos que no todos los niños que los analistas llaman autistas, lo son por problemas de la relación de la madre con ellos. También sabemos que lo que los psiquiatras y neurólogos adeptos de las llamadas neurociencias llaman autismo, dándole una causa genética, carece de extensión universal válida, ya que confunden autismo de origen psíquico con debilidades mentales orgánicas.

Hay niños con problemas genéticos, en quienes ciertos genes responsables de la morfogénesis, situados en la totalidad del ADN –que codifican para una cantidad de genes-blanco (*target*) que construyen el sistema nervioso– han sufrido una deleción, o una falla de transcripción. En la medida en que las modificaciones suceden en cascada, y que las homeoboxes1 (que consisten en pares de bases que dan un grupo de ácidos aminados) codifican para un homeodominio (proteínas, construídas por los aminoácidos, que tienen una acción sobre la transcripción de otros genes), es preciso, dicho de un modo resumido y superficial, encontrar cuál es el gen "patrón" (master) del proceso.

El aspecto facial de estos niños delata, por un cierto dismorfismo, que allí donde éste existe, está acompañado por algunas modificaciones de la corteza cerebral – es en esto que se comprueba la acción de estos genes que actúan en "paired boxes" por ello llamados PAX –. Podrían ser anatómicas. Las neuro-químicas se comprueban porque la administración oral de ciertas enzimas que no existían en el organismo –ya que codificadas por los genes mal transcriptos o delecionados– cambia parcialmente el estado de las cosas. Todavía no ha sido demostrado, en nuestro conocimiento, que una cura fuese posible con reversión completa de la debilidad mental, pero el avance científico es, sin duda alguna, inmenso. No sabemos si las debilidades mentales son o no monofiléticas, esto es si hay un único gen patrón, o no, que controla todos los genes mal transcriptos.

Si para los genetistas es la prueba del carácter genético del autismo pensado como un todo, ya que confunden autismo y "debilidad mental"– no hereditaria, ya que los problemas encontrados fueron siempre errores de transcripción en la formación del patrimonio genético de un sujeto – no es así, ya que niños autistas, seguidos con sus madres en terapia analítica, adquieren marcha y lenguaje, llegan a la escuela, lo que no es el caso de los que llevan consigo atrasos de origen genético. Trabajando con ellos, no conocimos nunca los cambios radicales que nos sorprendieron en los análisis de niños autistas.

En Francia trabajamos durante más de diez años en una unidad de pediatría infantil, donde la pediatra nos enviaba bebés y niños pequeños cuya patología no presentaba, para ella, una causalidad orgánica. Al mismo tiempo, lo hicimos también durante veinticinco años, en el intersector de psiquiatría infanto-juvenil.

La experiencia en pediatría nos volvió atentos a algo que nos había llamado ya la atención mucho antes, en el momento de estudiar en el manual de psiquiatría de Henri Ey los llamados delirios y depresiones pre y post puerperales. En aquél momento la pregunta que nos habíamos formulado – estoy hablando de fines de los años '60 – era ¿cómo incidía la sintomatología materna en el recién nacido? No ya en su estado extremo, en donde era necesaria la hospitalización y la búsqueda de una madre sustituta, sino cuando depresión o delirio se presentaban de modo insidioso, subclínico, para los médicos y el entorno, lo cual obviamente

permitía que la madre se ocupara del bebé como si nada le ocurriera.

Este “como si nada ocurriera” era tan cierto que los pediatras se negaron, durante muchos años, y a pesar de que el niño no se sentaba, o no se ponía de pié, o no comenzara a hablar en el período en el cual deben hacerlo, a considerar que una patología de orden psíquico se estaba instalando.

En el intersector de psiquiatría comenzaron a enviarnos chicos autistas, diagnosticados como tales tanto por el servicio de pediatría como por el de neurología.

Aquellos sobre quienes podemos decir algo de nuestra experiencia y sacar ciertas conclusiones no presentaban dismorfismos y todos conquistaron sea la marcha y el lenguaje articulado, sea sólo éste último ya que caminaban. A posteriori, mostraron que si eran capaces de moverse, caminar, contar con un lenguaje articulado y relatarnos en sesión fragmentos fantasmáticos, contaban desde el comienzo con una corteza cerebral que, in statu nascendi, no tenía daños ni a nivel de su anatomía ni en su funcionamiento neuroquímico.

Aclaremos, eso sí, que no se curaron como si hubiesen podido llegar a la neurosis. No conocemos niños que hayan podido hacerlo y nuestras grandes antecesoras, Dolto, Mannoni, Lefort, tampoco dieron a esto chance alguna.

Conocimiento científico y saber analítico

Fue el trabajo con las madres de estos niños, así como con alguna analizante que se encontraba ya en análisis antes de ser madre y que a los dos años del nacimiento nos revelara el estado de su hijo, que comenzó a aclararnos el problema clínico y teórico que este cuadro presentaba, y a responder las preguntas que nos formuláramos años antes.

Antes de resumir lo que fue el resultado teórico de nuestra clínica, y en la medida en que a partir del psicoanálisis norteamericano – de sus mejores representantes, como Bettelheim – se ha dado una imagen caricatural de las madres de niños autistas, especialmente gracias a la obra y al empeño de todas las corrientes conductistas hermanadas para este fin, debemos decir que no todo niño cuya madre presenta problemas depresivos u otros antes de su nacimiento y después, produce un estado autístico que, en el mejor de los casos, se transformará en una psicosis de alto rendimiento –los así llamados “Asperger”– o de muy bajo, una psicosis deficitaria o una hebefrenia, o simplemente, y hemos también trabajado con ellos, seres humanos que no entran en ninguna catagoría psiquiátrica y son simplemente autistas adultos.

En este punto, la intersección entre lo real biológico del hombre y su advenir humano gracias a la palabra del Otro, tocamos algo que produce antinomias teóricas, ya que ni el análisis ni la genética o la neurobiología pueden, por ahora, dar una solución satisfactoria.

Podemos suponer, y quedar en esta suposición, de que o bien estos bebés poseían una percepción innata (sin consciencia) demasiado aguda – o quizá demasiado

pobre, ya que hermanos o hermanas no fueron autistas – de la perturbación materna y no encontraron en su contacto ni el deseo ni el goce necesario para devenir seres hablantes, y es la inclinación en general de los analistas, que quedamos siempre sorprendidos por la inmensa riqueza de los intercambios que mantuvimos durante las sesiones; o bien, y será la inclinación de los científicos, suponer que hay una falla desconocida a nivel genético, que se traduce a nivel de la organización de las redes neurales y, fundamentalmente, de algo cuyo conocimiento comenzó hace cincuenta años, con el descubrimiento de los primeros neurolépticos y antidepresores, desarrollándose de modo acelerado desde hace unos pocos : el funcionamiento de los neurotransmisores y los neuroreceptores en las sinapsis en el canal iónico, alli donde se producen los contactos entre dos neuronas y un astrocito, cuyo conocimiento se dá por ahora a nivel químico, probablemente de acá a un cierto tiempo lo sea a nivel cuántico.

Sin embargo, el conocimiento fino de este funcionamiento neurológico no suplanta ni hace desaparecer, muy por el contrario, pone de relieve más que nunca la cuestión de la causa ¿Es éste el estrato fundacional, en el caso de las psicosis o los autismos "veros", o por el contrario sus desarreglos, profundos, y dificilmente controlables, son efecto en lo real del funcionamiento de la química cortical de operaciones simbólicas que no tuvieron lugar? Luego de este fracaso son sólo tratables –al mismo tiempo que terapéuticamente– sea por inhibidores – los neurolépticos, con sus grandes divisiones– de los receptores de los neurotransmisores fundamentales – los conocidos hasta ahora; sea por los que tienen efecto contrario o correctivo, inhibidores que permiten un mayor tiempo medio de vida plasmática –los tricíclicos–, postsináptica –los inhibidores de la enzima que los oxida–, o selectivos de su recaptura – selectivos, esto es, que seleccionan el blanco, discriminando serotonina, dopamina, y en menor medida, la noradrenalina.

Los psicoanalistas, el psicoanálisis – todas sus corrientes –, para debatir y mantener el lugar del Inconsciente en la relación –simpática o antipática – entre discursos, deberán responder al desafío "neurocientífico" introduciéndose en el debate, rico y de modo alguno monolítico, que tiene lugar en biología fundamental en torno a la cuestión de la definición de causa material y al lugar del lenguaje en ella como introductor del goce – el significante Φ – en el cuerpo, y como su inhibidor y traductor –el significante S^1 en la teorización de Lacan.–. Esto es, no es sólo cuestión de dopamina, serotonina, noradrenalina y otros neurotransmisores y sus receptores. Del mismo modo deberán nuevamente articular cómo el lenguaje es término y locus solus de la selección natural en lo que al taxón homo sapiens respecta. El freudismo, que siempre se reconoció en el darwinismo como siendo una de sus filiaciones, no debe perder ese lugar de debate en su ramal lacaniano, ya que éste deberá discutir con la biología más avanzada, la llamada "Evo-Devo" –Evolution-Developpement– su avance teórico sobre el lugar y la eficacia biológica del lenguaje, introduciendo lo que los darwinistas – toda la biología actual– de algún modo saben pero dejan en general de lado : la cultura es el lenguaje y es éste es el lugar, el ecosistema, del hombre. Para ello deberán hacer lo que Freud recomendaba en su tiempo : para viajar en país extranjero es preciso usar su moneda. Esto es, usar su idioma. Simple si se trata sólo de orientarse, más complejo si se pretende introducir preguntas, aunque más no fuera haciéndose el idiota, que los habitantes del lugar nunca se hicieron.

Los analistas vieneses al llegar a los EEUU, en los años treinta, en lugar de formularle preguntas a los nativos, se esforzaron en obedecer a las reglas del lugar, se volvieron ante todo médicos, luego analistas – lo que los llevó a rechazar como no analíticos los escritos de Freud sobre la cultura – y se dedicaron a biologizar su instrumento, ya que no podían explicar químicamente la libido ni podían justificar la identificación a la traza filogenética del homicidio del Padre.

No tendría que ocurrirnos a los lacanianos olvidar que la ciencia, de la cual debemos seguir nutriéndonos, e importando retrabajados los conceptos que nos sirvan para señalar el lugar del Inconsciente, forma parte del discurso del Amo – lo cual no es una injuria– simplemente está en el origen de nuestro malestar en la civilización, como la Iglesia lo fue anteriormente. Así, al recusarle ser el lugar único de la Razón, no debiéramos perder de vista, en la tranquila y pacífica certeza de la verdad en cuanto a la relación entre Inconsciente y lenguaje, que para las ciencias biológicas –neurología, genética– hoy en día más que nunca, el lenguaje es sólo un instrumento de la "autoorganización" cortical del cerebro.

Esta posición de la biología, fundando el pensamiento en la red neural, no sólo lleva a desconocer la eficacia del lenguaje en la necesaria construcción postpartum de la corteza cerebral, y el papel del Otro. La cultura humana sería, a partir de allí, desde el paleolítico inferior hasta hoy día, producto del cerebro. En lugar de un materialismo estamos en presencia de un espiritualismo que se ignora a sí mismo.

Nuestra posición es la de mantenernos en el camino de nuestra práctica, sin desconocer lo que puede haber de descubrimiento verdadero en el campo de la medicina, separándolo de su tendencia imperial y reduccionista, que fue siempre la inclinación de la ciencia, de la verdadera, comenzando por la mecánica celeste, parangón de cientificidad hasta que las otras ciencias construyeron su propio formalismo, no siempre matemático, y su campo de experiencia.

Lo más perturbador que podemos decir, que marca el lugar de la frontera entre lo que mal llamamos « biológico » y la humanización por la palabra del Otro, es no sólo que el infans es embriológicamente prematuro, esto es que termina su desarrollo puramente neurofisiológico sólo gracias al Otro, lo que dura aproximadamente entre 9 y 12 meses después de su nacimiento – esto es para alcanzar las capacidades con que nace su primo más próximo después de la desaparición de Neanderthal, el chimpanzé – sino que esa prematuración muestra que lo biológico humano no es el de un animal que « aprenderá » a hablar, sino que a su cuerpo biológico la palabra le está destinada de antemano como aquello que le falta y que éste la pide tanto o más que la leche materna para saciar su hambre y su sed. O mejor dicho, tomar el seno es la face visible de la incorporación del lenguaje.

Podríamos decir que la aparición del lenguaje hizo desaparecer totalmente, arrasó todo lo que en el hombre podía haber quedado de saber biológico como adaptación al medio natural. Lo que se desarrolló, y la psicoligüística[2] más actual lo muestra en sus estudios sobre la audición y la fonación en los niños – a partir de los recién nacidos – y sus modificaciones funcionales hasta el momento en que

comienzan a hablar, es una aptitud biológica al reconocimiento de la voz del Otro. Lejos estamos de hipostasiar las leyes gramaticales, corticalizándolas…
La neurología humana no es la de un animal que desarrolló sus áreas de Broca y Wernicke –transformando, probablemente, las neuronas-espejo de los grandes simios y otros mamíferos, descubiertas hace tiempo por la neurología italiana, pero reconocidas como válidas hace unos doce años– es una neurología que conquista su funcionalidad, su capacidad de establecer 10^2 a 10^3 más sinapsis que neuronas (la proporción que maneja la neurología en este momento es 10^{11} y 10^{13} a 10^{14}) gracias a la palabra del Otro, en la que su goce adviene al deseo a través del amor.

Todos los animales poseen una guía biológica interna para construir su cuerpo y adaptarse a su medio, aún los mamíferos que dependen durante varios años del cuidado y de la enseñanza materna.

Para erguirse, para conquistar la posición eréctil y caminar, para "lalear" respondiendo al canto que lo llama en la voz del Otro y hablar después, no hay lugar alguno en el cerebro que pueda dar esa orden. No hay centro del cerebro que ejercite por sí sólo la acción voluntaria. Esta proviene del psiquismo. La zona motriz primaria es aquella que recibe la orden y la ejecuta, pero la orden no se forma a nivel de los haces de neuronas piramidales que, pasando por los núcleos grises de la base del cerebro llegan a las neuronas de la médula. La zona motriz secundaria coordina con el cerebelo y otras zonas los acomodamientos automáticos del cuerpo, descargando así a la primaria de una cantidad de cálculos que, de ser conscientes, harían del movimiento algo lento, fastidioso e inseguro. Caminar sería como aprender a tocar un instrumento en el nivel de un buen músico.

Lo curioso es que este funcionamiento es propio de la corteza cerebral y lo compartimos, efectivamente, con los mamíferos superiores. Pero cuando el cuerpo carece de la marca que en él hace el lenguaje, esto es, la identificación primordial a la falta en el Otro, la incorporación primordial, lo que sucede es que el funcionamiento cortical no responde a sus "patterns" puramente biológicos. Ahí es el psicoanálisis que puede responder que la falla no es cortical, sino que, lo que le permite su funcionamiento puramente biológico le viene del Otro. Sin este aporte de la palabra, del amor y del deseo, el funcionamiento más íntimo de nuestro ser se desregla.

El lenguaje y la palabra no están localizados en áreas cerebrales, salvo, una vez el lenguaje incorporado, en aquello que hace a la pérdida de su intelección, o de su ejecución, por daños traumáticos irreversibles que destruyen las zonas específicas del hemisferio izquierdo. En esto reside el debate con una neurología que no es funcional –es decir que se propone a sí misma como detentora de la causa en lugar de partir de síntomas que no son de origen biológico. El estudio neurolingüístico de las afasias es por cierto muy importante, pero no da saber alguno sobre cómo la palabra del Otro fue incorporada y cómo se vuelve –nunca enteramente – palabra del sujeto. La neurología actual sabe que es todo el cerebro el que piensa, ya que el estudio de sujetos con destrucción accidental del cuerpo calloso – que sirve para la comunicación entre hemisferios – siguen pensando aunque la ejecución de

la palabra sea imposible. Pero de ahí deduce que el pensamiento se origina en las redes neurales, siendo el lenguaje sólo su instrumento[3].

La antinomia del doble carácter de la luz, tanto corpuscular como ondulatorio, no pudo resolverse desde Newton, que lo sistematizó. Pero la disputa entre físicos relativistas –"ondulatorios"– y cuánticos –"corpusculares" – dio lugar a que hoy en día todos los físicos se formen en las dos teorías, aunque la solución de continuidad entre las dos físicas siga existiendo. La teoría unificada todavía no ha sido aún construida, y en niveles diferentes las dos son válidas. Tratándose de una ciencia, el campo experimental permitió que las dos se reconociesen. Nuestro mundo actual, en la estructura de sus fuerzas productivas, es, en su totalidad, producto de las dos.

En lo que respecta al "goce humano" es más fácil reconocer como materiales, para nuestra civilización, la dopamina o la serotonina, en tanto que la propuesta analítica, que postula la palabra de amor en la que el Otro significa su deseo como lo que vehiculiza el goce en el cuerpo –permitiendo que el funcionamiento de la química cerebral no se enloquezca– no tiene cabida a nivel de la ciencia, ya que no es "localizable", no hay instrumentos para ello, no es numéricamente calculable.

Sin embargo, es el goce – escrito por una lógica que se desprende de la palabra, el que nos da un lugar, el cuerpo imaginario y el simbólico que no terminan en los límites del organismo – que nos hace calcular, para tratar vanamente de medirlo. La ganancia que esto permite no es comparable con la de la economía de la salud. No obstante, esta causa perdida es la de la cultura.

La función materna y la causa del goce

Una depresión puerperal profunda no puede, en general, no dejar huellas en el bebé, con más razón un delirio puerperal que lo concierna. Cuáles serán, no está escrito de antemano. También puede suceder que de la perturbación de la madre no sea la maternidad su causa. Un duelo difícil en ese tiempo de espera o en los que lo suceden, pueden retrotraerla sobre sí, y no contar con los investimientos necesarios para recibir a su retoño. Al contrario de la ciencia, el análisis no es predictivo, construye la causa a posteriori. Y su causa no es apoyo de un juicio universal y necesario – la atracción de la gravedad, el movimiento rectilíneo uniforme – sino la vía por donde se formula la relación entre lo real y su contingencia. Los niños autistas de los que nos ocupamos, –esto también es del orden de un encuentro– salieron todos del autismo, pero con destinos muy disímiles.

Pero nuestro tema será la función de la madre : ¿qué es lo que le permite, o no, serlo? Esto es, ponerse en el lugar del gran Otro para el bebé, lo que significa una creación particular, de la que las mujeres, en principio, son capaces, pero sólo si lógicamente están preparadas para ello. Lo que hace posible que esta función pueda fallar, no hacerse presente. Lacan decía[4] que el deseo de la mujer está determinado: tener hijos. Lo cual hace más urgente y necesario saber porqué esta determinación puede fallar.

En principio, lo que encontramos en el largo, o corto, diálogo que mantuvimos con ellas, fue el fracaso del deseo infantil edípico de tener un hijo. Lo que no quiere decir, de ninguna manera, en cuanto a ellas como sujeto, que la metáfora paterna no haya tenido efecto. La mayoría se situaba en la neurosis, y sólo una minoría no se encontraba en el discurso. Lo que no se produjo en la infancia fue el deseo por el padre, el deseo de tener un hijo como equivalencia fálica, en general respuesta al no amor del padre por su hija.
Al casarse y tener hijos, deseados, con el hombre que querían, no encontraron, sin saberlo, el estrato de goce infantil, olvidado y transformado, sin el cual, podríamos afirmar, su deseo de maternidad, su deseo de un hijo estaba forcluído de su goce. Este hiato no las afectaba, fundamentalmente, como sujeto, pero sí el que no hubiese lazo entre el deseo paterno en ellas y el dar a luz un hijo. No existía fantasma de maternidad, no había imaginario de maternidad. Lo encontramos también en mujeres que, amando a un hombre, se negaron siempre a tener un hijo de él, pudiéndolo. Llegando incluso al aborto repetido, lo que no puede no dejar heridas y una culpabilidad profunda.

Si tratamos de pensarlo de otro modo, el fracaso fue del orden de la invención. A un bebe se lo espera, y cuando nace representa la realización de un deseo largamente soñado. En ese caso, la madre le habla suponiendo que ese bebé que acaba de nacer entiende y responde, a su manera. Y ella puede retomar el diálogo y durante meses contarle lo que ocurre en la casa durante el día, hablarle del padre y reunir todos los gestos corporales del hijo respondiéndole, dándoles sentido. Aunque su palabra es una palabra de amor, este sentido, en el cuerpo del niño, se transforma en sentido sexual. Es esto lo que le permite, no sólo gozar del contacto con el Otro, sino apreciar las palabras que se le dirigen como la fuente misma de goce.

Finalmente, lo que Freud decía en los años treinta, que los cuidados que el bebe recibe eran la primera seducción, es, evidentemente, cierto. Sin embargo, el cuidado de los cuidados es la palabra: el modo de tenerlo en los brazos, de acunarlo, de abrigarlo, cómo se lo acaricia, se le da de comer, el conjunto de los gestos con que el Otro se dirige a él, son modalidades de la palabra. Con una condición, que esa palabra lo nombre. No tanto que el Otro pronuncie, chatamente, su nombre de pila, sino que en su palabra haya algo que el hijo oiga como dirigiéndose a él. Es por esto que desde que hay madres, o nodrizas, la palabra dirigida al bebe está enriquecida con rasgos no pertinentes[5], no necesarios y redundantes en la pronunciación de los fonemas de la lengua. Esta redundancia, el pronunciar añadiendo rasgos de contorno, tímbricos, de acento de la palabra y de la frase, modulando la voz diferentemente, son la muestra del gozo de la madre, es esto lo que al bebe lo nombra, ya que éste escucha cuándo la madre le habla a él y cuándo a los otros miembros de la familia.

Este gozo, que es goce transformado por amor, es lo que Lacan llama el significante causa de goce, y escribe Phi Φ. Es a éste significante que el bebe se identifica: a lo que él recibe por ser, en ese momento, la falta del Otro. Recibe lo que es, aunque ni el Otro ni él lo sepan; se le presta esta creación porque es él quien a sido creado. Esto es la ecuación freudiana desarrollada. El significante fálico es un significante, que se añade, sumándose a los significantes de la palabra y a toda la gestualidad que forma parte de ella. Posteriormente deberá perderse

para que el sujeto sea, efectivamente, uno, pero entre todos.

El significante Phi Φ da significación, y erotiza, todos los movimiento del cuerpo del bebé, sobre todo los voluntarios, permitiendo que la fibra estriada de los labios, que son un esfínter, adquieran ese carácter, lo que les permite no sólo el goce oral sino también una motilidad capaz de articular fonemas.Y no debería significar, pero ocurre, lo que hace a las funciones vegetativas, que no requieren del deseo para cumplirse : respirar, digerir. No en vano cuando el otro se inmiscuye demasiado en la vida de alguien, las imágenes que se emplean para significarlo son tomadas de la respiración o de la digestión, “me ahoga”, “no lo digiero”. Lo que puede aparecer, como síntoma, en ciertas afecciones respiratorias – acompañadas a menudo por problemas de piel – o en dolores gástricos, que se dan, aparentemente, en el interior del cuerpo, siendo, en realidad, irritación de mucosas que representan el contacto con el medio externo. En lo que hace al ritmo cardíaco, mediado por ganglios específicos, está controlado por un par craneano, el pneumogástrico, que regula funciones tanto motrices como neurovegetativas o autónomas. De ahí que un desmayo de origen vagal pueda también tener causas eróticas.

Aunque nazca en el Ecuador, un bebé necesita ser arropado, tanto como acariciado y mecido. El contacto físico del Otro con él llega, por vía de las aferencias sensitivo-sensoriales al giro post-central de la corteza (vía el núcleo LVP del tálamo y la corona radiante) y es de ese contacto que la imagen especular no genética del cuerpo –la genética es la de los eferentes motores, situada sobre la frontal superior– se formará en su especificidad. Es en ese contacto que obtendrá su percepción de masa y peso, de calor y frío, de hambre y saciedad –las aferencias sensitivas llegan a la corteza desde la piel, el periostio, las vísceras, de placer y displacer, que la urgencia de la vida inscripta en la necesidad orgánica – que sólo existe si previamente hay un goce que la haga existir, sea atenuada por la palabra del Otro que le otorga una capacidad de espera y, es de esperar, una atenuación de su intensidad.

Sea cual fuere la contingencia de la causa, los niños autistas que recibimos durante diez, quince años, con sus madres reales o sustitutas, no se habían identificado a (Phi) *Φ*, ya que las madres, sea por su depresión, o por la imposibilidad estructural o pasajera de identificarlos simbólicamente con la causa de su goce, no los habían supuesto sujetos antes de serlo. No habían podido, les era imposible formular el juicio inconsciente que se enuncia haciendo la hipótesis de que eran sujeto. Esta hipótesis es fálica, es lo que hace fálica la serie de pensamientos que le están dirigidos.

Este tiempo, el de la identificación primordial, no es mesurable cronológicamente. Comienza antes del nacimiento, hundiendo sus raíces tanto en el goce sexual de la madre como en el goce de la vida misma, como el enigma que para una mujer representa su maternidad, ya que ésta junta, hace confluir los dos goces. El que el hijo sea un objeto entre dos goces, lo hace un objeto que está tanto dentro como fuera de las equivalencias fálicas.

Esto lo muestran algunas mujeres que, ante la pérdida o la enfermedad incurable de un hijo, abandonan al resto de la familia, dedicándose cuerpo y alma sólo a

aquél para quien su amor es ya ineficaz. Como si la enfermedad que los vuelve vegetativos, o la simple muerte les otorgara, y de hecho les otorga un suplemento de Goce del Otro, frente al cual los demás hijos, representantes de la vida en lo que ésta tiene de fálica, no tuvieran peso alguno. Ocupar cuerpo y alma en un desafío inconmensurable se vuelve un menester al que se dedican con desesperado ahínco.

Es la falicidad otorgada e incorporada lo que hace que un bebe quiera incorporarse, levante la cabeza, se siente, se pare y camine, para angustiarse de felicidad al ver que puede alejarse de la madre y volver a ella. Cada hijo que se yergue fálicamente es motivo de goce y un memorial, como lo son los menhires paleolíticos, también erigidos para conmemorar la erección del falo.

Ahora bien, si la causa de la depresión o del delirio no son extranjeras a la maternidad, ésto querría decir que ese lugar real no está simbolizado, que no se puede encontrar un deseo de maternidad, aunque la conciencia lo afirme, no puede haber un deseo de producir en lo real un ser que es tanto causa de goce sexual, transformado en gozo, como causa imposible del goce de la vida.

Algunas teorizaciones analíticas afirman, con razón, que le hijo es un puro real. Para nosotros esto dará, más bien, psicosis infantiles en las que el abandono es consecuencia de una erotización que el amor no transforma. Habría carencia del Otro Goce, que hace del amor materno un amor tan singular, tan rico de modalidades de goce, que a menudo el amor por el hombre carece.

Pensamos que los delirios puerperales obedecen a que el niño que se espera, o que nace, es realmente un falo radiante, que se apodera de toda la libido de la madre.

No hay una ecuación niño $\cong$ falo, en donde el tilde sobre el signo de igualdad marca la diferencia simbólica. Este hijo, paradojalmente, es el retorno del Urvater freudiano, temible, puro goce fálico, ya que se careció de padre edípico amante. Frente al retorno de (Phi) Φ, que no fue escrito en su debido tiempo, la única solución es el delirio, que actúa como la única defensa posible.

En la estructura de un sujeto que se encuentra en el discurso, no hay contingencia alguna en la que pueda haber reencuentro con el significante causa de goce como tal. Sólo atisbos, que serán, ciertamente, traumáticos. Ya que la estructura es el significado, la marca en lo real de las escrituras lógicas de Phi Φ, escrituras que impiden su retorno. Lo que sucederá a Phi Φ como causa de goce, en el tiempo lógico, será ‘a’ como causa de deseo. Y sólo a través de éste, producción de goce en el cuerpo.

Una vez que el significante que a la vez es causa de goce como de incorporación de la palabra, no tuvo lugar, no habrá más lugar. Ni lugar para el nombre ni nombre para el lugar.

El análisis con estos niños y sus madres, sacándolas de la depresión gracias a la transferencia, permitió que adquirieran el reconocimiento del nombre, que hablaran, que llegasen al espejo. Pero la falla en la metáfora paterna que les legara un otro que no fue Otro, no fue nunca subsanado.

Un descubrimiento interesante tuvo lugar con madres que había producido delirios puerperales al nacer uno de sus hijos. Años después, durante el trabajo con ellos, al que en general no querían asistir, una de ellas – tras arduo esfuerzo de nuestro lado y sin que el niño la escuchara, ya que se encontraba con su padre en la sala de espera– nos contó con minucia su infancia y el texto del delirio del que su hijo fue causa y objeto en el momento mismo de su nacimiento. A la semana siguiente que el hijo en cuestión comenzó, lenta pero seguramente, a hablar.

Como si el delirio en el Otro fuese un objeto de goce que, obturando la falta, impedía que el niño fuera referencia de su palabra. No sólo comenzó a hablar, sino que en sesión comenzó a treparse a la madre dejándose caer a lo largo del cuerpo. Este saber del nacimiento, y del lugar de gestación en el vientre materno lo encontramos también en varios pequeños pacientes, que luego de las primeras entrevistas con nosotros y la madre, dibujaron una figura relativamente grande, de tres volúmenes, con otra figura de tres volúmenes, mucho más pequeña, dentro del que representaba el vientre de la primera. Fue siempre el signo precursor del advenimiento de la palabra, como si el nacimiento al significante permitiera marcar y producir un saber inconsciente que por y en el acto mismo de ser trazado se perdiera para siempre, constituyéndose en real. Como si en los albores de la palabra ésta no pudiera hacer pié sin un objeto, que en este caso representa un saber que será, para siempre, enterrado, como condición misma del advenimiento de aquella que lo produjo. Esto que también sucedió, no con un dibujo, sino jugando, con una niña que llegó a nuestro consultorio sin habla, cubierta de equimosis, temblequeando sobre sus piernas, como si éstas no pudieran sostenerla, y que advino a la palabra encerrándose en el fondo oscuro de un armario, la puerta cerrada, desde donde nos dirigía la palabra con voz cavernosa y quebrada.
El autismo‘vero’, diferenciado de los cuadros orgánicos, así como las grandes psicosis, esquizofrenia y psicosis maníaco-depresiva, son el lugar de un combate teórico, cuyas líneas forman figuras complejas y no simplemente dos líneas enfrentadas, entre el psicoanálisis y, no puramente la genética, la neurología, la farmacología, sino el discurso de la ciencia que pretende representarlas. Se nos podría argumentar que no se da en las neurosis, ya que en general las terapias substitutivas al análisis han mostrado ser más superficiales. Pero no es así. La batalla del autismo y las psicosis es la del dominio teórico del hospital psiquiátrico y de la clínica psiquiátrica, sea donde fuere que ésta tenga lugar, y por ende, de las cátedras de psiquiatría y neurología, y luego de las facultades de psicología.

Es también una línea de separación entre la “eficacia” de la economía farmacológica – indispensable como instrumento – y otra eficacia, que no consideraría nunca que Rimbaud, por ejemplo, fue más rico adulto, comerciante de marfiles, que joven, escritor hambriento de “*A un autre amour*”.

[1]No siendo en absoluto nuestro dominio, lo traemos a colación para señalar que en este momento, desde el descubrimiento de los homeoboxes por Walter Gehring, biólogo molecular suizo, en 1983, y luego del secuenciamiento del genoma humano, a principios del siglo XXI, los genetistas cuentan con un dominio experimental que les permite pasar a la clínica. El descubrimiento de los genes implicados en la debilidad mental de origen orgánico fue hecho en el hospital “Necker–Enfants Malades” en Paris.

[2] Ver Bénédicte de Boysson Bardies, « Comment la parole vient aux enfants », Odile Jacob, Paris, 1996. Su libro representa una síntesis original del estado de la psicolingüística en ese momento. Su posición, aunque de origen chomskiano y claramente antiestructuralista, no le impide mostrar que sus descubrimientos alimentan y enriquecen la posición del psicoanálisis.

[3] Estos descubrimientos, por cierto esenciales en su realización, son el resultado del trabajo de Roger Wolcott Sperry, Premio Nóbel de Medicina en 1981. La conferencia pronunciada al recibir el premio se llama "Some Effects of disconnecting Cerebral Hemispheres". Se la encuentra en el sitio "nobel.org"

[4] Conferencia dada en Sainte-Anne, durante el dictado del Seminario "La Identificación", reconstruída sobre notas de participantes.

[5] Los rasgos pertinentes son el conjunto de rasgos necesarios, *sine qua non*, que permiten la pronunciación de cada fonema de la lengua. Es una de las grandes creaciones de Roman Jakobson, inventor, con Nicolai Troubetzkoi, de la fonología estructural, en Praga, durante los años treinta. Esto no existía en Saussure.

Vai morrer querendo

João Villacorta*

Esse texto para mim é significativo no sentido em que posso responder aos momentos tão instigantes, ou retribui-los de alguma forma, vividos nos eventos e no grupo intitulado *Sujeito e Infância*, desta instituição – Traço Freudiano Veredas Lacanianas. É uma forma também de manter contato, que para mim é sempre bastante profícuo. Ressalto ainda meu respeito e gratidão a Everaldo Junior e Marcelo Veloso.

Bem, o título que consta no cronograma é *Vai morrer querendo*, e não por qualquer engano, foi esse mesmo que indiquei. Mas poderia ser outro, aberto desde então para discussão, o que talvez fosse bem proveitoso. Seria então uma pergunta:

- Alguém nesta sala é analista?

Seguida por outras:

- Como? Por quê?

Talvez o meu analista pudesse dizer: *Quanto a mim, caberá a você dizer!*

Mas para me favorecer desse espaço privilegiado, em que posso compartilhar de minhas dúvidas e incongruências, esclareço-as, primeiro, para pautar alguma conversa depois.

Ainda atribuindo algum saber ao meu analista, fantasio que quando cheguei a seu consultório, afirmando que estava ali porque queria ser analista, ele, impassível

como uma pedra, guardou o riso para si e pensou: *Vai morrer querendo!* Mas talvez seja disso mesmo que se trate, de *morrer querendo*, de viver sustentando o desejo em sua acepção mais radical, sempre insatisfeito, apontador de uma falta constitutiva, aberta para toda impossibilidade de ser.

Hoje, penso que, se eu queria ser analista, não deveria ter procurado a análise! Existem por aí tantas instituições que garantem por meio de cursos e rituais, inclusive até religiosos, uma formação em Psicanálise, com direito até a certificado para emoldurar na parede: Psicanalista. Por que fui procurar logo a análise? Ora, era o que estava escrito pelo inventor desta confusão toda: análise, supervisão e estudo teórico, a tríade da formação. Penso agora em Freud, ao ressaltar a análise, esfregando as mãos com um sorriso maledicente e pensando: *Mal sabem o que lhes aguardam!* E mal sabemos mesmo! Nem quando falamos, nem quando escutamos!

O fato é que, quando dei por mim, estava empreendendo uma experiência completamente estranha à harmonia dos conceitos encadeados nos livros, de suas fórmulas. Algo de comovente, mobilizante, inquietante. Algo do tão sozinho quanto sempre se está, e não só no que se refere à causa psicanalítica. Apresentando-me uma série de impossibilidades.

E uma das primeiras, esta, a impossibilidade da formação pela via do conhecimento, do acúmulo de aulas e leituras, do entendimento de toda a vida e da *mitopsicologia*, seja de Freud ou de Lacan. José Zuberman, psicanalista argentino, em sua vinda a Recife, em outubro do ano passado, organizou em palavras algumas de minhas questões, quando diferenciou experimento de experiência: No experimento reproduzimos padrões e procedimentos, a fim de obtermos um resultado específico, esperado. A experiência abre-se para o im-previsto, distinto, peculiar. E mesmo que haja nesta uma direção, não se sabe onde se vai chegar.

* João Villacorta, psicólogo e psicanalista

Tal como Freud nos adverte, a Psicanálise é fruto da experiência, estando suas investigações e invenções passíveis, por isso, a reformulações, tendo sempre um caráter de incompletude[9[1]].

Assim, não há livro que *dê conta* do que é d'isso, do desejo. Exceto os de Lacan, diriam alguns, pois seu ensino teria efeito de transmissão. Não seria dessa maneira, pela forma clara em que esse se propõe a *não dar conta*, em textos e discursos repletos de lacunas, contradições e até incoerências, na sua matemática que deixa sempre restos e pode chegar a infindos resultados? Mesmo assim, estudando muito se pode, no máximo, ser um bom professor de teoria psicanalítica.

Não podemos desconsiderar (como lembra a amiga Débora Rocha) a função da teoria para pautar as possibilidades dos sons, tempos e silêncios da nossa escuta. A atenção é para quando ela serve às nossas acomodações e/ou vaidades.

Isso me faz lembrar e retomar outro impossível. O impossível da análise (em garantir-me ser um dia analista). Análise que me desconcerta a cada insuflada imaginária de minhas criações euóicas. A criança que Leclaire[10[2]] insiste em matar (representações narcísicas primárias, imagens ideais), pois essa insiste em não morrer, diz do interminável da experiência de análise.

... Hoje penso ter feito uma intervenção importante para uma pessoa a quem escuto no ambulatório, digna de um grande analista. – Mais uma risadinha contida, ou quem sabe um sopro de tédio, por parte daquele a quem pago para me escutar; sobretudo, quando me lembro de uma assertiva do pai da Psicanálise: *os casos mais bem sucedidos são aqueles em que se avança (...) sem qualquer intuito em vista, em que se*

[9[1]] FREUD, S. *Sobre a Psicanálise* [1913]. In Vol XII da E.S.B.

[10[2]] LECLAIRE, S. *Mata-se uma criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

permite ser tomado de surpresa por qualquer reviravolta neles, e sempre se enfrenta com liberdade, sem quaisquer pressuposições. [11[3]]

Mas entre meus levantes narcísicos e as rasteiras (por vezes bem violentas) que este *eu* leva em análise, há a possibilidades de um ato. Ato movido por um desejo, que, como disse uma vez meu amigo Pedro Xavier, *desejo de a análise acontecer e, em acontecendo, de prosseguir. Esse desejo só se o pode sustentar como consequência do despojamento narcísico enfrentado*... pelo meu analista em sua própria análise.

O desejo de analista de *obter a diferença absoluta*,[12[4]] de saber ser rebotalho, podendo assim bancar o objeto *a* para outro sujeito, talvez encontre sua dignificação e neste ato analítico, ato que diz de uma destituição subjetiva (queda dos significantes que representam o sujeito numa identificação ideal advinda do Outro) e de uma travessia da fantasia (largado da âncora da fantasia, poder-se observar enquanto objeto do discurso que enquadra a relação do sujeito com a realidade – discurso do Outro). [13[5]]

Mas a condição de analista a que esse ato poderia me fazer aceder, ou decair, não sei, *ninguém sabe, ninguém viu*. Quem sabe, um dia, o senhor a quem falo uma vez por semana possa interrogar-se sobre o que o fez agir e dar razão de um ato em construção. Ou mesmo eu, disso que se passa.

Não encontro, pois, na análise, algo que me faça ser analista. Nem ao cara a quem chamo aqui de meu analista. Tendo minhas certezas imaginárias, de ser qualquer coisa, minadas, encontrando para um fim de análise um ato tão evanescente, cuja operação incide sobre algo que teima em não morrer, e acaba por conferir a esse processo um caráter de exercício permanente...

É impossível!

E então vem Lacan, dizendo que é justamente a possibilidade de sustentar essa impossibilidade que se pode nomear como Analista. Juntam-se a partir daí várias pessoas, reunidas pelo Um dessa sustentação, de estarem continuamente se perguntando: O que é Psicanálise? Quem é ou o que é o analista?

O francês ainda inventa um dispositivo, chamado passe, que me soa mais ou menos como: *Agora que você já não considera a pertinência de ser analista, pode ser nomeado como tal. E só por algum tempo*.

Mas então todo esse jogo acaba por servir ao reerguimento da criança de que Leclaire trata, criança dos participantes e membros das instituições: *porque eu faço parte de tal instituição, porque eu sou analista da escola, porque tenho muito tempo de clínica, porque sei muito sobre isso*... Enfim, deve ser por isso que o velho fechou a bodega antes de morrer. Não sem deixar um recado em sua lápide: *Eu insisto, eu desapareço.*

Penso nessa frase se repetindo: *eu insisto, eu desapareço, eu insisto, eu desapareço, eu insisto, eu desapareço*... Na função analista que aparece, entre o eu que insiste e o eu que desaparece, no trabalho de Sísifo que nos foi legado por Freud e Lacan.

Nessa dinâmica, ser analista me parece um pouco infantil. Ser analista está do lado das minhas resistências, às quais busco fragilizar nas noites de terça-feira.

Mas resta o desejo, desejo de longa análise para mim e para os amigos da Psicanálise.

[11[3]] FREUD, S. *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* [1912]. In: Vol XII da E.S.B.

[12[4]] LACAN, J. O Seminário, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

[13[5]] QUINET, A. As 4+1 condições da análise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Alguns comentários:

Depois de algumas dessas reflexões e diante da pergunta (você é psicanalista?), que por vezes surge, fiquei pensando em algumas respostas plausíveis:

- Considerando o ato analítico: *Já fui! E nem percebi! Não é que às vezes eu sou, mas nem sei quando!* Ou ainda *Pretendo ser, mas que eu não saiba quando!* (neste último, atento ao cuidado para não ultrapassar o ato, predeterminá-lo, prevê-lo, o que Lacan classificaria como *incompetência do analista*).
- Na medida em que me disponho ao exercício da análise e da sustentação de seus efeitos, e considerando poder fazer laço social a partir desse discurso, imagino a resposta: *Não deixo de ser!*
- Além do *estou analista*, no caso do AE de uma escola que determina o tempo de vigência de um trabalho enquanto tal.

Quanto à história de ir procurar a análise para ser analista, lembro-me de um susto que tomei num debate interessante entre dois profissionais altamente respeitados na cidade. Um deles dizendo que mandava de volta para casa alguém que chegasse a seu consultório com esse pedido, o outro dizendo que seria um desses que voltaria para casa, mas que pode construir muita coisa em seu processo a partir dessa questão. Pensei aliviado depois que, talvez diante de tantas patetices que se diz antes e durante o processo de análise, esta, a de ser analista, pode ser mais uma, o que não inviabilizaria a fala, a construção da demanda, o direcionamento do analista (de quem escuta).

Outra coisa que pensei é que não posso dizer que Freud não avisou! Lembrando-me do que o mesmo diz em *Análise terminável e interminável*: *quase parece como se a análise fosse a terceira daquelas profissões impossíveis quanto às quais de antemão se pode estar seguro de chegar a resultados insatisfatórios*. Menciona a educação e o governo como as outras duas, mas reafirma que, mesmo sem garantias, *é na própria análise, com a qual começa* a *preparação para a futura atividade*.[14[6]]

[14[6]] FREUD, S. *Análise terminável interminável* [1937]. In Vol XXIII da E.S.B.

Discursos – Um entre outros ≠ um e uns outros

Everaldo Soares Júnior[*]

$$\frac{a}{S2} \longrightarrow \frac{\$}{S1}$$

(Discurso da análise)

$$\frac{S2}{S1} \longrightarrow \frac{a}{\$}$$

(Discurso universitário)

Esse trabalho é um arrumado que vem de quinze dias atrás, como também de dez anos ou mais, ideias que expressam preocupações teóricas que gostaria de dividir com vocês. Assim, é um *trabalho em construção,* para o qual conto com as instigantes contribuições desse fórum especializado.

No *R.S.I.*, Lacan diz uma frase que muito me surpreendeu: *Quando dizem que eu sou o fenômeno, o fenômeno é o discurso, o fenômeno não é o EU.* E claro que Lacan estava falando nesse momento dos discursos na Psicanálise, dos matemas que ele mesmo construiu, os quatro discursos mais o discurso do capitalista: o universitário, o discurso da análise, que ele começa chamando discurso do analista, o da histérica e o discurso do mestre. Eu trouxe dois desses discursos, o discurso da análise, que assim chamo, e o discurso do universitário. Discurso aí não é o palavrório, não é a oração, o sermão, ato de discursar, mas uma amarração, uma reunião de lugares e de letras. Esses lugares são os mesmos, o *agente*, na parte superior do primeiro travessão; a *verdade fica no espaço inferior do mesmo travessão*; no segundo travessão, o *Outro* na porção superior e a *produção no espaço inferior*. Então essa reunião, em movimento, é o

---

[*] Everaldo Soares Júnior é psicanalista e Analista Membro da Escola (AME) do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise.

fenômeno e não o *eu* de Lacan - *eu não sou o discurso, o discurso é o fenômeno*. Estaria ele nos dando uma materialidade para que trabalhássemos a regra fundamental da Psicanálise, a escuta e as associações livres, os desejos e o ato de escutar?

Ainda no Seminário 17, há uma construção que Lacan faz, aproximando-se de Hegel e também revolvendo, criticando Hegel, o idealismo alemão, o senhor e o escravo, quando ele diz que o desejo do saber é diferente do saber do desejo. O desejo de saber é ser gozo do saber dos desejos dos senhores. Então, o escravo, na sua servitude, procura saber dos desejos dos senhores. No entanto, saber do desejo é a falta. Pouco mais tarde Lacan fez o seminário *O saber do analista*, e o saber do analista é a castração. Um pouco antes do estudo desse seminário, que já faz uns dez anos, mais ou menos, tivemos no Traço um encontro com Donaldo Schüler, ele ministrou um curso sobre Heráclito que muito me impressionou. Antes, eu via o *logos* como a forma, a substância, a essência; e passei a entender o *logos* como o filosofar dos primórdios da filosofia heraclítica, como o princípio do movimento no desvelar, velar e no revelar.

Essa torção vim entendê-la um pouco mais com o difícil artigo do Heidegger, de 1942, chamado *Logos*, que Lacan traduziu para o francês, em 1958, e publicou na revista *La Psychanalyse*. Na visão heideggeriana, o *logos* é uma imagem telúrica, que está em Heráclito, é o clarão de um relâmpago numa noite de tempestade, que clareia a noite, mas não transforma essa noite no claro do dia, há algo de efêmero clarão evanescente, é uma enunciação que traz algo que se torna claro e que é fugaz. Ao seguir o fragmento 50, impressiona quando ele diz: *Não escutando a mim mesmo, mas auscultando o logos em sua profundidade, tudo é Um*.

Lacan disse que o eu não é o fenômeno, e ele diz que não é escutando a mim mesmo. Enfim, o *logos* em profundidade é sábio, ele diz, escutar o logos em sua profundidade. E a sua profundidade é o silêncio. Mia Couto, no seu livro *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, diz que *o silêncio é a língua dos deuses*. Então esse silêncio está na escuta, na profundidade do *logos*. Assim a coisa já fica um tanto quanto diferente.

Vamos um pouco aos matemas. O *semblant* do *objeto a* que causa transferência, causa dizeres, causa desejo, um sujeito barrado no campo do Outro, a castração que é a castração do Outro. Há quem diga que neste momento o Outro enquanto construção não existe. A produção é o *Significante 1*, o *Phallus*, e é o *Significante 1*, e não é o significante primeiro. Enquanto significante primeiro, ele estaria na ordem de uma realidade objetiva, na ordem das pessoas, das coisas, na ordem das diferenças individuais. É o Significante 1 o Significante-Mestre que sozinho não significa nada, diz-nos Lacan, que se remete só enquanto significante, já que a barra do conceito do objeto, do significado, funciona e é intransponível ao campo da verdade, à coleção de significantes. Se o significante sozinho não significa nada, também na sua remetência ele não diz tudo o que tem a dizer, marca sempre um indizível. Então essa cadeia é S^{n-1} , o laço social presentificado pela falta, só estabelecida pelos desejos causados por um *objeto a*, pelo *semblant* do *objeto a*, que é o campo do Real, que é construído no Real. Na verdade, esse objeto é construído no vazio, é um resto de gozo que não se especulariza. Mas o que acho mais importante é que nessa coleção de significantes, S^{n-1}, que presentifica a falta entre significantes que não dizem tudo, há neles algo de inefável, que marca, inscreve o diferente, o singular do sujeito; é aquela palavra procurada que vem e que não diz tudo, mas faz um sentido na cadeia. Na quarta-feira estudamos Arte e Psicanálise. Certo dia, veio um exemplo de Jorge Amado, quando ele escrevendo perguntou à sua mulher: *Como é mesmo aquela palavra que Caymmi usa na canção dele?* E ela: *Que canção, que palavra, que canção, que palavra?* Ele disse: *Precisa mais não, é insensato, a palavra é insensato*. Chegou a palavra. Então a rede de

significantes não é mais a mesma, a palavra faz o diferente e promove novos sentidos. Não devemos confundir com as diferenças individuais, essas diferenças são realidades objetivas, alto/magro, baixo/gordo, gosto/não gosto, o objeto, as coisas, as ações, as pessoas, que Lacan vai chamar *apport* privilegiado do fantasma, o fantasma enquanto essa construção que vai recobrir a falta. E aí o diferente seria recoberto.

No discurso universitário, como todos nós sabemos, o S^2 são os saberes, quando se dirige ao campo do Outro, ao lugar onde há o desconhecimento, para tornar esse desconhecimento conhecido. No Seminário 1, Lacan diz: *A questão é a relação da ignorância com a verdade e não o conhecimento e o desconhecimento.* Mas os saberes iluminam e o conhecimento aparece. É uma questão que tento descobrir, o remédio para uma doença mortífera, o conhecimento que ainda não apareceu como solução salvadora. A produção do sujeito, que está barrado, é o sujeito do conhecimento, e essa reunião de contrários é assegurada pelo Mestre, assegurada pelo S^1, Significante-Mestre, Poder, e eu poderia ler assim: O Poder assegura um saber que ilumina um desconhecido, tornando-o conhecido, produzindo o sujeito do conhecimento. O saber teria poderes.

Há um fragmento de Heráclito, o 40, em que ele diz: *Muitos conhecimentos não ensinam a sabedoria.* A sabedoria estaria numa outra ordem. E de que sabedoria ele fala? Esse princípio de movimento Heidegger vai entendê-lo como o colher e o recolher, o esconder e o mostrar-se; compara-o com a Agricultura, que é um movimento de guardar, de reunir, de velar, e o movimento de falar, que é um movimento de desvelamento, princípio de linguagem, mas este movimento é dialético, ama também o velamento, e diz: *só se conhece bem o que se ama*.

Em outro fragmento, o 45, Heráclito vai falar: *Caminhando não encontrarás o limite da alma, mesmo se percorreres todas as estradas, pois é muito profundo o Logos que ela possui. Assim nos coloca algo intransponível.* Então vai haver sempre algo que não será elevado à fala, o desvelamento não se faz. Há um lado da coisa que continua como coisa e não passa à linguagem.

E a sabedoria? A sabedoria já é uma palavra um tanto quanto esnobe, não? Mas vamos afastar essa significação e tentar outras. No filme *Sócrates*, de Vicente Minelli, há um momento em que o pensador grego diz que a presunção do saber é o mal e que o saber, enquanto advindo da construção de questionamentos, da Maiêutica, seria a verdade ou a virtude. Mas não é isso, ainda, que o *logos* – esse *semblant* de *objeto a*, que é o lugar onde está a escuta do analista-, faz funcionar. Então vamos ver o seguinte: essa escuta é a profundidade do *logos*. Se há um momento no *logos*, no velamento, no colher e recolher, em que esse velamento é um velamento de amor, há um desvelar, e o importante para esse desvelar é a profundidade do *logos*. E nessa profundidade o analista é colocado na posição de *semblant* de *objeto a* com sua escuta desprevenida de saberes preestabelecidos para os dizeres do analisante. Aí os dizeres, que também não são plenos de dizeres, há nos dizeres aquilo que não se diz, ou, melhor ainda, há o indizível, o inefável dos dizeres, uma relação que se estabelece entre o não sentido da escuta do desejo do analista, que está fora da cadeia dos significantes, que está fora do princípio de prazer, que está desprovido de saberes, e o inefável dos dizeres. Aí novos sentidos, novos significantes se inscrevem.

E lembrando Clarice Lispector quando ela diz: *Eu quero uma verdade inventada*. *Eu quero uma verdade que me tire dessa solidão*, reporto-me à ficção, que é uma invenção, e uma invenção é aquele sujeito do quarto laço na cadeia borromeana. Em *Água Viva*, Clarice diz claramente: *A Palavra é uma isca que pesca o que não é palavra*. Assim, vamos distinguir naturezas diferentes. O Simbólico é um buraco, o Real está fora, é uma *ex-sistência*, e o Imaginário é uma imagem do corpo, digamos assim, é uma realidade fantasmática e estão enodados singularmente.

No Seminário 1, Lacan vai dizer que o ato analítico, a Psicanálise, é uma reconstrução e não é revivescência, ou seja: é prender o 1 aos conhecimentos vindos do Outro, desejo de saber. A Psicanálise é uma reconstrução, a palavra mais usada por Lacan é essa; é uma reconstrução e não uma revivescência. Aí estaria a sabedoria? Parece-me que sim, a cada momento da análise em que acontece a escuta, o inefável dos dizeres, a construção de novos significantes e novos sentidos que se divisam em outros saberes e, consequentemente, em outros dizeres, esse sujeito perde toda a sua consistência imaginária e objetal e é representado na rede dos significantes. Há uma reinvenção da Psicanálise a cada sessão ou a cada análise.

Assim, essas são as minhas preocupações. Claro que o *logos* psicanalítico (vai o meu ato falho), o *logos* heraclítico, é muito mais profundo e silencioso, há fragmentos muito mais fascinantes. Mas são as ideias que consegui reunir para apresentar essas experiências de palavras, presentificando o inefável, responsável pela continuidade do processo.

Outubro de 2009.

O que faz uma mulher apontando o revólver para o marido?

*Dulcinea Santos**

> Olha e vê: o marido dorme passado o clamor do sexo, dança de pernas e braços, gemidos de agonia e gozo, desprotegido, abandonado e só, despojado na mansidão lerda do sono. Entre a decisão e a coragem, observa-o na cama larga de lençóis alvos, travesseiros altos, espalhados, envolto pelas ramagens do mosquiteiro. Revólver na mão, prepara-se para festejar a bala que enfeitiçará o coração da vítima. O lustre apagado, o abajur aceso, a poltrona na penumbra, as marcas do sono se adensando no rosto, nas têmporas, no queixo, ela confia. Um apenas sorriso tímido nos lábios.
>
> (R.C., p.15)

Este ano a Bienal Internacional do Livro estará homenageando nosso escritor pernambucano Raimundo Carrero. Compartilhando com esse espírito, resolvi trazer, para apreciação e debate, a análise de seu romance– um burilado romance da modernidade: *Ao redor do escorpião... uma tarântula? Orquestração para dançar e ouvir.*

Essa leitura tem dois fins: primeiro, visa compreender o moderno processo da criação literária romanesca que toma como objeto a linguagem implicada com o processo da *dessignificação*, da *desideologização*, da *desidentificação*[1], e, dessa maneira, afasta-se de uma ontologia tradicional, que encerra uma concepção pronta, acabada, fechada, do mundo. É uma tentativa de apresentar o homem na posição singular de sujeito historicizado, vivido na contingência de uma existência traçada pela incompletude, um sujeito que não é, como refere Lacan, *ser* nem *não-ser*, mas *algo de não-realizado*[2]. Nada de essência, nada de substância. E aqui entra o outro objetivo, que é o de trazer, pelo viés da Psicanálise, a noção de causalidade *material*, *eficiente*, *formal* e *final* do gozo, implicada com os conceitos do *Outro*, do *signo* e do *amor*.

O romancista, Raimundo Carrero, emprega um processo de escrita para descrever o próprio fato da enunciação – a situação de discurso-, contando com elementos extralinguísticos. Aqui, recorre a sinais gráficos - **_...** - para representar, no nível de uma linguagem matemática, seus personagens, o casal Leonardo e Alice, e assim também à linguagem da música, pelo jazz. Carrero utiliza esta linguagem - uma *Orquestração para dançar e ouvir*- para significar as variações dos estados da alma**_...** *a noite atormentada do escorpião em agitado grave agudo sol maior saindo para o dó de duas escalas uníssonas semitonadas harmoniosas desafinadas integradas aceleradas renovadas* (p.119). O ritmo jazzístico tocado pelo sax do negro americano é um ritmo marcado por poucas

*Dulcinea Santos, escritora, crítica literária, Membro Efetivo do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

variações, contendo um ponto nodal no qual acontece o improviso. **_...** *Dg está tocando a impossível a sombra do seu sorriso – de hoje – as paredes impregnadas – um tempo impossível* (p.26). Esse ponto corresponde ao que Alain Didier-Weill chama de *A Nota Azul*[3] *– sempre a mesma,* à espera de uma significação. Poderíamos talvez dizer que, metaforicamente, esse ponto traduz mesmo é o sujeito enquanto que indeterminado. Também podemos observar a marcação do ritmo musical nas palavras entrecortadas nos períodos, ao longo do texto: é a cadência repetitiva de algo que insistentemente se insinua e carece de representação, este Real vivido _... *esta mulher sentada – esta mulher? – esta mulher sentada com uma tarântula no peito ouvindo o sax – tarântula, uma tarântula? – esta mulher nua sentada com uma tarântula no peito ouvindo o sax do negro americano –esta mulher nua sentada?* (p.117).

O plano da enunciação emprega o *estilo sincrético* que reúne mais de um discurso simples, conforme o explica os linguistas Ducrot e Todorov [4]. Aí o discurso do narrador é penetrado pela fala da personagem**_...** *Essa filha da puta me devora, Alice escandalosa e leviana, ela dorme nua, nem percebe e dorme nua, completamente e inteiramente nua* (p.111). Esse é o discurso indireto livre. Dando ênfase ao narrador, Carrero faz dele uma *espécie de testemunha*, misturado com o *investigador*, mas em terceira pessoa, o que ele designa como *falsa terceira pessoa*, assim emprestando maior verossimilhança ao relato [4] **_...***esta mulher, tarântula que ouve o negro tocando sax e improvisa a noite de espera, com ele improvisa a noite de inquietação, com ele improvisa a noite de ansiedade na criação e na construção, na leve criação e na lenta construção da morte que se agita no sangue, no peito, no coração, sentada na poltrona de espaldar alto, confortável, o revólver deitado na coxa esquerda (p.108)*. Tal discurso consiste de *um só quadro de referência*, toda a ação se passará no quarto, onde ocorre uma única situação: *o que faz uma mulher apontando o revólver para o marido?* e da *ausência dos elementos metalingüísticos*, ou seja, nenhuma referência ao próprio código.[5] Esse tipo de escrita é a mesma que caracteriza a escrita do grande James Joyce:

falência da representação, perda das identidades, descoberta de todas as forças que agem sob a representação do idêntico. É com esses traços que Gilles Deleuze [6] configura o romance do mundo moderno. Esse, um grande desafio para o escritor e o leitor da moderna ficção literária.

Assim, essa modalidade de romance nos interessa, a nós, implicados com a teoria psicanalítica. É uma rica fonte ilustrativa para nossas elucubrações teóricas. No trabalho desse processo criativo, feito no plano da enunciação, é vetorizada a dimensão real da linguagem, essa dimensão não passível de sentido, de representação, sem imagem, dimensão do não-dito, ao nível do inconsciente. Para isso, a escrita é feita como pensa Clarice: num *modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra*.[7] Palavra do campo da *poiésis*. E então que digam mesmo dessa escrita que é um cipoal inextrincável. O Real é assim: dimensão linguageira que não oferece livre tráfego; ocupa um *lugar onde*, conforme expressa Lacan, *o sujeito, na medida em que cogita, onde a res cogitans, não o encontra*.[8] Lugar indevassável, só propício à suposição. E aí é o Imaginário, essa outra dimensão linguageira, quem vai tentar dar conta disso. É o que faz o narrador o tempo todo, ao inquirir: *O que faz uma mulher apontando o revólver para o marido?* E, em frases labirínticas, segue tracejando perguntas, sob hipóteses que serão levantadas graças ao trabalho tecido por certa aranha - *uma aranha grande peluda felpuda na orelha esquerda* do personagem, Alice– *o que faz uma mulher mais tensa com uma aranha na orelha esquerda – será? – mais tensa muito terna com uma aranha na orelha – será mesmo- mais terna do que tranqüila muito terna a aranha na orelha esquerda – será mesmo tensa?- uma aranha na orelha – que faz?* Tecem-se vozes, vozes cruzadas do narrador com os personagens, Leonardo e Alice. Aí se acentua o que penetra pelo ouvido. Recordemos aqui o episódio do taberneiro *Earwicker*, no *Finnegans Wake*[9] - de *earwig*-, um inseto, a nossa conhecida *lacrainha*, penetrando-lhe o ouvido; *em pesadelo*, tecendo-lhe o pecado original. E perguntemos: Não seria a tarântula na orelha um deslocamento dos genitais femininos? Sua presença na orelha não diria de um resto dos latidos vaginais de um coito não satisfeito e talvez não reconhecido? Paranoicamente, o latejar retornaria por um buraco permanente, que nunca se fecha, dizendo assim de sua constante insatisfação**_...** *Alice atira? Alice não atira?*

No enlace da dimensão linguageira com o Real e o Imaginário, um modo de escrita do Inconsciente estruturado como linguagem. É essa modalidade de enlace que vamos encontrar ficcionalmente representada no romance do escritor Raimundo Carrero. Eis aqui uma *escritura* rompendo com o discurso linear das significações prontas. Uma escritura poética, tecida no ventre da aranha, desenhando o traço deste escrito: a significância fluindo em direção contrária ao sentido.

O que faz uma mulher apontando o revólver para o marido? (p.15)

Na epígrafe acima, a cena inicial do romance, na qual se encontra o universo do espaço romanesco em que se desenrolará toda a trama. Os estranhos acontecimentos que se passarão terão como cenário externo unicamente esse quadro de referência. O núcleo temático é o revólver apontado para o marido. O tempo do romance acontece entre a vigília e o sonho, tempo lógico do inconsciente, desdobrando-se para trás e para frente – *o que faz Alice? o que faria Alice? o que fará Alice?* – sem se fechar num tempo pretérito perfeitamente acabado. Tempo do *devir*, tempo descontínuo do inconsciente, *forma essencial na qual alguma coisa se manifesta como vacilação*, como o define Lacan [10]. Instantes fugazes do sentimento. Os personagens são vistos em sua constituição subjetiva de seres sexuados, *falantes*, *parlêtres*.

O que faz uma mulher apontando o revólver para o marido?

Alice mata? Alice não mata? -... *o que faz uma mulher terna sentada tranqüila na poltrona apontando tensa o revólver para o marido que dorme? – tensa – o que faz uma mulher tensa sentada tranqüila na poltrona apontando tensa o revólver pesado na mão direita para o marido que dorme? pesado* (p.15-16). Revólver pesado, revolver pesadelo. Eis a questão central que flui ao longo do espaço romanesco.

Carrero, comentando seu processo de criação, informa que, ao escrever essa narrativa, pensou em descrever o que ocorre no pensamento de um homem e de uma mulher durante os trinta segundos que se passam após o orgasmo. Entre o sono e a vigília, o tempo em que o gozo e o orgasmo se permutam numa necessidade implicada num outro tipo de satisfação, aquela que se satisfaz ao nível do inconsciente, na relação do gozo com o inconsciente, *na medida em que ali algo se diz e não se diz*, conforme Lacan.[11] Corpo significante, falado, esse corpo que, como tal, é a *causa material do gozo*,[12] gozo do grande Outro, do Outro sexo que não existe, este Outro Absoluto, de onde, diz Lacan, *partimos para designar esse outro como o outro.*[13] *Mãe-Vento_... Puríssima e putíssima - celestial, celestial e divinal* (p.161). Alice deseja matar aquele homem que dorme. Alice navega no *vasto escuro verde escuro do mar* (p.48). Alice escuta *o sax de dg tocando a sombra de seu sorriso.* Sua mãe lhe dizia: *todo amor é trágico* (p.21). *Alice esta mulher com a sensação de mulher* quer matar. Alice, homo, universal? Alice atira? Não atira?

O revólver circulando: o revólver nas coxas, o revólver no peito, o revólver no colo, o revólver na mão: as ideias indo e vindo, revolvendo coisas. Não estaria essa mulher aí, mais do que para matar, no tempo do devir, revolvendo coisas? O *revólver*, no ato de *revolver*, em repetição, *revolvendo* o pensamento no gozo da *hannamoration*?[14] Amoródio? Ambivalência? O mosquiteiro, o véu, *vel* [15], entre o escorpião e a aranha_... *esta mulher que sonha em abrir as franjas do mosquiteiro tomada de alegria a felicidade* (p.122). Uma dança *ao redor do escorpião...* cadenciada pela variação do ritmo jazzístico- de pouca variação -, da *tarantulosa* e não *tarantulosa* Alice. E a *Orquestração para dançar e ouvir*. Uma dança entre *Eros e Thanatos*. Há signo de amor? -... *Será?*

O *simulacro* no efeito do jogo ótico da representação **-...** *o revólver de quatro cores do arco-íris para o marido dormindo, o marido que dorme* (p.67), que dorme *na cama sob as ramagens do mosquiteiro de costas nuas para ela os pêlos escuros criando a rosa de quatro cores... preto, rosa... vermelho, pêlos... amarelo, coxas... verde, pernas* (p.67). Do ponto de vista lógico, as cores, aqui, são *acontecimento-linguagem*, atributos dialéticos provocando efeitos, *quase-causa* declinando de significado a significado, de significante a significante; *incorporais* deslocando-se na infinda cadeia da linguagem, lugar da grandeza e miséria do humano falante. A máscara, o disfarce, a repetição no corpo significante, potencializando o desejo que não é primeiro nem segundo - *a rosa lúbrica escura, a rosa lúcida escura, a rosa lúdica escura... uma mulher.... lúcida.... lúcida e negra.... uma bela mulher, reles, branca...*(p.67). A repetição da experiência única ocorrida *in illo tempore*, ficcionalmente sustentada pela imagem da *Mãe-Vento*, grande Outro prenhe de infindas possibilidades, de indecidíveis e indiscerníveis suposições.

Rosa, amarelo, vermelho, preto revólver - *As quatro cores são sete = ou= cinco: o arco-íris no céu* (p.65). Objeto ilusório? *Die Sache*? Não. Identidade a si mesmo, *quidade* - a metáfora da unidade em sua função significante: Falo, o revólver **–...** *esta mulher sabe que na sonolência da ansiedade deve acarinhar a arma, que na espera do*

assassinato precisa alimentar o revólver, que na luta pelo domínio do sono deve amar a morte, uma mulher sabe que o marido dorme na espera do assassinato, na necessidade de acarinhar a arma, na luta para dominar o sono (p.55).

Com maestria técnica, o romancista, nessa tentativa de representar o sujeito na experiência do gozo em relação ao inconsciente, recorre a modernos recursos literários – uma certa *teckné* - a Grega, na arte de saber fazer com o selo da *areté*. Emprega a metáfora no mais alto nível de construção: a metáfora traduzindo a *pura atividade* - ένέργεια-, muito longe de ser substância, matéria física. Esse tipo de metáfora não é a do simples símile, *comparação* intermediada pelo *concreto*, reflexo do semelhante ao semelhante, muito comum aos nossos S*chrebers*; esse nível de metáfora pertence a um nível superior da linguagem, ao campo abstrato da *metáfora adjetival* e *verbal*, uma dimensão metafórica mediando a identificação, na *similaridade* da posição.[16] Metáfora usada por Joyce! Assim é que veremos também a *rosa lúbrica* como signo, pela metáfora adjetival, representando a atividade das pulsões. Rosa sexuada, a *Coisa* de onde parte a pulsação para a realização de seu trajeto, a *causa eficiente do gozo*, na busca de uma satisfação, *projeto com que o gozo se limita.*[17]

Alice, a Tarântula-**...** *O suor poreja o rosto, ela quer manter as mãos sobre o marido, uma no peito, outra nas pernas, a presa que não se agita, não se altera, não se move (p.27).* Leonardo, o Escorpião - *perseguindo a tarântula na madrugada do quarto de Alice, nua, esta mulher nua, Alice, essa mulher* (p.148). Alice...- *Também deseja os testículos, o ânus, as nádegas, a arma entre os dois* (p.24). A dança nas ressonâncias sadianas.Esta, a *causa formal do gozo*: a gramática que comanda o gozo.[18]

A Tarântula mantendo as mãos sobre o marido. O Escorpião perseguindo a tarântula. Dança mortífera, no ritmo *staccato*, fragmentado, do corpo -**...** *E Leonardo, este impreciso enigma a ser descendo, caminhando para ela, irritante o riso, o sorriso despedaçado, caminhando para ela, irritante o riso, o sorriso despedaçado, insultuosa a gargalhada, e ela ali aos pés do homem, aos pés do desejo, aos pés do amor, os seios latejando, as coxas quentes, os ombros tensos, ouvindo ele dizer uma mulher que se despe é pura encantação, ela forçando-o sair do sono para a lembrança do clamor do sexo, dança de pernas e braços, gemidos de agonia e gozo, antes do sono, todos os dias antes do sono, o som alto, o barulho do vento nas copas das árvores, e ele tentando beijar a rosa lúbrica, a tarântula sorrindo, suado e banhado, lambuzado e torturado, o escorpião suando e lambuzando a rosa lúbrica, lúdica, banhando e lambuzando a rosa lúbrica, lúdica, lúcida, suando, lambuzando, banhando, torturando a rosa, tarântula que se oferecia inteira, na incrível delícia do sono, tão completamente inteira se oferecendo na incrível maravilha do sono, tão inteiramente completa se oferecendo na incrível docilidade do sono, tão completa e tão inteira se oferecendo na incrível leveza do sono* (p.145)**.**

É nessa pulsação narrativa – pelo andamento, pelo tom, pelo ritmo do pensamento-, que o romancista vai metaforizando a linguagem no nível do inconsciente. Frase labiríntica, centopeica, coleante, caudalosa, mimética, a *língua-serpente*, venenosa, vai se desdobrando - *não pára de não se escrever* -, em percurso labiríntico produzindo gozo-**...** *Leonardo, este impreciso enigma a ser descendo... na incrível leveza do sono.* Diríamos, com Lacan, *pulsação de gozo que insiste na repetição da cadeia do inconsciente*. Entre o sono e a vigília, o *entre-eu do delírio*. Frase centopeica. Paranoica. Centopeia, sinônimo para escorpião, símbolo para Leonardo. Após a cópula, para não ser morto, o escorpião foge da carnívora tarântula, antes que ela recupere seu apetite**...** *via e vê... Alice não... quem via... Leonardo sim... quem via... Alice sim... vendo, a bela Alice via Leonardo vendo... sim, tarântula não parindo sim e não montada sim nas não quatro cores sim do arco-íris, não... a bela sim Alice não vendo*

sim o guerreiro, não... quem... sim..., a espada não na mão sim tentando não matar sim o escorpião não celeste sim alado, não... sim, fugindo não... (p.109). Como diz Lacan, aí *O que se produz é o gozo que não se deveria – condicional. O que nos sugere, para seu emprego, a prótase, a apódose.*[19]

E, por fim, mais outro ousado recurso linguístico empregado nesse grande texto da modernidade, não só representando linguisticamente a pulsação narrativa, mas também escrevendo à letra o que é do Real vivido: Leonardo é o *travessão* e a *vírgula*; Alice, a *suspensão*: _... O amado e o amante em alteridade subjetivante? Não, não. Alice anagramática. Alice siderada **_...** Alice respondendo *nem sim nem não _... desajeitada Alice desleixada – e não deveras observando- o deitado homem dormindo- expulso da vida- sim passará de hoje- a mão direita segurando o revólver não dormindo não entre as pernas sobre o vestido- os cabelos não negros não longos não escorrendo não mansos nos ombros – não expulso não sangrando da vida- sim passará- não deitado não forçando o vinco severo da coluna não bem marcado- sim passará sim- a cabeça não deitada para trás não dormindo - a musculatura não em repouso - a boca não escancarada não - passará sim passará- sim penetrara sim no definitivo negro bosque sim vicejoso da noite ouvindo sim o negro tocando -Alice sim definitiva - sim definitiva sim - Alice sim definitiva sim – sim dormindo sim - Alice sim voltava definitiva sim ao riso* -(p.29).

Alice respondendo *nem sim nem não...* Alice no saber da ilusão. Alice no Real do não-sentido construindo um saber pleno de ilusão. A esse amor – *amoródio*- que diga:

EU TE PEÇO – QUE RECUSES – O QUE TE OFEREÇO

PORQUE NÃO É ISSO.[20]

A fantasia do ser falante, a realidade que é de fantasia, a *causa final do gozo*, em *O alto ao gozo que o significante faz_**...**será*? [21]

Notas

1. Ver, de O. Ducrot e T. Todorov, o *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*. SP: Ed. Perspectiva, 3.ed., 1988.
2. In *Seminário 11 Os quatro conceitos da Psicanálise*, 2ed., RJ: Editora Jorge Zahar, 1988, p.34.
3 A *Nota Azul Freud, Lacan e a Arte*, RJ: Ed. Contra Capa, 1997.
4. In *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*.
5. Ver Massaud Moisés. *Dicionário de Termos Literários*. SP:Cultrix, 1971.
6. Ducrot e Todorov. Idem.
7. In *Diferença e Repetição*. RJ:Graal, 1988.
8. In *Água Viva*. 5 ed. RJ: Nova Fronteira, 1980, p.21.
9. In Seminário 11, p.52.

10. James Joyce. *Finnegans Wake/ Finnicius Revém.* Trad. Donaldo Schüler Livro I Ateliê cultural, 1999.
11. In *Seminário 11*, p.30.
12. In *livro 29, Mais, Ainda*. P.702ed., RJ: Jorge Zahar Editor, 1985.
13. Ver *livro 20*, p.36.
14. Idem, p.81.
15. Idem, p.122.
16. Ler no *seminário 11* a função do vel como vetor da alienação e separação, capítulos XVI e XVII.
17. Ver Bruno Snell, *A descoberta do espírito.* RJ: Edições 70, p.278.
18. Ver *livro 20*, pp.36-7.
19. Idem, p.37.
20. Idem, p.81.
21. *Seminário 1971-1972. O saber do psicanalista.* Publicação para circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife – CEF. Lição V, p.74.

Homo Sapiens

(A falta de saber, o saber não sabido e o saber em falta)

*Carlos Santos**

> Ao contrário, em relação ao vazio, temos uma grande idéia, porque tudo que nos foi legado por uma tradição chamada filosófica concede um grande lugar ao vazio. Há mesmo um chamado Platão que fez girar em torno disso toda sua idéia do mundo, é o caso de dizer, foi ele quem inventou a caverna. Fez dela uma câmara escura. Havia algo que acontecia no exterior, e tudo aquilo passando por um buraquinho mostrava todas as sombras. É curioso, é aí que teríamos talvez um pequeno fio, um pedacinho de rastro. É manifestamente uma teoria que nos faz compreender o que é o objeto a.
>
> (Lacan 6/1/1972)

Quando Freud estabeleceu o saber como uma pulsão (*Wissentrieb*), estava respondendo conceitualmente a um conteúdo clínico, por meio do qual as pessoas veiculavam uma expectativa de se afastarem do sofrimento registrado no percurso de análise. Isso se deu porque a busca pelo saber no âmbito iluminista fundamentava a maior parte dos traços exitosos pelos quais se transitava na vida, encaminhando o foco de atenção para uma das primeiras referências ao que se poderia nomear de natureza humana. Assim, não havia quem questionasse a vontade de querer saber sempre mais, acerca dos fenômenos que ocorriam com as pessoas, pois a curiosidade é o principal

modo de proceder perante as coisas da vida, cuja constituição mais usual é a de adquirir informações. Em função desse modo, o ser humano é caracterizado a partir do saber (*Homo Sapiens*), indicando ser o seu principal marco constitutivo.

O modo de querer saber está, portanto, incrustado no organismo do ser humano, de forma a fundamentar sua natureza. Por outro lado, a perspectiva clínica de lidar com esse aspecto não ocorre de maneira única, nem designa uma uniformidade globalizante. Há coisas que não se sabe, há as de um saber não sabido e o extremo de um saber em falta. Esse é o caso de se ver que não há uma totalidade de informações sobre a vida de uma pessoa. Um exemplo disso é o que se passa com a falta no contexto do Édipo, pois tanto esse personagem como as pessoas em geral corporificam de maneira trágica a tripartição do saber.

Freud destacou a vivência da falta edipiana na trigésima segunda de *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (*Angústia e vida pulsional*, 1933), na

*Carlos Roberto Santos, psicanalista, Membro Efetivo do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise

qual existe a seguinte passagem: *Antes de mais nada, não se trata de a castração ser ou não ser realmente efetuada; o que é decisivo é que o perigo ameaça de fora e a criança acredita nele.* A principal ilustração desse fato se dá quando os analisantes falam de sonhos repetitivos em que alguém ou eles próprios estão sob o risco movido por um agressor. Já na conferência seguinte – *Feminilidade* –, Freud amplia esse raciocínio, ao determinar que o menino evolui para o domínio fálico, vivendo a ameaça de castração, enquanto a menina chega ao Édipo como um refúgio. Assim, afirma:

> Sob a impressão do perigo de perder o pênis, o complexo de Édipo é abandonado, recalcado e, na maioria dos casos, inteiramente destruído, e um severo supereu instala-se como seu herdeiro. O que acontece a menina é quase o oposto. O complexo de castração prepara para o complexo de Édipo, em vez de destruí-lo a menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis, e entra na situação edipiana como se esta fosse um refúgio. (Novas conferências introdutórias sobre psicanálise).

A tripartição do saber que concerne à falta leva o analisante a receber certos conteúdos que surgem por meio de aparições inesperadas ou revelações, as quais são mínimas, rápidas e impactantes. [1] A necessidade de quem lida com tais revelações é a dos modos de se darem sem ser ponderadas a partir da lógica formal, não deixando, entretanto, de serem rigorosas quanto às suas abordagens. Trata-se de ocorrências que estão do lado do analisante, pois é assim que devem ser aguardadas pelo analista, sem transformá-la num elemento pertencente ao conjunto do saber articulado

discursivamente, nem levá-las para o campo místico-religioso. O necessário é que essas manifestações no decorrer de uma análise encontrem o analista absolutamente propenso a proceder com uma escuta que recepcione o paradoxal, o enigmático e o contraditório. Somente assim é que as revelações aportam num ambiente propício.

A revelação issogênica

Na condição de a escuta do analista ocupar ocasionalmente o lugar de *semblant* do objeto *pequeno a*, como resto do discurso do analisante, também essa cria um ambiente que recepciona a revelação, a qual traz consigo aspectos que vão além do restrito pela história pessoal, pois surgem conteúdos filogenéticos. Assim, a Ontogênese e a Filogênese dão sentido para que estabeleçamos uma Issogênese. Nesse caso, o discurso inclinado para o analítico leva a análise até a travessia pela Era dos hominídeos, que eram obrigados a viver em cavernas iluminadas pelas fogueiras feitas com madeiras encontradas no ambiente mais próximo, assim como trata de coisas bem atuais. O Filogenético brota no Ontogenético, mostrando que o Falasser, em sua perspectiva Issogenética, deve também receber uma escuta da maneira como o arqueólogo investiga os achados num sítio de escavação, indicando que o analisante traz pela via do seu discurso. Assim, o trecho usado como epígrafe nesse artigo, extraído do seminário *O saber do psicanalista*, indica que Lacan estava atento à perspectiva que reúne o primevo com o atual, a qual fundamenta o que chamo de issogenia.

O primevo da humanidade está em consonância com as edificações mitológicas, como na forma dada pelos gregos a certas ocorrências inaugurais da humanidade. Esse é o caso do relato acerca do roubo praticado por Prometeu, no sentido de levar os homens a saírem definitivamente do estaticismo instintual. O mítico relacionado à falta que está subjacente ao discurso do analisante indica a Issogenia do primevo pela domesticação do fogo, em que os hominídeos não mais funcionavam num agrupamento semelhantemente ordenado ao dos animais.

Primariamente, o determinante nas cavernas era o olfato, o tato e a audição, como sentidos que prescindem da luz, pois são os fundamentos na devida apreensão no escuro dos sinais que significavam risco para a vida. Já com a introdução das fogueiras, a luz do fogo além de levar a ver o outro hominídeo, serviu para proteger a caverna dos predadores que viessem a querer entrar. [2] A chama da fogueira formava uma barreira suficiente para evitar que os tigres dentes-de-sabre entrassem nas cavernas primevas

para devorar os Issogênicos. Aquilo que trazia a luz, dando prevalência à função visual, também limitava o lado voraz da natureza, segundo o qual a principal lei é a da luta pela sobrevivência. Enfim, foi pelo uso de um elemento natural – o fogo –, que os seres da caverna alteraram seu destino, passando a ser orquestrados pelos acordes que estão fora do lugar de dependência às leis do Outro-Natureza. Já no plano ontogênico da Issogenia é mostrado que a luz acende a chama que guiará a criança pelos caminhos da tripartição do saber. Com o domínio visual de *ver*, *ser visto* e *ver ser visto*, acontece um tipo de proteção na caverna usada na constituição subjetiva. A lei da adaptação do mais capacitado em captar sinais emanados pela natureza foi flexibilizada em função de aspectos relacionados ao laço social e à comunicabilidade. [3] Assim, a natureza intocada recuou perante outras exigências dos hominídeos, de modo que a melhor comunicação desenvolve as funções dos neurônios em áreas superiores do cérebro, relacionando a capacidade de expressar com a facilidade em resolver problemas. A luz incitou os issogênicos a desenvolver o gosto pelo saber, estabelecendo o caráter visual para adquirir conhecimentos. [4] Trata-se de um sabor Issogênico que acompanha o ser humano pela vida, estabelecendo os parâmetros cavernais da subjetividade.

Itaocas issogênicas

O fogo que alterou a vida nas itaocas Issogênicas teve igual expressão entre os gregos porque é semelhante à luz que Prometeu subtraiu dos deuses, levando-a aos homens para separá-los da natureza animal. [5] Nesse caso, os deuses que comandavam a natureza intocada foram subtraídos de um dos seus atributos para que os hominídeos pudessem desejar – *desiderar* –, não mais siderando na pauta instintual. O prometeico de levar os hominídeos ao estágio de separar-se do lado totalitário devido à natureza decorre da subtração de algo proveniente dela mesma. Os hominídeos retiraram o fogo de sua função natural, aproveitando-lhe a força mostrada desde o ambiente de origem. Enfim, colocar o fogo nas reentrâncias da pedra, utilizando-o como melhor pôde servir, equivale ao que Prometeu realizou quando abriu a mente dos hominídeos com o que subtraiu de Zeus. [6] Em ambos os casos, trata-se da luz do saber, cuja composição incide na constituição infantil do ser humano.

A relação do fogo com os hominídeos no interior de uma caverna foi referida por Platão e José Saramago. Em ambos, cada um com seu modo, havia um sentido de escravidão, ressaltando os fatores concernentes à vida limitada e pouco auspiciosa. No

caso do filósofo, a caverna era o lugar onde só se viam simulacros empobrecidos da realidade. A visão comum é a de só ver algo tão limitado quanto o que mostram as sombras. Para Saramago, no vale da crítica ao consumismo capitalista, os seres que foram encontrados na caverna limitaram enormemente a vida.

O estabelecimento criado por Platão tem como principal alicerce um olhar exterior à situação, cujo ordenamento visa mostrar que os apenados a só ver sombras são banhados pela onividência filosófica. Vem daí a continuação dessa alegoria na função literária do escritor português. A onividência que aprisiona as pessoas no consumo de bens e serviços oferecidos pelo sistema comercial é o modelo capitalista, tornando o capital equivalente ao domínio espiritual concernente ao monoteísmo religioso. Daí, nesses dois casos, a onividência resvala para o sentido divino, mesmo que inspirado pela visão economicofilosófica. No recinto primevo, os olhares colocados pelo filosófico e pelo literário indicavam a presença de uma alteridade que, mesmo fora, interferia nas situações formuladas, além de declarar as sombras como algo deficitário.

Por outro lado, a permanência na caverna não teve somente o sentido restritivo que acima foi mostrado para a alteridade primordial. Pelo contrário, os hominídeos se expandiram, chegando a qualificarem-se como humanoides. A perspectiva que adveio com o afastamento da natureza onividente deu novos meios para enfrentar a realidade primeva. O uso do fogo acionou a luz nas mentes, de modo a realidade exigir o necessário, pois não cessa de estar presente, mas também presente está o contingente como o que cessa de não se apresentar ou cessa de se apresentar.

Os registros do necessário e do contingente vieram como efeito da luz do saber, tanto por manter os habitantes primevos da caverna mais seguros, quanto perante o fato de eles serem obrigados a constantemente ver as sombras formadas pelos seus corpos. Assim, a convivência com as sombras levaram os humanoides a deslocar a onividência da natureza para uma alteridade fundamentada por meio da maior comunicabilidade com os semelhantes. Trata-se de uma alteridade que veicula a realidade diferente da estabelecida pelos sinais transmitidos por meio do mundo natural. Numa palavra, germinando a realidade simbólica, a comunidade humanoide distancia-se da lei de ação gregária que aumentava o grau de sobrevivência do processo adaptativo, pois a alteridade admite um procedimento em relação ao saber.

O desamparo diante da extrema dependência às leis da natureza é substituído pela possibilidade de produzir meios simbólicos (sintomáticoss) de lidar com a vida. A realidade simbólica issogênica da falta de saber mostra que o olhar onividente perdeu

sua extensão, ficando restrito ao viés místico em que o humanoide encontrava-se retido como resíduo do sistema natural. Daí a experiência da falta de saber, atribuindo o saber absoluto ao plano místico, ter veiculado a religiosidade como a instauração da natureza humanoide. Trata-se de uma religiosidade que atua ainda hoje, conforme certos parâmetros de um Deus-Natureza. [7]

A itaoca Issogênica não mais se fixou no referencial unicamente natural, desprendendo-se da pauta instintual. A falta fez os Issogênicos mais receptivos aos parâmetros que não tinham relação imediata com a perspectiva natural. Por outro lado, os humanoides também tiveram que suportar o desconforto devido à convivência com as sombras, num desprazer vivido no contexto onírico, pois aí elas não apareciam para criar uma experiência lúdica. Elas provocavam um medo tão ou mais intenso que o produzido por predadores que assustavam os humanoides no exterior da caverna. O meio exterior reaparecia no interior, não mais por conta das feras da natureza, mas por tê-las por meio das sombras no sonhar humanoide, gerando dor e sofrimento na caverna Issogênica.

A dor e o sofrimento

No espaço onírico da caverna issogênica nasceu um tipo particular de dor, gerando um sofrimento que veiculou os eixos relacionados ao movimento e à dificuldade. No sentido dos movimentos, os Issogênicos procuraram restringir os comportamentos lúdicos, só os fazendo em determinados momentos do correr dos dias, pois não mais viviam no conforto derivado da expulsão dos conteúdos causadores de desprazer. [8] No vetor da dificuldade, a inibição ampliou a área de ação, referindo-se a aspectos que os humanoides não contavam quando estavam no veículo natural dos instintos. Assim, o sonhar com as sombras formadas pela luz do saber fugia do *necessário*, entrando no contexto do *contingente*, no tanto que o corpo é atingido pelos recortes diferentes dos que estão relacionados ao mundo regido pelo instinto. A costura da natureza que garantia uma resposta na busca da precisão a partir de sinais que surgiam no ecossistema primevo, substituído pelo prazer na itaoca, é sucedida pelo sofrimento vivido a partir da vivência onírica, de modo a acrescentar as dificuldades que ampliavam a inibição até o estado geral de impedimentos e de embaraços.

Lacan formulou os eixos das dificuldades e dos movimentos, ressaltando o trabalho de Freud *Inibição, Sintoma e Angústia*. As dificuldades referem-se às

complexidades das primeiras restrições vividas pelos humanoides, somente que contextualizadas a partir do universo simbólico relacionado às articulações cursivas oferecidas pelo costume no uso dos sons. O eixo do movimento é ampliado desde o lugar ocupado pela restrição colocada a partir da inibição. Assim, a inibição é uma dificuldade, desde o momento em que o seu grau aumenta em vista do composto cursivo da linguagem que delimita o campo das coisas que têm significado, assim como amplia a capacidade de enfrentar diversas situações, inclusive, quando elas fogem à regularidade de um dado ecossistema. Daí por diante, o impedimento é mais dificultado, levando o issogênico a experimentar o que não vai conseguir dar conta com a linguagem adquirida na conjunção social da comunidade, apelando para o sintoma. Já o embaraço é relacionado ao sentido de não equivaler à fauna, não mais sendo recolhido ao sistema que concerne à natureza onividente. Assim, o embaraço diz respeito ao fato de os issogênicos estarem sozinhos no espaço comunitário sem a devida integração com o resto do ecossistema, indicando aproximar-se da experiência com a angústia. Isso é destacado nas seguintes palavras cruzadas:

D I F

M	INIBIÇÃO	IMPEDIMENTO	EMBARAÇO
O	EMOÇÃO	SINTOMA	X
V	EFUSÃO	X	ANGÚSTIA

O aumento das dificuldades, indo até o embaraço do issogênico, levou-o a desenvolver duas grandes aptidões. Uma dizia respeito à capacidade de responder eficientemente por meio da expressão, tanto cursiva quanto pictórica, resvalando para encenações de ocorrências cruciais na constituição da comunidade primeva. Já outra visava ao processo de domesticação dos elementos essenciais à sobrevivência. O plantio e a criação representaram os aspectos da natureza que os issogênicos organizavam segundo suas necessidades. Além disso, integrou a domesticação ao processo de cultivo do solo, desde que utilizou a força animal na aragem da terra. Nesse caso, fez com que a natureza ficasse submetida à intervenção da expressão simbólica, de modo que a criação e o cultivo foram referidos à ordem do saber.

O Homo Sapiens

O saber, que é dividido em três, percorre o eixo das dificuldades, revelando que o Issogênico em sua dor e em seu sofrimento veicula a constituição de uma subjetividade Inconsciente. A referência humana ao saber reflete diretamente o processo de como se deu o afastamento do mundo natural, além do encontro da falta de saber com o saber em falta. No entanto, a inibição do limite no saber, antes de chegar ao embaraço do saber em falta, percorre o impedimento concernente ao saber não sabido, cuja matéria indica a instauração da dependência humana ao Outro primordial da linguagem, para o qual o endereçamento designa o caminho do corte na instauração do sujeito do Inconsciente. A equivalência no eixo da dificuldade coloca a seguinte disposição:

DIFICULDADE

Inibição (falta de saber) Impedimento (saber não sabido) Embaraço (saber em falta)

Vem disso duas produções que salientam acomodações diante do que se abandonou (instinto) e para onde se dirige no campo do Saber em Falta. A primeira dessas produções foi realizada de modo pictórico, na medida em que os seres exteriores da caverna e as ações praticadas por eles foram introduzidos sob a forma de figuras nas paredes (arte rupestre). As sombras tiveram, assim, uma equiparação do mundo natural. Dessa forma, o mundo externo nas itaocas Issogênicas resulta numa elaboração mais confortável acerca do papel das sombras. As ocorrências naturais passaram a aclimatar as sombras no contexto da vida Issoogênica. A segunda produção se deu sob a forma de um relato mítico com relação a um Pai Primevo bem aproximado aos animais, de modo a não ter com nenhum dos descendentes qualquer interação narcísica.

Dessa maneira, a Falta de Saber e o Saber não Sabido, referidos nas pinturas rupestres e nos relatos mitológicos, vão ter um aumento na dificuldade com o embaraço, cuja proporção do movimento enlaça o extremo da efusão que concerne no entrecruzamento com a angústia. A chegada no Saber em Falta, referindo-se ao Embaraço/Efusão, tem a angústia como seu referencial clínico que indica a perturbação que toma conta de toda vida de uma pessoa. O *Homo Sapiens* da falta vive sob o efeito da angústia, tendo a perturbação e o embaraço como seus fundamentos discursivos.

A emergência clínica da revelação subjetiva que envolve o Saber em Falta, a partir de um discurso concernente ao Embaraço e à Efusão, como características da experiência com a angústia, lida com o desamparo (*Hilflösigkeit*). A perspectiva Issogênica que envolve a Ontogenia e a Filogenia aponta para o fato de que o

desamparo do recém-nascido, tal como foi o abandono do reino do instinto, veicula a amplitude do *Homo Sapiens*, mas sob o registro do embaraço causado em lidar com o saber em falta, porém na coluna que vai do Impedimento, passando pelo Sintoma, ocupando o lugar vazio próximo à angústia. O eixo inferior das dificuldades, que vai da efusão até a angústia, passa pelo Desamparo como resíduo Issogênico do tempo primevo. É o que se vê no eixo:

Efusão Desamparo Angústia

As Cabras num cercado

A ênfase nesse lugar que Lacan designou como vazio se dá nos momentos em que o analítico é abrangido sob o referencial de valorização da análise, num recurso que destaca a importância do analista. Isso pode ser evidenciado quando o sonhado de uma mulher trouxe o seguinte trecho que indica esses aspectos tratados, especificamente quanto ao refúgio edipiano para a menina. Ao longo de um relato bem amplo, uma senhora formulou a seguinte frase sobre um trecho do seu sonhado:

O engraçado era que meu bebê tinha uma barbicha de bode!

Dentre algumas associações, essa pessoa riu bastante com o que lhe veio à mente acerca do modo como sua família agia com os descendentes. O traço de efusão por ela seguido revelava uma presença maníaca que ressaltava o encontro com a valorização do Outro-Família, por meio da qual a análise viveu um momento de extrema ênfase. Por fim, movida por uma lembrança, disse que tanto a mãe dela como uma tia-avó sustentavam o princípio existente no adágio:

Prendam as suas cabras que o meu bode está solto.

O sentido moral que expressava essa caracterização indica para algumas famílias que o masculino tem certa preferência em relação ao que expressa o feminino. Em torno disso, a sonhadora destacou uma história familiar em torno da exclusão do feminino,

principalmente naquilo que a colocava sozinha em relação ao procedimento congregacional do viés masculino, acerca da conjunção encontrada na sociedade. O Outro-família, como recinto na itaoca issogênica, dela se apresentou como absoluto no destino de construir o congregacional da sexuação do lado masculino. No entanto, o masculino é apenas reduzido ao fálico da castração imaginária, caracterizando uma valorização do objeto *pequeno a* da fantasia histérica, como expressão do Outro absoluto. Dessa forma, o aterramento associado ao feminino primevo é bem representado quando o adágio sugere que as cabras devem ficar presas e criarem o fundamento institucional, enquanto os bodes continuam na prática nômade, mostrando o quanto e de que forma a revelação concernente à falta designa o refúgio edipiano.

Efeitos

O esperado era que ela entrasse na profusão de associações, considerando o fato de haver realizado uma viagem Issogênica sobre o quanto há de incrustado numa mulher ao que se refere à ambição de vir a ter um filho. No entanto, o que se viu foi um recuo depressivo, segundo o qual chegou a achar que a análise já não mais servia para ela. Além disso, sua vida social passou a representar um estorvo, ficando reclusa e, quando questionada, aceitava os argumentos que lhe lançavam. Dentre esses, havia os que indicavam medicações para tirá-la desse estado. O caminho sugerido foi o de ela se afastar da análise e dar conta de seus embaraços por meio de ações mais direcionadas. A análise que foi sugerida por um médico indicava ser necessário que ela procurasse um terapeuta que lhe daria comandos neurolinguísticos para sair desse estado, além de medicações a serem consumidas diariamente.

Todas essas sugestões acompanhavam a perspectiva maníaca que sustentava a relação dos vários membros dessa família com o ideal histérico do Outro sem falta. No entanto, sua travessia pelo meio Issogênico não foi descarnada de seu discurso, pois o embaraço levou-a a falar de sua experiência infantil com o desamparo, ressaltando que isso acontecia com todas as mulheres conhecidas. Nesse caso, o feminino surgiu na minha inclinação prática no sentido do analítico, a partir da seguinte frase:

Mesmo juntas num cercado, cada cabra é sozinha!

[1] No lidar com essas aparições, o analisante sequer sabe de onde vêm, até porque não surgem de maneira consistente, por meio de construções argumentativas.
[2] Essa situação está associada ao que foi colocado na Bíblia Hebraica como as primeiras palavras do Senhor Deus: *Haja Luz.*
[3] In. *A pré-história da mente Uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*, de Steven Mithin.
[4] Existiu uma forma específica de adquirir conhecimentos dependendo do tipo hominídeo. O grupo migratório dos Homo Sapiens procedia de uma forma, enquanto o Homo Neanderthal de outra. Todavia essas formas interagiram e estão presentes na mente do ser humano, mesmo que residualmente.
[5] Freud trata desse tema no artigo *A aquisição e o controle do fogo* (1932).
[6] Pode-se até supor que as itaocas foram registradas no mito prometeico por meio do lugar onde esse Titã foi aprisionado, isto é, numa rocha. Na realidade, o fogo não foi levado para uma rocha, mas para uma caverna.
[7] O destaque a esse tipo de perspectiva religiosa ficou bem evidenciado no estabelecimento filosófico de Espinoza acerca da perfeição de Deus. No caso da fundamentação cristã, esse tipo de sagrado é observado no apelo feito por São Francisco de Assis, quando ampliou o dito de Jesus, ao dizer que se devia olhar os lírios do campo, não as riquezas.
[8] Na dimensão subjetiva, essa expulsão ocorre desde que o Eu Primevo se constitui. Trata-se do que Freud denominou de *Ausstoβung* (expulsão) na formação do Eu-Prazer, visto que o desprazer é lançado para o exterior.

Razão de viver, razão de morrer
Ou A vida só pensa em morrer**[**]

Glauce Chagas [*]

As Lay Dying... Pesquisei, não vou mentir. Não, não é nome de banda de música pesada, gente! É o romance com que William Faulkner, lá das bandas do Mississipi, nascido e morrido, ganhou o prêmio Nobel. Um pouco de erudição não faz mal a ninguém...

Parece que Faulkner quis mesmo exigir muito de seus leitores, para não dizer mais forte, *zonar* mesmo. Relutei, mas não tem jeito: precisamos, pelo sim pelo não, de uma cartilhinha para acompanhá-lo. A começar pelo nome do condado (acho que houve gente *bebendo* nele, mas não faz mal, ele não visitou Joyce?), sim, o condado, nome bonito e meio indígena, *Yoknapatawpha.* O Google dirá algo sobre esse lugar no mapa geográfico? Provavelmente não, é perda de tempo!

A gramática de sua narrativa é também *made at home*. Não adianta a gente querer colocar reticência ou interrogação se o fluxo de (in)consciência não permite... Isso é da lógica, do raciocínio, outro campo. É a fala do narrador que prevalece... Se vire! E bote influência nisso aos que vieram depois...

---

[*] Glauce Chagas é Membro Participante do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise.
[**] Lacan, Jacques – Seminário 2 – *O Eu na Teoria e na Técnica de Freud*

Os mundos dos personagens saem de suas próprias bocas (desbocados!) e pensares (silêncios mortais!) - *self styled* - da pomposidade ao lirismo. Saco de gatos? Nem pensar! Alta costura, nada de alinhavos nem com remendos às calças *curtas,* como em Anse, personagem do romance. A linha? Alguns dizem que é a religiosidade, que está por trás segurando as rédeas... Vamos ver isso...
É tão generoso esse Faulkner, tão dono de si, que entrega aos seus inúmeros narradores, em 59 proezas monologais, o famigerado fluxo (por isso é que se precisa da tal cartilhinha; então, dai a César o que é dele) , tudo o que eles querem dizer, sem nenhum medo de que algum lhe passe para trás. Fica só com a maestria. Acham pouco? Ambiguidade, isso é bom, mas só com o tempero de Faulkner. É pra se ficar mesmo com sorriso pálido, *monalisesco.* De inveja! Vou dar só um exemplo: Vernon Tull, considerado o mais confiável de todos os *donos* do romance. Curto e grosso. Só fala seis vezes. Vamos ver...

Anse com seu cacoete não para de esfregar os joelhos esconde-se atrás de remendos na vida também parece assim não o vejo trabalhar trabalham para ele por isso não acho ele sincero quando diz que não agüenta mais isso se foi ele que mandou os filhos irem trabalhar por causa de 3 dólares tento ajudar essa família com palavras de otimismo sinceras mas eles são meio desajustados pobres sem eira nem beira mas vou sempre com uma palavra amiga tenha paciência eles vão voltar não vou dizer que os filhos não prestam deus que me livre vão atrás dum mirrado dinheiro e a mãe morrendo e pode ser a qualquer momento eles chegam eles chegam as estradas estão boas é o que digo ao infeliz mas sei que vai chover parece que agoura a mulher quer enterrá-la no mesmo lugar da família dele por ficar perto preguiçoso mas ela quer noutro a situação é a cara dele quem já se viu ir casar com uma mulher de longe e que vai morrer antes dele por isso mesmo trazer a filha dos outros para esse fim de mundo digo que talvez não aconteça nada e que a mulher não vai morrer agora sou sensato nisso reconheço que a vida das mulheres não é fácil na minha casa era minha mãe que mandava em tudo determinou até a hora que quis morrer o senhor provê ele diz e repito o senhor provê e penso com meus botões que nada é mais certo que se pensar assim mas sei que minha mulher é muito mais de deus que eu acho Anse meio palerma paradão com os filhos omisso o outro vem com um peixe um abobalhado ele não toma decisão sobre atos dos filhos um homem que parece que veste roupa velha dos filhos mas é dele mesmo não sabe o que é trabalho não sua a camisa espera a mulher morrer é só o que sabe fazer proponho ajudar o filho bom carpinteiro penso que ele deveria trabalhar assim tão bem para mim assim como faz com o caixão da mãe não vai dar dinheiro nem vai botar eles pra frente mas me ofereço para ajudar no que for preciso como já fiz com outras pessoas aqui onde o diabo perdeu as botas diz que ia colher o milho se não estivesse olhando a mulher mas sei que não gosta de trabalhar como Cash trabalha ele deixa de ir na minha oficina pra fazer essa besteira morto se enterra de qualquer jeito ele me dá uma desculpa e a verdade do que acho não posso lhe dizer aí não posso ser sincero vai chover mas se dá um jeito não esquento a cabeça com isso...

E era o confiável, passando-se por bonzinho....

E o que dizer de Dewey Dell? Vendo-a, acabei de ver Macabéa. O ser ingênuo, mal acabado, que o destino arrastou pra cá e pra lá sem ao menos dizer o que queria dele.

Abanar o leque para uma mãe morrendo; tratar peixe sujo de areia pra dar de comer a homens famintos, visitas do velório; o cenário, sala única da casa de taipa, toco e barro; em um *display* como o de museu, a exposição do corpo de uma tão não santa mãe – umas ceninhas bem próprias do Mississipi e das nossas brenhas por cá. Esse filme também é nosso. Estreia a timidez vestida em chita, tranças tecidas a laçarotes, e aquele sorrisinho brejeiro a esconder e mostrar, mostrar e esconder um desejo com parecença de reprimido, mas não tem disso não. Os cabras que forem machos, os chamados cabras da peste, enxergam de logo.
Ambas sós em suas vidas, samba de uma nota só, diria Tom. *Outras notas vão entrar, mas a base é uma só...* Num gesto de vida, uterino e sensual, mesmo já quase morta, uma se mexe em posição de nascer de novo. Ambas não sabem a que vieram, mas querem *sans sens* viver. A uberdade se fez toda presente na colheita do algodão, na sede de se multiplicar... E ia colhendo o algodão aos poucos; que o saco estivesse sempre vazio pra que não crescesse o volume de seu desejo... Saco e desejo... Desejo e saco... Ou um ou outro em revés, pra dar no que deu: todos os receptáculos cheios de desejo. *Então foi...*, finalmente creu... E a luz se deu. O escuro, deixa pra depois... Ao deus dará. Assim foi que, nos paralelepípedos sujos, o sonho macabeano quis nascer... Nascer... Atrás de uns olhos azuis e cabelos, de tão loiros, quase flores dos algodoeiros. Sós, os pensamentos faziam círculos de vento a abanar o rosto da mãe, como a espantar o fantasma de um saco cheio de desejo. *Macabéa nunca tinha tido coragem de ter esperança*. O que ouvira da Madama lhe deixara atordoada, parecia mais, ao contrário, uma maldição... Era o direito que não tinha à tão falada felicidade. O último sonho sonhado até as últimas consequências da ingenuidade – Clarice ilimitou-se aí. Nada daquela água viva adocicada, flor de laranja soporífera e entorpecedora - ela foi dura na queda, na pedra – o sonho todo desmoronado num legítimo lascão de cabeça, nos asfaltos do concreto da cidade grande. Não foi em Yoknapatawpha... Lá poderia ser mais fofinho, nas plantações de algodão...

Concretude máxima de concreto da vida dura pra quem acreditou em cartomantes...

Você matou minha personagem, Rodrigo S.M, em conúbio com Clarice! Mas fico conformada, não tinha outro jeito – obras banais é que têm um finalzinho bem feliz, bem certinho.. Até eu acreditei na cartomante, Clarice, contanto que ela estivesse a salvo. Mas desconfiei- faltavam muito poucas páginas para ser construída uma história de amor sobre um chão tão seco... Contraditório ou não, você conseguiu, com nossa matutinha estirada no chão, ser magnífica no relato de seus últimos momentos... Em quase dez páginas onde a tristeza e a estoicidade caminharam em sintonia. Eu queria ter tido tempo para deixá-la morrer, Dewey Dell sobre a morte da mãe. E você, ao contrário, construiu em nós um tempo para morrermos bonito com Macabéa.

Mãe, diz, *mãe* – o último apelo à falta desde nascença. Isso caberia às duas. Ambas à beira de mortes. Um lamento desconectado do sonho do algodão. E dos olhos azuis da perdição. *Quando ela era pequena, como não tinha a quem beijar, beijava a parede. Ao acariciar, ela se acariciava a si própria*. *Levanta, agora, e põe o jantar na mesa*, acorda-lhe a voz grosseira – ingrediente inesperado de uma receita congestiva. *Você poderia fazer tanto por mim* - um apelo às costas rotundas, de um doutor, mais uma ervilha que curandeiro.... Ervilha é aquele legumezinho besta, que só faz enfeitar o prato... Gosto, quase nenhum. O desejo originário no algodão virou isso aí- uma prenhez indesejável, apesar de re-vida. O amor tem dessas coisas- não mostra o depois... Isso sói acontecer, e como! Nas nossas províncias cheias de desejos primitivos, à mostra... O

sonho macabeano (diferente do macbetheano, esse da ganância e frustradas ambições) acabou no asfalto, o da menina do leque, na realidade de um bucho a abortar, como o aborto da mãe à tristeza por uma vida miserável. É muito cedo, muito cedo, muito cedo... Dewey Dell fala. *Queria ter tido tempo para tê-lo*. O coelhinho de Alice, no País... apressado. *É tarde! É tarde! É tarde até que arde!* Todos à busca do exercício de suas fantasias. Sabe por que Dedê não tinha tempo? Por que ela não satisfizera a mínima necessidade de amor... Como Macabéa... Dedê é clara: não é que ela não quisesse... É que lhe faltara tempo... O tempo de ser. Tinha que tratar do peixe sujo, abanar a mãe, levá-la morta a Jefferson, chutando lama, e procurar um meio de retirar a vida que adquirira nos algodoeiros do mundo... E ainda ter... *um vazio negro e ameaçador correndo por baixo de mim*. Faulkner gosta de mostrar essas distorções nos sentimentos enxovalhados por incestos - foi assim com os Compson. *Acredito em Deus, Deus. Deus, acredito em Deus*, entrega-se Dewey Dell. ... *Uma pessoa grávida de futuro* era Macabéa ao sair da Madama Carlota, com sentença de vida e tudo mais e, após o que aconteceu , e que vocês todos já o sabem , vomitou, junto ao seu sangue, a última fala, quanto ao futuro. Morreu ainda cheia de esperança. Dewey Dell tenta, mas não consegue livrar-se do que criou seu desejo.

Na odisseia dos Bundrens, que uns dizem grotesca, a devoção desaparece dando lugar a um fanatismo cheirando à malícia, num mundo pouco hospitaleiro, recheado de afetos, puros ou não, de uns e de outros. Cada um por si e Deus por todos. Não se sabe que é da vida, nem se sabe que é da morte. Os instintos andam soltos por lá... Eu digo *lá*, na defesa de achar que isso não existe por cá. Mas disso não tenho certeza, só que *ici*, no meio mais civilizado, a camuflagem tudo ajuda a esconder. É a necessidade do dia, da hora, do segundo... Apatias e i-letras do mundo girante em torno de poucos, todos, vítimas de uma ordem em mão dupla de mandados e mandatários, em escalas paulatinas e recambiantes.
A morte sempre presente, desde sempre. Addie, personagem central, recebe do pai a sentença marcada a fogo: ... *a razão para viver era se preparar para estar morto.* Nesse mundo, tão cansado de viver e de vivido, nada é por acaso ou coincidência. Essa última palavrinha há de ser cortada de nosso vocabulário. Deixemos para usá-la quando for mesmo - justaposição, ocupação do mesmo espaço, talvez na linguagem da geometria... Faulkner, aquele do Mississipi, fez sua *novel* (*romance*, em português) em apenas seis semanas, mas estava tudo vivido e revivido em suas entranhas. Ser do Mississipi, gente, é mesmo que ter nascido no Nordeste brasileiro e bote aí uma dose cavalar de preconceito. E ele tinha tudo para ser um simples escritor regionalista... A desigualdade com o resto, a decadência que penalizava o Mississipi poderia tê-lo levado a isso. Não o foi. Seu romance é moderno, universal, é um prato cheio até às beiras, esborrando sem economia tudo o que diz respeito à condição humana. Fatalismo, perdas, morte, traumas, prevalecendo quase em todas as personagens, com raras exceções, um espírito limitado. Tudo isso pintado e bordado lá. Faulkner, achando pouco ser do Mississipi, ainda se arvorou pela arte adentro, fez inúmeros roteiros de filmes (à cata de grana) e é esse romancista-gênio, linguagem e tudo muito próprios, com Nobel em 49, recebido em 50. Sabem a frase principal de seu discurso, ao mundo naquela ocasião em Estocolmo? *I decline to accept the end of the man*. Bate com o conteúdo de sua obra. E esse seu romance, *Enquanto Agonizo,* versão em português brasileiro (xi, agora tem uma reforma...), o quinto, é considerado pelo próprio nada modesto autor como um *tour de force*, isto é, bote vigor e esforço nisso... Sim, nada é mesmo *au hasard;* o nome dessa *novel* está no gerúndio e dá uma ideia da morte antes, durante e depois... E ainda tem esse *enquanto*, que significa *ao mesmo tempo*. É um presente contínuo. *Enquanto*

estou morrendo... Tem uma versão em língua portuguesa, roubamo-la à internet - cópias correram e cadê fôlego pra enfrentar toda aquela maçaroca de nomes e vocábulos uns mais estranhos que os outros... Não deu. Mas, sabe? Literalmente tem sentido. *Enquanto estou morrendo, enquanto eu agonizo*... Esse gerúndio dá ideia de um *continuum. Em português e em inglês. E ainda tem outra versão portuguesa Na minha morte.* Num gesto nada desobsessivo, vou passar uma curiosidade: soube que o título do romance deriva do Livro XI da *Odisseia*, versos 424 a 426. Do grego, obrigada, prof. Massip, esta tradução livre: *E a imprudente afastou-se de mim, que ia para o Hades; não teve coragem de cobrir com as mãos os meus olhos e os meus lábios fechar*. A revolta de Ulisses por ser traído, referindo-se à mulher, que não evitou que ele fosse parar no Hades, com tripas e tudo. Uma maldição para ela e para todas as mulheres. Ah os mitólogos ou mesmo os mitômanos aqui, para me ajudarem... E essa morte, como ia dizendo, sem se achegar mais além ou aquém, nem pras direitas ou esquerdas, vai desde um casamento fuleiro da pobre moribunda - dote de um lado, saco vazio de outro-, inigual, que é mais que desigual, nem comparação - até o seu *post mortem*. A morte cabe bem aí. E está em todas, não só no leito de Addie Bruden - com janela dando para a feitura de seu caixão –, nela está a síntese de todas as mortes -, é lá onde o luto, tradicionalmente negro, encosta-se licencioso em um vigor vermelho sangue. Cash costura a morte no caixão que lapida. O peixe, o sangue... Lembram-se? A mãe, o peixe... (isso é em capítulo de Vadarman). O desespero de um filho mal resolvido... Detesto esses jargões meio *psis*... Isso não deve entrar no *script*. Faulkner se deu ao luxo de moldar, qual Gepeto, um Darl clarividente - quase o próprio -, recurso que os joga (os dois), de cara, de mãos dadas, na cena, teatral, tragicomagicosimbólica, da morte de Addie Bundren – a gente estranha, logo quem, uns terra a terra, não familiarizados com esse mundo do espírito... Mas escritor bom e que se preza tem dessas coisas. Diz e a gente acredita. Tem legitimidade, é da verossimilhança. A morte está aí, como o sinal do colapso de mentes sofridas. Isso, *por enquanto*, com poucos capítulos lidos e talvez ainda mal digeridos. E é pra se digerir? Pra mim, não. A gente tem que ler sem perguntar muito, deixar-nos ir morrendo com Addie, ajudar Cash a burilar o *seu* caixão (lembrei que *to bury* em inglês é *enterrar, sepultar*– coincidência?), correr com um peixe nas costas, usá-lo como um xale porco... Nada de planta baixa, de árvore genealógica - isso é a pura inconformação diante do invisível. Do que congestiona nossas mentes por não ser o conhecido. O *pobre* do escritor tem toda essa trabalheira em apresentar uma narrativa nada linearzinha, nada de prato feito, pra depois a gente querer arrumar tudo? Isso é desficcionar a ficção. Não.... Sou mais pela entrega... A curiosidade *suporta* o desejo e o desejo é o mote da vida.
Faulkner espera por essa cumplicidade.
No discurso pelo Nobel, ele pronuncia: *A voz do poeta não necessita simplesmente ser a história do homem, ela deve ser um amparo, os pilares para ajudá-lo a resistir e a sobreviver*. E mais, conclama ao escritor: ... *love and honor and pity and pride and compassion and sacrifice*...
Vamos rapidinho ao capítulo do *passamento* de Addie. *Passamento*, porque o próprio doutor, aquele da ervilha, bem redondinho, disse que achava que a morte era a mudança de um lugar para outro; logo, a passagem de um domicílio a outro. Um pouco simplório para quem é.
O sensitivo Darl assiste a tudo; é onipotente e onipresente - não deixará de ganhar seus três dólares, estará em espírito nos momentos terminais do *kit* carne-osso de Addie e ainda sabe o que se passa na cabeça e o que diz cada um dos protagonistas da cena. Até da possível prenhez de Dewey Dell, a do leque. Revela-nos foto da cena e suas personagens.

A pré-morta mostra-se inteira, fala, no tempo que tem, por uma janelinha escancarada para a vida que lhe sobra - a morte já lhe tomou o resto. Peço emprestada a Teresinha uma imagem de forte apelo, de um seu texto verediano: *ouçam-me com meus olhos... já que os ouvidos estão tão distantes...* E é o que parece dizer Addie.
Procura os filhos, torna invisível o palerma do marido, busca seu preferido, vê seu caixão ainda não pronto, preocupa-se com isso, pois *ela* está vindo e põe toda a força (ainda) restante numa cobrança, da mãe que sempre foi, colocando todos a seu serviço: *Você,Cash ... Você, Cash...* A reclamar, como na vida, a não prontidão na tarefa, agora a urdidura do seu próprio caixão, por enquanto simples tábuas, que irão guardar, *com conforto,* o corpo já quase desencarnado pela doença. Para Cash, *adiando* o caixão era como adiar a morte. A serra *serrando,* a serviço da morte - lembrei-me da brincadeira do serra - velho, como também do canto estriduloso da ave. Dizem que dá azar. A serra não parava de lembrar sua presença... A voz da morte. O dia *morrendo,* o último grito *escapando* – o último, numa nota grave, macha. A dor *dilacerando* o filho – o mesmo rosto desde a infância, perdurando-lhe a precisão da mãe. O último presente - o que sabe fazer – o caixão burilado.
O último olhar, o filho mais novo. E a chama se apaga. O preferido não chega. O leque também expira. Deixa de sibilar com Addie. O leque, inútil agora, mas insistido por Dewey Dell, como se ele tivesse o poder de recuperar o sopro da vida. *Apagando-se* os dois lentamente. Por fim, o leque. Faulkner anima os objetos. O leque, a serra, o caixão. O mundo inanimado se anima; sai do *stop* para o *play*. Vira personagem.

– *um presente contínuo - a morte continuando a vida.*

Eu acredito que o homem não resistirá, simplesmente: ele sobreviverá. Ele é imortal, não porque ele sozinho entre criaturas tenha uma voz inexaurível, mas porque tem uma alma, um espírito capaz de compaixão e sacrifício e resistência. É o discurso de Faulkner.

O antagonismo na cena e o continuar da vida:

Jewel, eu digo, ela está morta, Jewel. Addie Bundren está morta.
A vontade de Deus será feita!... Agora posso comprar minha dentadura, diz o marido.

À FLOR DA PELE: O GOZO ENCARNADO

Gertrudes Pastl Montarroyos*

Hieróglifo, Traço Unário, holófrase, letra, número, cartucho, Nome-do-Pai, impossível de simbolizar, real da escrita... Apesar dessas denominações consagradas às manifestações psicossomáticas na abundante literatura, esse é um tema, ainda, repleto de indagações sobre o que interrogam os analistas e aflige a quem é por elas acometido.

Essas pessoas chegam ao consultório em busca de uma explicação. Os médicos dizem que tem a ver com o emocional. *Eu sou psoriásica*, diz a analisante, que tem psoríase, desde a infância, vagando de médico em médico, numa errância. A analisante sabe que a sua doença não tem cura, só controle. Até que consulta um médico que lhe diz: *Você precisa de terapia.*

Parece que essa analisante fica presa ao significante, *Eu sou psoriásica*, o que a impossibilita de significar a sua doença, presa a um rótulo, num discurso *vazio*, no qual sua fala se dirige apenas ao órgão lesado ou à doença.

Seguiremos nas construções lacanianas, para tentar uma aproximação teórico-clínica do tema da Psicossomática, trazendo algumas referências do próprio Lacan e de alguns seguidores. Para facilitar nossa exposição, vamos utilizar, para o termo *fenômeno psicossomático*, a sigla FPS.** Apesar de Lacan não ter se estendido sobre esse tema, abordou-o várias vezes, sempre quando questionado.

Uma de suas primeiras referências à Psicossomática encontra-se no seminário 2 – *O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955 / 1985:127), no qual propõe situar os FPS fora das construções neuróticas, ou seja, não significando o mesmo que sintoma neurótico. Esses fenômenos não passaram por um processo de substituição, ou seja, não haveria como encontrar neles a incidência de processos psíquicos de metáfora e metonímia ou de deslocamento. A pulsão aparece como *matéria bruta*, sem representação.

Ao contrário dos FPS, o sintoma neurótico remete ao sujeito, pois é resultado de um trabalho de substituição, é um sinal e um substituto de uma satisfação pulsional, produto do processo de recalque. Vale ressaltar que o sintoma neurótico é uma formação do inconsciente e o que se observa são efeitos de corpo da linguagem inconsciente que se constitui no campo do Outro, corpo marcado pelo significante. Remete à outra cena, em que entra em jogo uma satisfação substituta de uma fantasia de conteúdo sexual. Essa outra cena fala do sujeito por meio do corpo, possibilitando sua aparição como sujeito barrado.

* Psicóloga. Psicanalista

** Daqui em diante utilizaremos essa sigla para designar o *fenômeno psicossomático*. *Fenômeno* vem do grego *phainómenon*, que significa *coisa que aparece.*

Lacan, ainda no Seminário 2, afirma a distinção entre a neurose e os FPS, marcada pela linha divisória do narcisismo. Na relação narcísica existe o investimento da libido no organismo (autoerotismo), em que não podemos distinguir a fonte e o objeto. Nos FPS parece que há investimento sobre o próprio órgão. Diz Lacan:

> O importante é que determinados órgãos estejam envolvidos na relação narcísica, visto que ela estrutura ao mesmo tempo a relação do eu ao outro e a

> constituição do mundo dos objetos. Por detrás do narcisismo, vocês têm o auto-erotismo, isto é, uma massa investida de libido no interior do organismo, do qual direi que as relações internas nos escapam tanto quando a entropia. (...) Mas de tudo o que ocorre no interior não sabemos porra nenhuma (p.126).

Podemos dizer que se trata da manifestação da pulsão em sua forma pura, sem representação, lugar onde o corpo é tomado na dimensão imaginária do eu-corporal, não havendo referência à relação de objeto. Assim, o que entra em jogo na relação com o outro é o órgão, a imagem especular do próprio corpo, implicando num ponto de não deslizamento que é próprio desses fenômenos. Em outras palavras, o FPS é marcado por uma concentração imaginária no órgão, não é da ordem do simbólico. Fora das construções neuróticas, está no nível do real..

Por sua vez, nesse momento de seu embasamento teórico, parece que Lacan ainda não vincula o real com o impossível, mas como referente ao biológico, visto que se refere a investimentos intraorgânicos, autoeróticos da libido.

Mais adiante, a respeito de um caso de Ida Macalpine, voltará ao FPS, articulando-o com a psicose. Propõe mais uma vez que ele é estruturado de maneira diferente das neuroses. Irá dizer que, tanto na hipocondria quanto nos FPSs, *esse algo particular* da psicose está presente. Será que os relaciona aos delírios, uma vez que ambos trazem a falha simbólica? Já se vislumbra aí a noção de traços escritos no corpo, a mobilidade dessa *inscrição* que aparece e desaparece, muda de lugar em função de datas, sem dialética alguma, aponta para um confronto com o real, e que mais tarde vão ser denominados de hieróglifos (p.352).

Posteriormente, no Seminário 11, Lacan coloca os FPS no mesmo patamar das psicoses, quando aponta para uma falha no simbólico. Vejamos o que ele diz sobre isso:

> *A psicossomática é algo que não é um significante, mas que, mesmo assim, só é concebível na medida em que a indução significante, no nível do sujeito, se passou de maneira que não põe em jogo a afânise do sujeito (p.215).*

A ausência de afânise* do sujeito implica que não há intervalo entre S_1 e S_2 (primeiro par de significantes), ficando esses significantes fundamentais holofraseados. Lacan se refere à holófrase** como emassamento, gelificação, cristalização, colagem, que implica dizer que o significante materno ou mestre (S_1) não é substituído pelo significante da metáfora paterna (S_2), permanecendo ambos colados, aderidos, prejudicando o registro simbólico. Pode-se dizer que um significante S_1 não representou o sujeito para um outro significante. Esse significante não é nem forcluído (não se trata de psicose), nem recalcado. Na dinâmica psicossomática, a metáfora paterna não funciona, não faz corte entre S_1 e S_2, para que haja emergência do objeto ***a*.** Nesse sentido, o objeto *a* não cai, objeto causa do desejo, não se inaugura como acontece no caso da neurose.

Mesmo não se tratando de sintoma, o FPS é induzido por um significante que vem do Outro, que paralisa. Trata-se de algo do Outro que não representa o sujeito, mas o desejo desse Outro, um intruso que, ao não ser barrado pela linguagem, faz furo no corpo. É como se ocorresse uma corporificação da holófrase-significante, sem distância, colado com o sujeito enquanto corpo, fundido ao significante encarnado. Será que o corpo é *eleito* como lugar para encarnar o significante da falta?

*Vem do grego *aphanisis*: *fazer desaparecer* - para designar o desaparecimento do desejo.

**Refere-se a enunciado que condensa uma sentença, que carrega um sentido/uma intenção do emissor.

Acontecendo a falha da função paterna, o objeto *a* não cai, prejudicando a emergência do sujeito, de sorte que fica fácil aceitar a hipótese da psicose.

Para Guir (1988), a metáfora paterna funciona em certos sítios do discurso e não em outros, provocando um desencadeamento no corpo. Esse desencadeamento abrupto pode acarretar a morte do sujeito? Se no FPS está implicado somente um significante e não dois, a posição do sujeito se torna problemática. Embora a localização do sujeito esteja comprometida, essa falha incide apenas sobre uma parte do corpo, sobre um ponto específico do discurso. Então, apenas um ponto da realidade subordina-se à lógica forclusiva. Isso aparta o sujeito da psicose, consoante Dunker (002).

Numa linha similar de raciocínio, Nasio (1993) sugere a forclusão do Nome-do-Pai, compreendido como uma forclusão local, isto é, não excluindo outras realidades no sujeito. Via de regra, pensa-se a forclusão como rejeição de um significante simbólico que reaparece no real. Não obstante, para Nasio, o simbólico não é somente uma rede de unidades discretas ligadas entre si, mas exige, como condição de possibilidade de sua consistência, a presença de um elemento fora da cadeia, funcionando como lugar do sucessor nessa cadeia. Poder-se-ia dizer que a forclusão seria exatamente a falta desse elemento exterior.

Portanto, forclusão local implica falta desse elemento exterior, falta desse lugar do sucessor. Refere-se a uma falta local, não excluindo a existência de recalque.

Por conseguinte, considerar a forclusão como um mecanismo local equivale a dizer que o FPS é uma realidade local, que pode expressar-se em qualquer estrutura, seja ela psicótica, neurótica ou perversa. Observa-se na clínica que tais fenômenos associam-se a repetições de histórias familiares ligadas a datas e lesões repetidas de pais, avós etc. Ou seja, numa mesma linha de filiação, a zona corporal remanejada pela lesão evoca mimeticamente, no mesmo lugar, um outro corpo com idêntica marca observável.

Nasio (1993) ainda propõe que não há filiação do Nome-do-Pai e, sim, filiação de objeto ***a*,** a saber, no lugar da função do Nome-do-Pai que falta, aparece a lesão como uma nova versão do Nome-do-Pai.

Lacan, em *Psicanálise e Medicina* (1966/1985), salienta a diferença que Freud fez entre o corpo para a Psicanálise e o corpo para a Medicina, acrescentando a esse corpo o gozo e o desejo. Quando o gozo insiste em se encarnar, em se manifestar no corpo, como excesso, o significante perde sua capacidade de encadear a metonímia do desejo. Por isso, podemos pensar que só o significante é capaz de fazer borda ao gozo.

Mas foi na Conferência em Genebra (1975) que Lacan considerou o corpo como invólucro, corpo como cartucho, revelando o nome próprio. Como da ordem do número, indicando que os FPSs são traços inscritos no corpo, como verdadeiros hieróglifos, alguma coisa que se oferece como enigma, que não se sabe ler. Faz parte de um ciframento, que não passa pela significação da letra, pela subjetivação do desejo, mas que está do lado do número.

Então, algo da ordem do número escreve o corpo? Porém, ele alude a um gozo específico que existe nos FPSs. Como entender esse gozo? Que gozo é esse, enigmático? Há efetivamente uma fixação do gozo, porque está fora do simbólico? Como fazer uma escrita desse gozo na clínica, quando o que se nos apresenta são lesões? *Há algo para se ler, diante do qual frequentemente boiamos* (p.14).

Para Vallas (1994), os FPSs são fenômenos de borda, de franja, fenômenos limites. Ressalta que o corpo do qual se refere é o corpo tomado em sua consistência imaginária. Refere-se a lesões que estão presentes em órgãos que apresentam superfície

de contato, como na nossa analisante, que tem a pele com cascas, escamas que se soltam na psoríase.

Aí, algo se impõe ao trabalho analítico, mesmo com seus limites. A palavra significante pode operar ao nível de um ciframento, possível escrita do real? O gozo faz com que o corpo fique numa relação de exclusão com a cadeia da linguagem?

Esse trabalho foi uma tentativa de elaboração sobre os FPSs; escrito ou cifrado em número, o FPS segue desafiando o saber... E nós, com o enigma... Lembramos de um artigo de Rubem Alves :

> *As cigarras são seres subterrâneos e silenciosos, algumas chegam a ficar dezessete anos habitando a terra escura, movimentando-se entre as raízes das árvores. De repente, saem da terra, arrebentam as cascas duras que as continham (eram ataúdes) e se tornam seres alados, cantantes. (...) Nem um pouco delicadas as cigarras são. Tão brutas que seu canto é vidro moído que elas esguicham dos seus peitos. Tão bruto é o canto que, terminada a cantoria, só resta uma casca vazia, cadáver. (...) O que ela fica gritando, eu não entendo, sei que é pura esperança. (...) A casca vazia da cigarra é sarcófago, onde a vida espera. Nunca nada está morto. Eu sempre sonho que uma coisa gera o que não parece vivo, aduba. O que parece estático espera. (...) As lagartas, cuja vida se resume em devorar as folhas sobre que se arrastam, após esgotarem essa fase rastejante e gastronômica, entram num sarcófago que elas mesmas tecem, mergulham num sono profundo, e quando acordam não mais se reconhecem, tornaram-se uma outra coisa: seres coloridos, voantes de flor em flor, borboletas. Metamorfoses... acontecem sempre de repente e, embora não pareça, somos nós seres humanos, aqueles que com mais facilidade passam por elas. Nossos corpos são mais leves que os corpos dos animais. É que nossas cascas, diferentes das cascas dos animais, que são feitas só de carne, são feitas com uma mistura de carne e palavras. Por isso que Jesus ensinou ao Diabo que nós, humanos, não vivemos só de pão. Na nossa dieta há de haver palavras...*

REFERÊNCIAS

1. Alves, R.*Vi um velho pulando...*, artigo do Jornal Correio Popular Campinas, 12/06/09 (xerox).
2. Dor, J. *Introdução à leitura de Lacan (O inconsciente estruturado como linguagem).* Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
3. Dunker, C.I.L. *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo: Escuta, 2002.
4. Freud, S (1895). *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia.* Rio de Janeiro: ESB, Imago, 1987, vol.3.
5. Guir, J. *A Psicossomática na clínica lacaniana*. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1988.
6. Lacan, J. (1954-1955) *O Seminário – Livro 2- O Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

7. Lacan, J. (1955-1956) *O Seminário – Livro 3 – As Psicoses*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.
8. Lacan, J. (1964) *O Seminário – Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
9. Lacan, J. (1972-1973) *O Seminário- Livro 20- Mais, ainda.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.
10. Lacan, J. (1975) *Conferência em Genebra sobre o sintoma*. In Revista Brasileira Internacional de Psicanálise: Opção Lacaniana, n. 23, dez.1998, p.6.
11. Nasio, J-D. *Psicossomática: as formações do objeto a.* Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.
12. Valas, P. *Horizontes da Psicossomática.* In Psicossomática e Psicanálise, Wartel (0rg.). Rio de Janeiro: J. Zahar,1994.

Colette – a ingênua libertina

Teresinha Ponce de Leon*

Sidonie Gabrielle Colette, filha de Sidonie Lannoy (Sido), e do Capitão Jules-Joseph Colette, nasceu a 1873 em Saint-Sauveur-en-Puisaye na Borgonha, quando a Terceira República tinha dois anos. Numa época em que as escritoras eram praticamente proibidas de falar sobre sexo, a sexualidade feminina em

* Lingüista, Mestre em Fonoaudiologia e Membro Participante do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise.

um mundo dominado pelos homens e pelas alegrias e dores do amor era o principal tema de seus livros. Colette, a mais francesa dentre as escritoras, tornou-se a poeta do mais francês dos regimes franceses. Mesclavam-se, nesses livros, ficção e autobiografia, muito antes de esse artifício se tornar um lugar-comum na Literatura.

Uma influência decisiva na vida de Colette: sua mãe, Sidonie, - *Sido*, como era chamada pela escritora em sua obra, personalidade curiosa, devota da natureza e das sensações. Segundo ela própria e na opinião de seus amigos, Colette é quase que totalmente filha de Sido; o Capitão Colette permanece uma figura secundária. *Parece estranho que eu o conhecesse tão pouco. Minha atenção, minha dedicação se voltavam inteiramente para Sido. O mesmo acontecia com meu pai. Ele ficava contemplando Sido. Pensando nisso, creio que tampouco ela o conhecia bem*. O magnetismo de Sido destruía qualquer chance de que um relacionamento pleno ou mesmo comum, se desenvolvesse entre pai e filha. Como, se ambos eram fixados nela? O papel dominante que Sido representou, na memória e na imaginação, na vida de Colette, pelo menos até a década de 20, foi amplamente discutido em dois livros. Em *La Maison de Claudine*, a mãe da narradora é tardiamente introduzida - pela evocação do tempo reencontrado, mas é celebrada em toda a sua dimensão com *La Naissance du jour* (1928), que se inicia com a famosa carta do *cacto rosa*. Em 1930, republicada sob o título de *Sido*, surge, finalmente, a homenagem vibrante *àquela que um único ser no mundo, meu pai, chamava de "Sido". Eu sou a filha de uma mulher que, em uma regiãozinha escura, árida e limitada, abriu sua casa de vilarejo aos gatos errantes, aos vagabundos e às criadas grávidas.*

Mas é do pai, a quem faltava uma perna, muito bom nadador, excelente cantor, escritor medíocre e político frustrado, que Colette toma emprestado o patronímico, um nome feminino, para fazer dele um nome artístico. Se em 1904 ela assinava *Colette Willy*, a partir de 1923 será apenas *Colette*. Eternizará, igualmente, a filha e o pai.

Contar Colette? Interpretá-la? Não é fácil: a lembrança do que você leu lhe escapa. Você leu de verdade ou *simplesmente* sentiu? O estilo denota suas raízes terrenas e seu sotaque borgonhês, com os erres vibrantes que ela conservará por toda a vida, é chamado por ela de um *alfabeto novo*. Colette é a sacerdotisa da palavra exata, e as nuances do prazer nunca foram captadas com tanto gosto pela simplicidade da língua francesa, o que encantou Gide: *Uma língua saborosa quase em excesso [...] Que segurança na escolha das palavras! Que delicado sentimento da nuance! E tudo como se brincasse...*

De todos os escritores de prosa, ela é a mais sensível às coisas da natureza; talvez apenas Proust entre os romancistas possa se comparar com Colette; nenhum escritor consegue provocar mais desejo por qualquer coisa que possa ser vista, tocada, cheirada, degustada, ouvida. Seu *jeito* de entrar em contato com as coisas era por meio de todos os sentidos...

Não houve infância mais feliz, protegida ou recordada com tanta alegria, quanto a de Colette. Nem mesmo a de Proust, com quem tinha muito em comum e que nascera quase na mesma época. A ambos a infância ofereceu um paraíso que fortaleceu o resto de suas vidas. Um Éden que conservaria sempre uma memória intacta, podendo ser reavivado pela imaginação e pelo exercício da memória. Quem pode pôr em dúvida que sua confiança absoluta, sua habilidade para ser tão genuinamente ela mesma, vinham da certeza plena de ter sido uma criança amada?

Às três e meia tudo dormia num azul primordial, impreciso e orvalhado, e, quando eu descia o caminho de areia, a bruma, sustentada pelo próprio peso, banhava primeiro minhas pernas, depois meu corpinho bem feito, e chegava aos meus lábios, às minhas orelhas e às minhas narinas mais sensíveis que qualquer outra parte do meu corpo.

Seguia só, pois não havia nenhum perigo naquela região liberal. Naquele caminho e àquela hora, eu tomava consciência do meu valor, de um indescritível estado de graça, e da minha cumplicidade com a primeira aragem que se precipitava, o primeiro pássaro, e o sol ainda oval, deformado pelo seu nascimento recente.

Minha mãe me deixava ir, depois de me chamar de "Beleza" e de " Jóia toda de ouro"; ficava olhando a sua obra – "obra-prima", dizia ela, correr e ir desaparecendo ladeira abaixo. Talvez eu fosse bonita, minha mãe e os retratos daquela época nem sempre estão de acordo. Mas o que me fazia bonita naquele momento era a minha juventude

e o alvorecer, meus olhos azuis realçados pelo verde à minha volta, meus cabelos louros que só seriam escovados quando eu voltasse, e a minha superioridade por estar acordada quando as outras crianças dormiam .

A outra influência decisiva na vida da escritora foi a de Henri Gauthier-Villars, seu primeiro marido, mais conhecido como Willy, que iria lançá-la, embora anonimamente, no mundo das letras.

Colette mal acabara de fazer vinte anos, inexperiente e despreparada para as coisas do mundo, sem nunca ter ido além da cidadezinha borgonhesa onde vivia, quando se casou com ele, quatorze anos mais velho do que ela.

Na juventude, Willy recebeu uma educação convencional. Aos dezenove anos, publicou um livro de sonetos que parece ter sido escrito por ele mesmo; isso preocupou o pai, que ficou com medo de ter um poeta para sustentar. Em 1880, convocado para o serviço militar, tão logo foi liberado, abandonou os sonetos e embarcou nas águas turvas do jornalismo literário e de todo tipo de jornalismo venal.

Começou como crítico musical. Assinava pequenas notas sob os pseudônimos: Willy, *L'Ouvreuse du Cirque d'été* ou *Maugis*. Possuía um conhecimento superficial da matéria, porém isso não importava. Mais esperto que outros na mesma situação, teve o cuidado de tomar uma boa aula sobre termos musicais com amigos como Debussy. Frequentava os meios intelectuais e estéticos livres, notadamente decadentes e simbolistas, que iam de Mallarmé a Zola. Criou uma coluna alegre, irônica, espirituosa, e inventou para si a *persona* de uma recepcionista *(L'Ouvreuse du Cirque d'été*), em que se permitia comentar livremente os concertos e focalizá-los não só do ponto de vista musical. Franca e escandalosa, sua identidade estava longe de ser secreta - o que tiraria toda a graça da piada. A fama de Willy cresceu, e ele fez inimigos - indispensável a um jornalista autônomo. Inteligente, logo percebeu que os outros podiam fazer mais do que fornecer as informações; podiam, na verdade, escrever os textos. A fábrica Willy foi fundada. E sua existência viria a determinar a carreira literária de Colette. Willy estabeleceu-se como capitalista literário, um empresário das letras que produzia colunas, ensaios, artigos de mexerico e, mais tarde, romances completos, livros históricos escandalosos e memórias espúrias. Ele próprio não escrevia uma linha. Com muita propriedade, os franceses chamam a pessoa que escreve livros ou artigos que outros assinam de *un nègre*. Esse tipo de empresário não era novidade. Muitos escritores famosos cercavam-se de *nègres.* O que impressionava em Willy era a

sua total aversão a escrever. Não por incapacidade intelectual. Ao contrário, segundo Colette, ele era extremamente talentoso. Ela atribuía seu estranho comportamento a uma *inegável condição de preguiça doentia aliada a uma timidez de expressão. E, talvez, o prazer de instigar* e organizar as pessoas fossem o mais importante para ele.

Essa era a estranha criatura com quem Colette se casara. Um dos seus biógrafos formula três itens que, a seu ver, foram responsáveis pelo enlace: a fatalidade, a proximidade e o desejo.

A fatalidade: em1889, Willy se descobre pai de um menino, cuja mãe, Marie-Louise Servat, sua amante adorada, veio a falecer dois anos depois. A criança era fraca e os médicos recomendaram o ar e a alimentação do campo. Os Gauthier-Villars decidem então colocar o pequeno Jacques aos cuidados de uma ama-de-leite e Willy lembrou-se da mulher do velho amigo de seu pai, o Capitão Colette. Sido providenciou a ama-de-leite e ficou com a criança na primavera de 1892.

A proximidade: Willy visitava o filho — a Borgonha era encantadora e próxima a Paris. Conhece Colette, uma linda moça de dezenove anos e, talvez, além da sua beleza, ele tenha sido atraído por sua inexperiência em razão da timidez que ele ocultava, sob um comportamento afetado e ambicioso, que o faziam fugir de uma relação com alguém igual a ele. De qualquer modo, ela foi convidada para ir a Paris, propôs-lhe casamento e ela aceitou.

O desejo: Colette viria a se censurar, vendo seu casamento como fruto de:

Um arroubo culpado, um impulso juvenil impuro e atroz. Há muitas meninas recém-púberes que sonham em se tornar a atração, o brinquedo, a obra prima licenciosa de algum senhor de meia-idade. É um sonho feio, punido com a sua realização, uma coisa doentia, semelhante às neuroses da puberdade , ao hábito de comer giz e carvão, de beber solução bucal, de ler livros pornográficos e de espetar alfinetes na palma da mão. ("Meus Aprendizados", 1936, p.998)

Não estava longe da realidade. Ao descobrir a qualidade da escrita de Colette, ele a transformou em seu *nègre* favorito, forçando-a a escrever para ele.

No momento em que Freud (1856-1939) descobre a Psicanálise, analisando os sonhos (*A interpretação dos Sonhos* data de 1900), Colette (1873-1954) publica *Claudine à l'école* (1900), um sucesso de público, com a assinatura de Willy. Seguiram-se: *Claudine à Paris* (1901); *Claudine en ménage* (1902) e *Claudine s'en va (1903).*

Sob a aparência de um sucesso comercial fácil, esses textos não se limitavam a forjar um novo tipo literário, o da mocinha travessa e razoavelmente sagaz, empenhada em procurar o prazer, sem temor algum diante das convenções. Além de sua filosofia de vida, a personagem legará sua *gola Claudine*, seu corte de cabelo, a várias gerações, graças à atriz Polaire, a dublê teatral de Colette, que figurava nos inúmeros postais à venda. Claudine revela, sobretudo, outra imagem do erotismo feminino, uma irmã solar da histérica freudiana que confessava ao ouvido do muito atento doutor vienense uma sexualidade traumatizada e principalmente envergonhada. Em um vigoroso contraponto, Colette impõe uma palavra feminina desinibida que se compraz em formular seus prazeres, sem, contudo, negar suas angústias.

Mais tarde, ao se dar conta de estar prisioneira na armadilha dos costumes da *Belle Époque*, além de ferida pelas infidelidades de seu marido, Colette

passa por um período depressivo, cuja experiência não negará, mas que, ao contrário, destilará, aprofundará e depois atravessará.

Em 1905, Colette e Willy se separaram, mas o processo do divórcio só seria formalizado em 1910.

Para ela, escrever associava-se à figura de Willy - pena à qual ele a condenara. Ofício maculado. Daí porque, apesar de ver reconhecido o seu talento, a opção de Colette pelo processo literário foi lenta e relutante, mas tão logo se assumiu como escritora, foi à justiça para provar a sua autoria e, embora afirmasse que os livros eram um trabalho quase exclusivamente seu, estava longe de se orgulhar deles, pois continham certas coisas que *traíam um tremendo descaso em magoar.*

Na segunda edição da série *Claudine*, o autor foi chamado de Colette-Willy e ela conseguiu reescrever os dois livros da série *Minne* que saíram num só volume, sob o título de *A Ingênua Libertina* (1909), assinado por ela. Pouco depois, escreveu *A Vagabunda*, considerado um dos dez melhores romances franceses do século. Willy jamais conseguiu repetir o sucesso de Colette-Claudine.

Todavia, antes de dedicar-se à Literatura, ela procurou outros meios de sustento, entre eles o teatro. O mundo do *music-hall* se constituía numa atração para o seu espírito machucado. A camaradagem nele encontrada era reconfortante. A disciplina, coisa que sempre valorizou, era indispensável, mas a moral não influenciava os julgamentos. A censura era reservada àqueles que não trabalhavam devidamente. De 1906 a 1912, ela partia todos os anos em *tournée*, ora como dançarina, ora no papel de comediante (em *Claudine* ou no melodrama *La Chair, A Carne*). Havia discordâncias quanto ao seu talento, mas ela ganhou muitos pontos pela disciplina e pelo profissionalismo.

Simultaneamente, entrou para o mundo de Gomorra, por onde circulava com uma cautelosa curiosidade. Era atraída por tudo que aí havia, de maternal, de companheirismo, de correção e de ternura. Descobriu que esse mundo não tinha nada de rudeza, da devassidão corrompida de Willy. Com tais mulheres ela podia voltar a ser a filha, sem as restrições impostas por uma mãe de verdade; ela se sentia menos obrigada a fingir que era feliz.

Sido, inicialmente, ficou chocada com a mudança de vida de Colette e, mais ainda, ao sabê-la envolvida com a Marquesa de Belboeuf. A Princesa Marie de Morny, conhecida como Missy, apelido dado por uma governanta, quando muito jovem tinha sido casada com o Marquês de Belboeuf. Não deu certo e logo se separaram. Desde então Missy vestia-se de homem e fazia os criados chamarem-na de *Monsieur le Marquis.* Já passava dos quarenta quando Colette veio a conhecê-la. Era difícil encontrar um contraste maior para Willy que essa aristocrata tímida e amorosa.

Contra as frustrações de sua vida amorosa, contra as provocações que a realidade social lhe impõe e, sobretudo a guerra, Colette agarra-se ao prazer de viver que é, para ela, e sem distinção, um prazer de sentidos e um prazer de palavra.

Colette, a enraizada; Colette, a apaixonada; Colette, a hedonista que exige seu direito à felicidade a qualquer preço – tais imagens não são apenas falsificações devidas à opinião pública, mas também as que ela gostou de cultivar.

[...] Minne?...Minne querida, acabe logo com essa redação! Minne,assim você vai estragar a vista!

Minne resmunga impaciente. Já respondera três vezes: "Sim, mamãe!"

[..] Mamãe corta o fio de seu bordado... ao tilintar das pequenas tesouras, o nariz fino de Minne se ergue e os cabelos dourados se separam, dois lindos olhos escuros aparecem, atentos... Mas é apenas um falso alarme: mamãe enfia tranqüilamente outra agulha e Minne pode novamente se debruçar sobre o jornal aberto, meio dissimulado sob o caderno de deveres de história...Ela lê lentamente, cuidadosamente,a coluna "'Paris à Noite":

[...] esta noite dois bandos rivais se encontraram e se massacraram totalmente. A causa do conflito? Cherchez la femme! Aqui no caso uma moça chamada Desfontaines, apelidada Chapéu de Cobre por causa de seus maravilhosos cabelos vermelhos, excita todos os desejos de uma suspeita população masculina. Há um ano inscrita nos registros da polícia, essa criatura que conta apenas dezesseis anos, é conhecida na praça por seu duvidoso charme e sua personalidade duvidosa. Ela boxeia, luta e quando preciso, também atira. Bazille, vulgo Traça, chefe do bando dos Irmãos de Belleville, e Cabelo de Anjo, chefe dos Aristocratas de Levallois-Perret, um cafetão perigoso de quem ninguém sabe verdadeiro nome, brigavam esta noite pelos favores de Chapéu de Cobre. Das ameaças chegaram às facas. Sidney, um desertor belga, também conhecido como Víbora, gravemente ferido, pediu ajuda a Cabelo de Anjo. A policia chegou após o combate, de acordo com a habitual tradição, recolhendo cinco indivíduos dados como mortos;

Quanto aos chefes dos bandos e à Colombina, pivô do duelo, não foi possível prendê-los. Estão sendo ativamente procurados.

Mamãe dobra seu bordado. Imediatamente o jornal desaparece sob o caderno, onde Minne escreve o que lhe vem à cabeça "Por meio desse tratado a França perdia duas de suas melhores províncias". (*A Ingênua Libertina*, 1909, pp.11-12)

Nota: Até os anos 60, o sentimento de culpa - necessário ou patológico e excessivo -, parecia ser só o arrependimento por ter desrespeitado uma norma ou uma autoridade. Em seu seminário de 1959-60 (*A Ética da Psicanálise*, Zahar), o psicanalista francês Jacques Lacan propôs algo diferente: a culpa mais relevante e mais sofrida surgiria não por termos desobedecido a uma norma, mas por termos negligenciado nosso próprio desejo, por termos desistido de agir como queríamos. Podemos nos arrepender de nossas transgressões, mas lamentamos, mais amargamente, as ocasiões perdidas.

Ran Kivetz e Anat Keinan publicaram uma pesquisa que confirma experimentalmente a intuição de Lacan (que, claro, eles não leram): *Hipermetropia Pesarosa: uma Análise dos Arrependimentos do Autocontrole*, Journal of Consumer Research, vol.33, setembro 2006.

Referências

Massie, A -. *Colette, Uma Biografia*. Ed. Casa - Maria Editorial, Rio de Janeiro, 1989.

Kristeva, J. - *O Gênio Feminino - A vida, a loucura, as palavras*, TOMO III *Colette* – Editora Rocco Ltda. Rio de Janeiro, 2007.

Colette - *A Ingênua Libertina*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.

_____ - *Gigi*, Librairie Hachette, 1960.

_____ - *La Vagabonde*. Difusão Européia do Livro, 1956.

O *SELF SERVICE* DA ADOÇÃO

Edineide Maria da Silva[*]

A legislação dirigida à criança e ao adolescente determina que uma equipe interprofissional, na Vara de Infância e Juventude, deve fornecer subsídios por escrito, mediante laudos ou verbalmente, bem como desenvolver trabalhos de aconselhamento, orientação, encaminhamento, prevenção e outros, tudo sob a imediata subordinação à autoridade judiciária, assegurada a livre manifestação do ponto de vista técnico nos casos em que crianças e adolescentes estão necessitando de serem respeitados ou atendidos em seus direitos e deveres enquanto sujeitos em desenvolvimento.

Especificamente, no campo da adoção, algumas demandas se configuram por meio de pedidos corporificados na intenção de adotar uma criança com características físicas parecidas com o pretendente à adoção, com uma determinada cor de pele ou dando preferência ao sexo da criança. Alguns desses pedidos são mais ampliados, ou seja, as pessoas dizem apenas: Q*ueremos um menino ou menina saudável*; outros verbalizam que o sexo da criança é importante e que *criar uma menina é bem mais fácil.*

[*] Psicóloga, psicanalista e Membro Participante do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise.

Menino dá muito trabalho, claramente numa articulação imaginária com a questão de gênero.

Do ponto de vista jurídico, a adoção é uma medida de proteção irrevogável e atribui a condição de filho ao adotado e de pai e mãe aos adotantes, resultando para eles direitos e deveres, inclusive, sucessórios. No texto da lei há a compreensão de que a paternidade e maternidade podem ser exercidas em famílias não biológicas e nomeadas de famílias substitutas ou adotivas.

Nos inúmeros escritos sobre a história da adoção na humanidade, essa *outra* forma de família pode exercer a função necessária à constituição da criança. Compreendemos que a constituição de tal subjetividade está atrelada à organização psíquica daqueles que exercem os cuidados com a criança, com a articulação de sua sexualidade, com as fantasias de serem pai e mãe e, sobretudo, ao lugar que a criança adotiva, ou não, ocupa no universo psíquico dos pais.

Assim, todas as crianças necessitam passar por uma adoção, *pois o peso da carne não é suficiente para fundar a existência delas. É a acolhida do casal que a fabricou que será determinante para uma criança* (Hamad, 2002). Nesse sentido, a consanguinidade não representará o único organizador da filiação, uma vez que todo e qualquer vínculo paterno-filial deverá ser construído com base no lugar que os pais destinam aos seus filhos, sejam eles adotivos ou não.

Os pedidos dirigidos ao Núcleo de Adoção e Estudos da Família, na 2ª Vara da Infância e Juventude do Recife, são muitas vezes experiências geradoras de angústia, pois são vivenciada, pelos pretendentes, como longas e cruéis, e eles afirmam que, ao procurarem o campo jurídico, já estão preparados para a adoção, bastando apenas que a instituição ofereça a criança. Trata-se de uma gestação simbólica e, por tal natureza, o tempo cronológico é vivenciado como uma árdua espera.

Numa gestação biológica, o tempo é algo implícito e necessário a uma saudável constituição física daquele que vai nascer. A barriga, na realidade, é a fonte na qual será a criança gestada para em seguida ser retirada. Necessariamente, o imponderável se apresenta nessa gestação quanto às expectativas a respeito do corpo da criança, sua cor, seu cabelo, o formato dos lábios, verbalizado geralmente na expressão: "*puxará" ao pai ou à mãe?*

A medicina tem investido numa série de pesquisas na tentativa de alcançar o que chamamos de aproximação ou possível controle daquilo que, pelas vias biológicas, até bem pouco tempo, não seria possível, como certas medidas e orientações pelas quais já é possível escolher, com uma margem de acerto, o sexo da criança. É a tentativa do controle do imponderável, daquilo que não se pode medir com exatidão, daquilo que não se pode ter certeza absoluta.

Todavia, no campo jurídico da adoção, tal barriga, na qual a gestação ocorre, toma o formato da instituição e nela, pela possibilidade de escolher minimamente o perfil da criança desejada, podemos nos deparar com algumas exigências, que, numa escuta apressada, pode ser compreendida como um pedido preconceituoso, irreal, descontextualizado.

A partir de minha escuta como psicanalista, devo estar atenta para o fato de que essas demandas são da ordem do particular e que as determinações e os efeitos dos desejos inconscientes são complexos. Assim, como poderemos compreender ou articular algumas demandas no campo da adoção que procuram atender a um tipo de controle que se configura num pedido restrito do perfil de uma criança e que surge num ideal, numa espécie de *self service*, serviço que se presta segundo uma lista de opções?

No Núcleo de Adoção, alguns pedidos são reestruturados e os pretendentes adotam crianças que *fugiam* das suas expectativas iniciais. Parece haver uma

elasticidade que aponta para uma demanda narcísica, presente em todo pedido, mas que não se apresenta enrijecida ou engessada. As demandas ao Judiciário, no campo da adoção, podem ser ouvidas como pedidos que devem estar articulados com o desejo de ter um filho e este ter garantido um espaço na dinâmica familiar que possibilite o surgimento de um ser diferenciado e não unicamente alienado à expectativa dos pais. Consideramos que pedidos possam vir a atender um espelhamento do pretendente, espelhamento este que só contempla uma criança que corresponda exatamente à cor, *fenótipo* do pretendente, que podem revelar um quadro narcisista que não vê o outro (criança) como um ser diferenciado, mas como extensão de suas expectativas.

Alguns pedidos de adoção, caracterizados pelo estreitamento, pela inflexibilidade, podem ser confundidos pelo senso comum como estando sustentados apenas pela falta de informação dos pretendentes quanto ao quadro real das crianças e dos adolescentes disponíveis a serem adotados. Consideramos que não se trata de apenas esclarecer ao pretendente as suas reais possibilidades, ou seja, informá-lo de que sua inflexibilidade prejudicá-lo-á no objetivo, uma vez que não há crianças disponíveis dentro daquele padrão esperado e que se trata de uma mera mudança de perfil da criança, movida pela devida informação ou esclarecimento quanto à realidade apresentada nos abrigos. Como podemos compreender algumas demandas que não apresentam essa elasticidade e em que a tentativa de controle do imponderável se constitui em primazia?

O narcisismo, em sua essência, tem o sentido de tomar o outro como o único referencial, segundo o qual o sujeito pode se reconhecer. Ao nascer, uma criança estará disponível, num *prêt-à-porter*, pela via narcísica daquele que exerce os cuidados e que dirige o olhar para a criança. Nesse contexto, aquele que cuida de uma criança é lançado para situações precoces de sua própria vida, no sentido de reviver o seu próprio Édipo e aí convocado para articular as nomeações dos Nomes-do-Pai (Lacan, 1999). Numa estrutura edipiana, irão emergir as demandas histéricas, em que se articulará uma demanda de controle do fluxo das paixões, do amor e de tudo que diga respeito ao humano, pois isso designa a busca em dar conta do desejo inconsciente, o qual incide a castração, daí a importância de uma escuta clínica dessas demandas.

Destacamos que a palavra histeria tem origem no termo que se referia a uma suposta condição médica peculiar à mulher, causada por perturbações no útero, que significa *hystera*, em grego. Tal termo foi utilizado por Hipócrates que pensava ser o movimento irregular do sangue no útero para o cérebro a causa da histeria.

A temática da adoção e as demandas dirigidas a uma instituição podem sugerir que essa se configura numa espécie de útero, em uma barriga, pela qual a criança será gerada e oferecida. Todavia, ao demandar à instituição a viabilidade de atingir o imponderável, aquilo que não se pode controlar e transformá-lo, pela fantasia, num alvo possível, a instituição, enquanto espaço de oferta, pode estar favorecendo a uma articulação e oferecendo um ambiente aprazível, para que demandas estejam sendo sustentadas pela formulação histérica. Os discursos apresentados pelos pretendentes à adoção têm autoria, mas, se o ambiente favorece e direciona para atender ao que se pede, pode estar se vinculando ao sintoma histérico por meio de seus procedimentos. O *self service* é aquilo que se busca, nos itens que são oferecidos.

Algumas varas da infância do país possibilitam que os pretendentes possam expressar, mediante formulários sobre o interesse, por exemplo, o desejo de adotar crianças com traços negroides, cabelos lisos ou não e outros *itens* necessários para uma boa seleção da criança. Tais possibilidades são justificadas pelas diversas histórias a respeito de rejeição ou dificuldades daqueles que querem adotar, quando confrontados

com a criança que lhe é oferecida. Aqui parece se configurar numa dinâmica em que a demanda é recepcionada e é demandada, posto que é recepcionada.

Diante de tal complexidade, a escuta analítica deve ser privilegiada. Cabe ao analista escutar qual a idealização que aquele quer adotar tem com relação à criança, quais as expectativas dirigidas ao modelo de corpo, história de vida, de abrigamento, o que se quer com essa criança, com um pretenso filho, além de verificar a maneira como a instituição recepcionará demandas que articulem o sintoma histérico e, estar atenta, para o modo como a própria instituição também favorece a que tais demandas sejam mantidas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei Federal nº. 8069 de 1990. Cria o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. São Paulo, Saraiva, 1990.
HAMAD, Nazir. *A criança adotiva e suas famílias*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.
LACAN, Jacques. O SEMINÁRIO**,** livro 5: *As Formações do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

Venenos de deus, remédios do diabo: Cura através da arte de contar histórias

Tânia Lima[15[1]]

No fundo o marido já estava falecido, o remédio era só para ele lembrar que já estava morto. [Mia Couto]

A literatura começa com um verso, assim diz o escritor Jorge Luis Borges no livro *Esse ofício do verso*. Esse texto de Borges incita, entre tantos caminhos, uma reflexão histórica sobre os caminhos da literatura no mundo: *A literatura começa com a morte da toupeira*, diria Kafka. Esse conceito nos remete a tantos sentidos que por momentos nos faz relembrar de T. S. Eliot que, não muito distante de tudo o que até

15[1] Professora Adjunta de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

então já se disse ou discutiu sobre o dizer do poema, acrescenta: *A literatura começa com um ser batendo tambor e ela retém isso de percussão e ritmo*. Onde começa a Literatura, anuncia-se o desafio de ser-linguagem. Sabemos que os conceitos de Literatura dialogam com o ser e com o tempo. O ser em Mia Couto nos remete a este outro mundo chamado imaginário.

Venenos de Deus, remédios do diabo é uma história contada dentro de muitas histórias. O ato de contar *oralituras* se processa no despender do sorriso e em não desperdiçar a palavra como elemento primordial do sagrado. O escreve-dor resgata, entre *inventança* e des-cobrimento, o elo perdido entre a tradição oral e a tradução africana. Quando o personagem Sidónio Rosa, um médico português recém-chegado a África, chega a Vila Cacimba, encontra o enfermo Bartolomeu Sozinho. Entre os dois trava-se uma longa história de onde não se sabia o que os aguardava.

Longe dali, todo médico da alma apenas conhece o rasto da melancolia de um paciente. A melancolia é uma doença do desejo e não da razão. Adoecemos de melancolia quando perdemos a capacidade de amar a nós mesmos e consequentemente ao próximo. O desejo não é salvação, mas liberdade ou libertação de ser um SER. O desejo liberta da falta que há em cada um de nós. Quando a Literatura fala de melancolia, ou quando o filósofo fala de melancolia, ambos estão à procura de uma verdade que liberta. Verdade sem certezas a oferecer.

Mas, retomando a história de Mia Couto, o que se observa é que se o leitor é quem arremata o momento de ouvir a estória oral, os personagens, a exemplo do médico Sidónio Rosa, Bartolomeu Sozinho, dona Munda e da mulata Deolinda, vivem no ato da cont-ação das memórias, uma espécie de cura para as dores, que é a solidão de viver. *O senhor estudou doenças. Eu aprendi foi na doença. O sofrimento é sempre nossa escola maior* [Couto, p.29].

Haveria coisa mais comovente do que o gosto por esses seres que se mostram em suas mais fraternas graças, em sua nudez de alma e fragilidade? São justamente esses seres sem máscaras que nos acolhe de encantamento toda a existência. Pela nudez da alma que é tão intensa e ampla quanto a nudez dos corpos. *Claridade é cortesia da filosofia*, assim observa Ortega y Gasset. Em se tratando de encontro de duas existências, a nudez de alma quando é alegre representa o mais sagrado dos encontros.

Em se tratando de Mia Couto, cada livro nos remete a um pensar do músico Schubert, quando indagado sobre qual o grande músico. Ele responde: *O músico da dor*. Nas primeiras páginas do livro *Venenos de Deus remédios do Diabo*, Mia Couto nos alerta sobre o que está falando e de onde está falando seu narrador de causos: *Então, me diga: qual a cura da minha doença, Doutor? A cura para doença dele era contrair mais doença, apeteceu-lhe dizer. Mas Sidónio conteve-se e ajeitou a fala: Viver não tem cura, caro amigo* [Couto, 2008:13].

Quem fala de cura não está imune ao tratado da dor. Como diz André Comte-Sponville: *Mas o que vale a saúde, se a vida não vale nada? E o que vale a vida, se não a amamos*. As doenças possuem causas subjetivas. Quando se adoece, as relações se orientam de forma diferenciadora. O relógio de um doente é diferente de um relógio de uma pessoa no meio do trânsito correndo para o mundo do trabalho. O cuidado com os seres adoecidos necessita ser cuidado. Para não perecer pela falta de zelo: *As horas de nossa vida estão contadas*, como bem diz Ortega y Gasset. Somos vulneráveis por natureza. Até nossas alegrias são vulneráveis. O mistério das doenças está em uma palavrinha chamada amor. Há muitos tipos de doenças, mas a falta de amor causa desastres profundos na casa d'alma. A loucura no mundo contemporâneo é loucura de excesso e escassez ao mesmo tempo. Falta tempo para amar. Sobra tempo para desamar.

Como se observa na sugestão doada pela personagem dona Munda no romance de Mia Couto, *Venenos de Deus, remédios do diabo*:

> Diga-me, Doutor; não será que Bartolomeu foi atacado por essa doença que agora corre pela Vila? – Não, esta é outra doença.
> Ainda há pouco passou pela rua um desses homens enlouquecidos agitando os braços parecia querer voar. O posto de saúde está cheio deles, quase todos os soldados. Sabe como o povo os chama? São chamados de Tresandarilhos.
> Sim, já sabia. É um belo nome: tresandarilhos... Acha que é uma maldição?
> Isso não existe, dona Munda. As doenças possuem causas objetivas.
>
> [Couto, 2008: 10.]

Martin Heidegger diz que *a condição não é curável, mas o medo à condição é curável*. Clarice Lispector diz algo bastante parecido: *A solidão não é curável, mas o medo da solidão é curável*. Os dois pensadores se debruçam sobre a condição humana. São duas vozes retratando a mais humana solidão. A solidão melancólica de ser, em Mia Couto, é algo a mais que aceitar estar doente; é se achar merecedor de cura. *A saúde se relaciona com a lógica de ser e não com a lógica de ter*, como bem observa Francesc Torralba i Roselló no livro *Antropologia do Cuidar* [2009].

Todo cuidado é uma forma de nomear o amor na ação do silêncio. Ser pertencido de merecimento e cuidado é expressão das mais importantes. A essência do Cuidado é a verdade. Haveria algo de mais maravilhoso do que poder oferecer nossas verdades em pele viva ao outro? Coisa que nem sempre encontramos em nossa alma adoecida: ser pertencido de valor pelo ser. Como diz Mia Couto na pintura que faz de seus personagens: *E mais, Doutor: acho que o senhor não tem nada a fazer aqui. Eu vivo sozinho que nem doença, tenho para me acompanhar*. A solidão de que trata Mia Couto é uma solidão em busca de companhia, de relações afetivas, verdadeiras. Solidão que a todo instante a sociedade distorce de forma negativa como doença solitária. Solidão de gente que nos cria ao nos fazer fugir de nós mesmos para abrigar o vazio do espetáculo embrutecedor: cada um na sua. Solidão inventada que nos faz fugir do maior dos luxos que são as relações humanas. Como diz Bachelard: *Os seres sensíveis adoram valores frágeis.*

Vivemos em uma sociedade globalizada de violências doentias. Podemos desinfectar micróbios, mas como desinfectar o espírito? Como diz Dona Munda:

> Não é que seja infeliz. Eu não sou é feliz. E explica: a ausência dupla de felicidade e infelicidade é ainda mais penosa que o sofrimento. O verdadeiro castigo não é o inferno com suas chamas devoradoras. A punição maior é o purgatório eterno. Uma coisa aprendi na vida: quem tem medo da infelicidade nunca chega a ser feliz. [Couto, p.35.]

Como nomear o abandono, sem lembrar que solidão de abandono é solidão extrema, imoral. *Pois cure-me a mim. Bartolomeu está tão doentíssimo, ele já é mais doença que pessoa. [...] Ele está doente, mas sou eu quem sofre as dores dele. Sempre fui. Não quero mais* [p..36]

Solidão entregue à condição de abandono é condição de esquizofrenia dos tempos contemporâneos. *É o esquecimento e não a morte que nos faz ficar fora da vida* [Couto, pág.25].

Nosso modelo de civilização é um FABULÁRIO tecnicismo demarcando a solidão do indivíduo que conhece o mundo da tela, mas que é desconhecedor do outro. Não conseguimos mais nos conhecer, só conseguimos conhecer nossa imagem refletida. O narcísico, que não deixa de olhar o lago. A imagem da imagem reflete várias imagens em um só espelho. *Não vale a pena espreitar; Doutor, que eu escrevo como o polvo, uso tinta para me tornar invisível* [Couto, 25].

Conhecemos uma sobrecarga de informações, mas não conhecemos a nós mesmos. O grande desafio, não desse século, mas de todos os séculos, não seria o *Conhece-te a ti mesmo*. Se vivemos à sombra das ideias de Platão, adoecemos das sombras de Sócrates. Adoecemos de desconhecimento, adoecemos do desconhecido. Adoecemos da falta de sonho. *Cura-me de sonhar, doutor* [Couto, 2008:16]. Adoecemos da escassez de sonhos, do que nunca saberemos revelar. Adoecemos da falta de doação humanitária. Adoecemos dos ideais humanizadores e por não nos sabermos conhecedores de nossa alma. Como diz uma fala de Bartolomeu Sozinho: *Eu hei de morrer de nada, só por acabar de viver.*

Nietzsche diz que os gregos eram tão sadios que inventaram os mitos para abrigar o processo de cura. Nas comunidades africanas, os mitos são celebrados nas contações de história como elemento de cura. Quem conta e quem escuta estão em processo de cura. O contador de história, como nos relembra o historiador africano Hampaté-Bâ, tem 21 anos para se preparar para a arte de contar. Aos 21 anos é-se iniciado.

> Como provinham de Maa Ngala para o homem, as palavras eram divinas porque ainda não haviam entrado em contato com a materialidade. Após o contato com a corporeidade, perderam um pouco de sua divindade, mas se carregaram de sacralidade. Maa Ngala, como se ensina, depositou em Maa as três potencialidades do poder, do querer e do saber, contidas nos vinte elementos dos quais ele foi composto. [Hampaté-Bá.]

Segundo Hampaté-Bá, numa primeira fase, a fala torna-se *pensamento*; numa segunda, *som*; e, numa terceira, *fala*. A fala é, portanto, considerada como a materialização, ou a exteriorização, das vibrações. A fala pode criar a paz, como pode criar a guerra. Na visão hampatebaniana, a palavra magia é tomada no mau sentido, enquanto na África designa unicamente controle de forças, em si uma coisa neutra que pode tornar-se benéfica ou maléfica. Nem magia nem destino são maus em si, mas a utilização que deles fazemos os torna bons ou ruins.

> Em bambara chamam-nos de Doma ou Soma, os *Conhecedores*, ou Donikeba, *fazedores de conhecimento*; em fulani, segundo a região, de Silatigui, Gando ou Tchiorinke, palavras que possuem o mesmo sentido de *Conhecedor*. Podem ser Mestres iniciados (e iniciadores) de um ramo tradicional específico (iniciações do ferreiro, do tecelão, do caçador, do pescador, etc.) ou possuir o conhecimento total da tradição em todos os seus aspectos. [Hampaté-Bá.]

O pensamento africano sobre oralidade envolve um conhecimento sobre o mundo de totalidade. O contador conhece Geografia, Economia, Biologia, História. Não se pode correr em contar uma palavra em muitas comunidades africanas. É preciso seguir o tempo da memória. O tempo da memória é outro. O tempo da matéria é outro. *O corpo todo envelhece menos os olhos*. O tempo da modernidade é veloz, mas o tempo do pensamento é lento. O tempo do verbo é o Ser, como diz Mia Couto: *Remenda as falas, pisa as sílabas para subir as palavras.*

Clarice Lispector diz em algum livro que *em matéria de ser, não se pode chegar antes,* toda cura é um acordar para dentro, é um despertar para felicidade. Ser feliz com apesar das culpas. *Somos donos do tempo apenas quando o tempo se esquece de nós*.

Curar mesmo é difícil, cada remédio é um delírio dentro de uma ficção. Os remédios emparedam as doenças. A cura é um estado inacabado. O escritor enquanto tal, como diz Deleuze [2004], *não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo*. O mundo é o conjunto dos sintomas, cuja doença se confunde com o homem. A Literatura é um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro. Quando se fala em saúde como Literatura, como escrita, Deleuze acrescenta que *consiste em inventar um povo que falta. Compete à função fabulária inventar um povo.*

A cura talvez esteja nisso, descobrir sentidos para o ser. Ser felizes apesar de encontrar nossas verdades sem certezas, porque mesmo na falta de sentido há sentido: *Qualquer amor já é um pouco de saúde* [Guimarães Rosa].

CORTINA

Poemas de Alberto Cunha Melo

MATURIDADE

Sem alguma paixão.
tudo fica
amolecendo a matéria
para o estágio do mofo:
não adianta falar
na calma ferruginosa
de certas idades
pois, longe da vida,
só cresce o lodo,
o limo,
o ornamento da pedras,
o bordado sem força
das folhas mortas.

FRAGMENTO DE UMA POÉTICA

Não desejar este cristal
de geométrica beleza,
lágrima congelada, sol
viúvo da sombra, esta acesa

volúpia de lavar o espaço
da lama viva dos teus passos;

não suplicar em tuas preces
pelos lírios de luz e vidro,
que não cheiram nem apodrecem;

aquém e além é cedo ou tarde:
teu limite é tua verdade.

TRADUÇÃO

Lecture de l'étourdit de **Christian Fierens**[16]

(LEITURA DE O ATURDE/DE O ATURDIU/ DE O ATURDITO [N.T.[17]])

Prefácio

Ele é legível?

Toda a vida do escritor Lacan poderia resumir-se no desejo de "ser lido enfim convenientemente" (*Lituraterre,Au*tres *Écrits*, p.13). Longe de ser matéria de simples leitura, os *Escritos* de 1966 e *a fortiori* os *Outros Escritos*, publicados em 2001, deveriam ser decifrados como rébus. Nisso eles seguiam de muito perto as pegadas reservadas ao sonho na *Traumdeutung* freudiana. Cada trecho – obscuro ou não –, aí seria submetido ao trabalho da fala, da associação e do dizer, na esperança de que

[16] Fragmentos traduzidos por Maria Adelaide Câmara e Margarida Michel.
[17] Diz respeito às possibilidades de tradução em português do seminário de Lacan.

apareceria um sentido. Mas, *decodificando* os *Escritos*, eles são lidos convenientemente?

No decorrer de um seminário de seis anos que visava à *interpretação* dos *Escritos* de Lacan de A a Z, um texto me pareceu particularmente obscuro e enigmático: *L'Etourdit* resistia à decifração. Eu prometi a mim mesmo repertoriar as obscuridades do texto e trabalhá-las uma a uma. À medida desse desdobramento explicativo, o repertório aumentava com novas obscuridades não percebidas ou minimizadas por ocasião da primeira leitura: o obscuro deslizava pela textura do esclarecimento. Ia eu me afundar paradoxalmente nas trevas de um texto que se fechava em um hermetismo terminal?

Se o número de minhas perguntas aumentava, eu também constatava que esse desdobramento esclarecia certos pontos obscuros, mas também a trama, o tecido do próprio texto. Caminhando ao crepúsculo,[18] a realização de meu desejo – *interpretar L'Etourdit* – fez-se esperar até essa aurora em que os fios da explicação se atam e se desatam *suficientemente* para formar uma "interpretação". Pois a interpretação não é clareza absoluta. Construída com sombras e luzes, a interpretação encontra resposta para cada pergunta na medida em que cada resposta lança novamente o questionamento.

Para que, pois, essa aurora interpretativa? Não para o texto, *étourdit*, que não tem olhar e permanece cego para o comentário.Talvez para esse olhar benévolo que nele não encontrará senão o que ele quiser bem ali colocar, ou seja, a resposta para seu trabalho. Talvez também para o olhar cego daquele que, na sombra, fará ver o enigma.

Olhar cego de Tirésias que além da *mostração*[19] e da demonstração eleva a voz e faz adivinhar a ausência em jogo na interpretação.

Introdução

O aturdito é a forma primária que nos distrai de nossa semântica consciente, ele é aparecimento do *inconsciente* em sua dimensão de *não-sentido*, ele abre um *além da significação corrente*.

A partir desse aturdito em que aflora o inconsciente, tratar-se-ia de lembrar a implicação do sujeito em seu enunciado? Ou ainda a interpretação é *subjetiva*, predeterminada pelo sujeito? Digamos de uma só vez: a interpretação – no sentido psicanalítico do termo – *não* é *modal*, ela não é tributária *nem* da subjetividade, *nem* da intersubjetividade dos personagens colocados um diante do outro, mesmo se a transferência e a contratransferência podem brincar com eles com perversidade. Também não se trata de passar do estado subjetivo do atordoado ao estado subjetivo do acordado.

Se, em si, a interpretação psicanalítica não é subjetiva, de onde ela tira sua objetividade? Do texto, sem dúvida, na condição de não entendê-lo a partir da única significação. A interpretação não se reduz de modo algum a explicar a significação do texto! O analista digno desse nome o sabe bem quando ele faz incidir todo o peso da interpretação sobre a *citação* objetiva do analisando: tu o disseste na mais leve hesitação (*linguae* ou *calami*), os torneados de frase dizem ainda e ainda o que já disseste.

Abramos, pois, a questão de "L'Étourdit" [O Aturdito] a partir de uma *letra* objetiva do texto. O ouvinte escuta inicialmente "l'étourdi"; mas a letra terminal "t" de "l'étourdit" invalida diretamente essa compreensão; o *ouvinte* do particípio substantivado

---

[18] *Cheminant entre chien et loup*: ao crepúsculo, quando a noite começa a cair e não se distingue entre um cão e um lobo (N.T.).

[19] *Monstration* = mostração. A palavra francesa é dicionarizada, enquanto em português ela não existe. Trata-se aqui de um neologismo (N.T.).

"l'étourdi" muda de opinião, pois, e torna-se *leitor* da letra. Para dizer a verdade, a sequência literal "l'étourdit" não tem nenhum sentido, a menos de fazer do "l" um pronome e de "étourdit" um verbo: "isso o diverte e o aturde". A letra "t" faz a pergunta: mas para onde foi o sujeito *gramatical* dessa sequência literal "... o aturde"? vai além das significações de seus componentes, ele nos *apostrofa*: onde está o sujeito *gramatical* desaparecido? Quem o fará aparecer? Pelo desenvolvimento de suas perguntas, *L'Etourdit* induzirá um efeito de *sujeito* (psico-) *lógico* tanto e tão bem que após ele o sujeito ouvinte será transformado em sujeito "leitor" da letra, ele será Outro. Esse novo sujeito, efeito da escrita, verifica precisamente a aposta dos *Escritos* de Lacan, como nos anuncia *A letra roubada*. Está aí "ler convenientemente", está aí *interpretação* ao mesmo tempo que desaparecimento – aparecimento de um *sujeito*.

O aturdito foneticamente *possível* e graficamente *impossível*. O possível "étourdi" está contradito pela grafia de um "étourdit" impossível. Possível e impossível, "étourdit" é um *enigma* tanto mais árduo que esse significante não aparecerá *senão uma única vez* no texto. Que esse título condense o texto, que seja dele o pivô, ou que dê dele a chave interpretativa, é preciso elucidar o *enigma* de *l'étourdit* a partir de sua ocorrência *no texto*.

A retomada do nome "étourdit" no texto, que pode ser chamada retomada de S_1 em S_2 ou retomada de um significante em um outro significante, inscreve-se em um parágrafo que ocupa um lugar central bem delimitado por aspas. Esse parágrafo é também *o único parágrafo entre aspas*:

> "Tu me satisfizeste, *thomenzinho* [*petithomme*]. Tu compreendeste, é o que era preciso. Vai, de aturdito não há demais, para que ele te venha outra vez após o *meiodito* [*l'aprés midit*][20]. Graças à mão que te responderá ao que Antígona tu chamas, a mesma que pode te despedaçar porque eu *esfinjo* meu *nãotoda*, tu saberás mesmo à tarde te fazer igual a Tirésias e como ele, por teres feito o papel do Outro, adivinhar o que eu te disse." (S25a; AE468) [21]

Que nos dizem essas aspas? O parágrafo encena uma enunciação necessariamente diferente daquela do resto do texto. Quais são *o "eu" e o "tu" desse discurso direto*?

Quem fala nesse parágrafo? A resposta não está explicitada *no exterior* da citação e aparece enigmática não somente para o "leitor" apressado, porém mais ainda para o leitor atento. O locutor, no entanto, designou-se duas vezes *no interior* do próprio texto: 1º) "Tu me satisfizeste" (*Tu m'as satisfaite*): gramaticalmente, seria, pois, um "ser" do gênero feminino que fala, e 2º) "eu esfinjo meu *nãotoda"*; como Esfinge, ela colocaria seus enigmas. A quem?

Sem dúvida, dirige seu enigma a Édipo e poderíamos *entrar* em sua pele para fazer a pergunta de nossa verdade enigmática, como Freud já o tinha feito para esclarecer sua própria história familiar pouco comum. Porém, mais diretamente, o parágrafo entre aspas segue o parágrafo precedente escrito por Lacan: ele se dirigia, pois, inicialmente, ao próprio *Lacan*. Além disso, a gramática de *L'Étourdit* indicaria claramente que a Esfinge se dirige a Lacan *considerando que* ele contribuiu para a abordagem do "*nãotoda*" (que nós deixaremos provisoriamente no enigma da Esfinge). A contribuição de Lacan ao "nãotoda" estrutura-se em três momentos que se contam:

---

[20] Trocadilho homofônico entre *l'aprés midit/l'aprés midi* (o meio-dia). (N.T.)

[21] A letra S, seguida de um número depois de uma minúscula a, b, c, d, remete à primeira edição de *LÉtourdit* na revista *Scilicet*, nº 4, Le Seuil, Paris, 1973, ao número da página, e as minúsculas situam as passagens na primeira, segunda, terceira, quarta ou quinta parte da página. As letras AE remetem à edição de *L'Étourdit* em *Outros escritos*, Le Seuil, Paris, 2001. A letra E remete aos *Escritos*, Le Seuil, Paris, 1966.

inicialmente quatro, depois dois, enfim três (explicitado como quadrípode dos quatro lugares dos quatro discursos, bípode dos sexos e trípode[22] formado pelos dois sexos mais o falo ou pela triangulação fálica). *Quatro, dois, três*, a ordem suficientemente surpreendente e enigmática para nela entender *a citação do enigma* da Esfinge: qual é o ser que anda sucessivamente com *quatro* patas (pela manhã), com *duas* patas (ao meio-dia) e com *três* patas (á tarde)? A pergunta da Esfinge se dirigiria, pois, ao próprio Lacan, novo Édipo diante da antiga pergunta *O que é o homem*.

Os papéis seriam assim bem compartilhados: "eu" seria a Esfinge, "tu" seria Lacan. Mas por que não ter nomeado *claramente* os interlocutores implicados nesse discurso direto?

Voltemos à nossa citação ou a nosso enigma.

Formalmente, o parágrafo enigmático compõe-se de quatro frases:

1. "Tu me satisfizeste, thomenzinho".
2. "Tu compreendeste, é o que era preciso".
3. "Vais, de aturdito não há demais, para que ele te venha outra vez após o meiodito".
4. "Graças à mão que te responderá ao que Antígona tu chamas, a mesma que pode te despedaçar porque eu esfinjo meu *nãotoda* tu saberás mesmo à tarde te fazer igual a Tirésias e como ele, por teres feito o papel do Outro, adivinhar o que eu te disse".

A terceira frase contém o termo "*aturdito*" e se abre com um "*vais*" que articula duas proposições, uma causal justaposta (de aturdito não há demais) seguida de uma subordinada consecutiva (para que ele te venha outra vez após o meiodito), ou ainda um primeiro *meiodito* seguido de um segundo *meiodito*. Se o termo *aturdito* é a articulação do texto de *L'Etourdit*, então as duas proposições da terceira frase devem articular o texto por intermédio do parágrafo.[...]

(In *LECTURE DE L'ÉTOURDIT: Lacan 1972*. L'Harmattan, 2002, Paris.)

APÊNDICE

GRUPOS DE TRABALHO

[22] *Trépied*= trípode, assento de três pés onde se colocava a sibila de Delfos, quando interrogava a divindade e dava os oráculos; tripé. (N.T.)

1. Apresentação do Cartel: ...*Ou Pior*

A passagem do que antes funcionava como um grupo de estudos do Seminário XIX de Lacan à constituição de um Cartel se deu pela via da descontinuidade, da suspensão, indicadas emblematicamente nos três pontos do título do referido seminário ...*Ou Pior*. Essa escansão, marca de uma falta, ensejada por um lugar vazio, apresentava-se como uma ameaça à zona de conforto propiciada pela coesão grupal e desfrutada, até então, entre os membros. Por conseguinte, esse vazio, lugar de vacilo, teve sua importância ao produzir certo efeito de movimento de trabalho, sem o qual seria *Pior*. Se partimos disso é realmente porque dizer isso nos foi essencial. Falar disso foi suficiente para nos relançar nos estudos, agora diante de uma nova modalidade de trabalho: interrogando o texto, tomando-o como **+ 1** embreador, na tentativa de alargar o campo das questões na busca de um saber novo , suscitado a partir da mudança na estrutura discursiva e favorecido pelo efeito da circularidade da fala de cada um, momento de colocar à prova nossas próprias insuficiências.

Como subsídio, para prosseguir na extensão dos conceitos trabalhados no ...*Ou Pior*, buscamos a leitura do seminário *O Saber do Psicanalista* (1971-1972) , ocasião em que Lacan retorna a falar em Sainte-Anne nesse mesmo período. Esse seminário aponta para a fronteira sensível entre a verdade e o saber, explorando os matemas dos quatro Discursos apresentados nas figuras topológicas dos tetraedros, fazendo incidir todo o peso de importância no Discurso Analítico, por fundamentar a clínica e, sendo esse o único capaz de assegurar o saber no lugar da verdade (a/S_2), tendo o analista como suporte de *objeto a* no lugar de Se*mblant.*

(Dirce Valença)

2. **Grupo de estudos do Seminário III de Lacan - *A estrutura freudiana das psicoses* .**

Esse Seminário foi discorrido por Lacan com autoridade e desenvoltura, na clínica e na teorização das psicoses, sempre infiltradas pela tradição. É necessário ler e estudar diversas vezes, repetindo os conceitos da tradição. Hoje, estudamos paulatinamente esse seminário, lendo-o em grupo, na lembrança de Paulo Medeiros, com quem começamos essa leitura, ocupando-nos do que foi elaborado por Lacan com subsídios da história de D. P. Schreber, escrita, brilhantemente, por ele mesmo.

Não podemos deixar o que foi estudado, pois o próprio Lacan incentiva: avançar, passar da tradição e da transmissão para a noção de *invenção*. Diz Lacan: *Definitivamente, cabe a cada um reinventar a Psicanálise*. Esse é um objetivo a longo prazo, mas, para isso, é preciso começar com a intenção, com o dizer do grupo e de cada um de nós, a quem a operação analítica possibilita ir ultrapassando as voltas e reviravoltas da repetição. Levar a animação do grupo para um futuro, pensando já em reinventar a

Psicanálise, em desatar, na prática, a repetição, como o próprio Lacan o fez e mencionou numa breve intervenção num congresso sobre *A transmissão*. Ele nos convida a ultrapassar a tradição e a transmissão, enfatizando a noção de invenção e de reinvenção da Psicanálise.

Este é o novo ensino de Lacan.

(*Zélia Alves)*

3. **Seminários Introdutórios à Obra de Freud.**

O roteiro de estudo escolhido para os seminários introdutórios tem por base os conceitos fundamentais da Psicanálise: o inconsciente e a repetição, as pulsões e a transferência.
Já fizemos uma ampla leitura sobre o inconsciente, em 2008, e, durante o ano de 2009, estudamos as pulsões.
Iniciamos abordando o tema da sexualidade que figura como uma das mais importantes e originais contribuições de Freud para o conhecimento psicanalítico. Sua insistência na importância da sexualidade em todas as realizações humanas e a tentativa que faz para ampliar o conceito de sexualidade constituíram-se na mais forte razão para as resistências iniciais à Psicanálise.
Entremeando os textos teóricos, fizemos uma leitura de casos clínicos, como o do Pequeno Hans e o Caso de Homossexualidade Feminina.
Prosseguimos neste segundo semestre com a leitura do *Mais Além do Princípio do Prazer* na qual, a partir da compulsão à repetição como fenômeno clínico, Freud introduz uma nova dicotomia entre Eros e a pulsão de morte. O problema da destrutividade que ocupou um papel cada vez mais importante em seus trabalhos teóricos faz aqui sua primeira aparição.

(Luciane de Araújo Batista)

4. Seminário I de Lacan.

Lacan pronunciou o Seminário I: *Os escritos técnicos de Freud* no Hospital Sainte-Anne, em 1953-1954. Foi o primeiro seminário aberto ao público, após a cisão da Société de Psychanalyse de Paris e a fundação, por Daniel Lagache, da Société Française de Psichanalyse que Lacan logo aderiu. Nele, dialoga com participantes que expõem suas leituras, como é o caso de Jean Hyppolite comentando a *Verneinung* de Freud. Nesse seu ensino focaliza os problemas da resistência, da transferência e da eficácia terapêutica. Estuda casos clínicos narrados por Freud, Kris, Melanie Klein e outros. Aborda os escritos técnicos de Freud com o objetivo de compreender o que

fazemos quando fazemos análise. Põe em questão o que autoriza a dizer *Eu sou analista*.

A análise consistia para Freud numa *construção* histórica, no sentido em que ele explica no início do capítulo III de *Para além do princípio do prazer*, e que desenvolve posteriormente no artigo *Construções em análise*. Lacan, com isso, vai precisar que a análise assim concebida não consiste em lembrar, em rememorar, sendo mais uma reescrita daquilo que foi.

Utiliza-se da Ótica, do esquema do Buquê invertido, para falar sobre o Imaginário.

Nosso grupo de leitura do Seminário I reúne-se semanalmente para a leitura coletiva, e, à medida que Lacan nos remete a um texto específico de Freud, detemos-nos no artigo referido para depois retornarmos à leitura de Lacan. Lemos e conversamos sobre o assunto. Não há professor. Nossa coordenação tem função apenas de guiar os encontros de leitura.

No presente momento, estamos lendo a *Tópica do Imaginário* no Seminário I, e fizemos uma pausa para ler *Recordar, Repetir, Elaborar* e *Observações sobre o Amor Transferencial*, focalizando os problemas da transferência e da resistência.

(*Maria Teodora de Barros Oliveira*)

5. GRUPO DE LEITURA DE ULISSES DE JAMES JOYCE

O Grupo de Leitura de *Ulisses* de James Joyce iniciou suas atividades no Traço em julho de 2009. A leitura é realizada com consulta a dicionários, enciclopédias, comparando-se sempre com o original. A tradução é a de Antônio Houaiss, por alguns críticos considerada mais fiel ao texto joyciano.

O grupo tem-se dado conta de uma linguagem peculiar que despreza o convencional, que *quebra as palavras, amontoa as sílabas*, a lembrar uma verdadeira *sopa de letrinhas*. E a leitura esbarra em algo semelhante a um *delírio*, que é a obra de Joyce, um *delírio saudável* – que nos leva à sensação de um paradoxo – o de sentirmos que, apesar disso, não há desagregação.
A obra mostra o gosto do autor em que as palavras não se comportem de uma forma *organizada*, segundo padrões, dando-nos sempre a sensação de um desmanchar prazerozo. Isso nos faz rir, como Joyce deveria rir disso tudo, ele, que queria que sua obra fosse lida por todos, principalmente pelos das classes populares. Como no processo analítico, deparamo-nos sempre com novos significantes, a irrupção de uma linguagem

solta, o espontâneo superando o lógico no seu entendimento. Letra-significante, som-sentido. Os significantes desdobrando-se para cada um de nós em outros significantes e isso infinitamente. É a liberação da censura que está em jogo, a ausência de inibições, com prazer. Engano que se dá na linguagem, comunicando e envolvendo-nos, leitores que somos da obra. No lúdico, transgredindo códigos – trazendo um código inédito, novo. E o que às vezes nos parece *non sense* é, ao contrário, cheio de sentido, porque lá por trás está um desejo que se revela na linguagem – como bem acontece no processo de análise. Erros tais cometemos a todo instante, e isso provoca em nós sentimentos de surpresa, de satisfação, de conivência, de raiva, de ironia e de prazer nessa viagem com o escritor. Sem esse envolvimento, a leitura certamente cairia no vazio.
Estamos tentando mergulhar nessa *loucura* de Joyce, nós que somos leitores preparados por ele. E vamos em busca de um sentido, o de cada um, já que fomos moldados por histórias diversas, com sentidos também, quem sabe, tão estranhos quanto.
É uma obra mais para se escutar que se ler. O sonoro ajudará ao desdobramento de palavras, de frases, a quebra permissiva dos velhos significados, a alcançar esses outros sentidos que estamos buscando.

O desejo ludibriado é cômico. Temos muito que rir ainda...

OBS.: A partir dessa forma que ganha o Grupo, textos serão produzidos, nos quais se refletirão a leitura de cada um, segundo aspectos identificáveis e relevantes da obra.

(Glauce Chagas)

6. ARTE E PSICANÁLISE

Há dois anos começamos a estudar a aproximação da Arte com a Psicanálise. Achávamos que alguma coisa de nosso interesse encontraríamos no detalhamento desse tema. Na Arte procurávamos o que não sabíamos, a *invenção estética*, e, na Psicanálise, a *reinvenção clínica.* Começamos muito bem, ou seja, por aquilo que não sabíamos.
Precisávamos de um texto para nossa transferência de trabalho e, como prática fundamental, a palavra e a escuta deveriam circular entre os participantes. *Os três tempos da lei*, de Alain Didier-Weill, psicanalista e teatrólogo, tem nos servido muito bem como base para nosso trabalho. É um texto bem construído, expressivo, cheio de metáforas, no qual o *sujeito inventivo do quarto laço*, dessubstancializado, deslizando de significante a significante, está presente, estabelecendo todo o tempo novos sentidos.
Estudamos também outros escritos e intercalamos em nossos trabalhos filmes e a leitura de peças de teatro que acreditamos serem pertinentes aos nossos debates e articulações. Com isso acreditamos poder trilhar o caminho da apreciação artística e do diálogo em torno das diversas construções criativas e de diferentes linguagens, sem ideias preconcebidas. A palavra, a escuta e a imagem circulam, um novo trabalho se faz, permitindo a cada um o elaborar de uma construção singular.

(Everaldo Soares Júnior)

7. . Oficina de Criação Literária Clarice Lispector

Após anos dedicados às leituras claricianas, concordamos ser chegada a hora de alargar fronteiras, levando como estrela guia o seu nome. Há quatro anos iniciamos essa longa viagem. Na Carta de Navegação, a busca da identificação do *desejo criador*. Aportamos na Literatura Brasileira para buscar *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, *A Obscena Senhora D*, de Hilda Hilst e *Água Viva*, de Clarice Lispector. Na América do Sul, encontramos *Pedro Páramo*, de Juan Rulfo e *Aura*, de Carlos Fuentes. Na Europa, *Mrs. Dalloway*, de Virgínia Woolf e *O Estrangeiro*, de Albert Camus. Na Rússia, *A morte de Ivan Ilitch*, de Leon Tolstoi, na América do Norte, *O Som e a Fúria*, e, depois, *Enquanto Agonizo*, de William Faulkner. Na volta ao tempo, o *Inferno*, de Dante Alighieri.

Em todas as obras buscou-se decifrar significantes da criação literária, traços reveladores da estrutura e de seu estilo, entendidos como *marcas do sujeito no discurso*, incidências do desejo inconsciente e da pulsão que está em jogo e se revela no próprio texto, mesmo no *não-dito*. Leituras que foram intensos exercícios de sensibilidade, sem exceção.

Apesar do encontro amoroso com as leituras, foi no próprio fazer literário do grupo que a viagem mais encantou. Passar da leitura para a escrita, no rastro do desejo, não é uma tarefa fácil, e só deve acontecer pela mediação de uma prática de imitação, *em que o eu do sujeito é falado a partir do lugar do Outro, da identificação ao outro que permite situar com certa precisão a sua relação imaginária e libidinal com o mundo*. Essa prática resultou no livro *Escrituras*, lançado em dezembro, pela Oficina.

Continuando a viagem, temos programado *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, *A Praça do Diamante*, de Mercê Rodoreda e *a Varanda de Frangipani*, de Mia Couto, e muitas outras leituras em formas breves. Além disso, a busca do estilo pelas figuras de linguagem e as interfaces da Teoria Literária com a Psicanálise. E muita, muita escrita.

(Lourdes Rodrigues)

8. Veredas Mitológicas

Veredas Mitológicas reiniciou sua atividade, em 2009, com a leitura crítica do *Fausto*, de Goethe. Essa Obra, segundo Haroldo de Campos, no seu *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe, de fato, desborda. Desborda dos marcos tanto do Pré-Romantismo do* Sturm und Drang, *como das convenções classicizantes*. Trata-se de um *poema enciclopédico*. *Fausto* gira em torno de um pacto diabólico feito entre dois personagens, *Fausto* e *Mefistófeles*. Aí encontramos toda a história da humanidade, que vai desde a Antiguidade até à época moderna.

A Obra goethiana divide-se em duas partes. No conhecido *Primeiro Fausto*, encontramos Fausto envelhecido, mergulhado em estudos em seu *quarto*, um estreito e sombrio ambiente no estilo gótico da Idade Média, aí onde se volta, rigorosamente, em ambição desmedida e frustrada, para a aquisição de um conhecimento enciclopédico. Não consegue compreender os mistérios do Universo. Na segunda parte, iremos encontrá-lo angustiado, frustrado, declinando diante dessa tarefa. Assoma-lhe, agora, intensamente, o desejo de, em benefício da humanidade, dominar as forças da Natureza. Empenha-se num percurso capitalista selvagem, em nome do progresso; entretanto, terá sua redenção final, porque o destina à felicidade humana. Fausto consegue fazer sua travessia - no jargão psicanalítico, diremos: passou do mundo fantasmático, imaginário, para o universo simbólico. Para isso, teve de livrar-se do pequeno e religioso mundo provinciano e do mundo amoroso aí vivido em alienação, onde o encontraremos submetido às ilusões de uma produção imaginária perversa, campo do gozo onde estava situada Margarida – Gretchen –, sua *amada* vítima. Já no *Segundo Fausto*, ao deparar-se com a Grega Helena, o *Antigo Ideal de Beleza* –, símbolo do *eterno feminino* –, conseguiu, afinal, o lugar da *sideração* - radiação da luz que vetoriza o infinito, lugar da clareira, da abertura, na despossessão de todo conhecimento.

Nesse período, assistimos ao filme húngaro *Mephisto*, inspirado no romance homônimo de Klaus Mann, ambientado na Alemanha nazista, sob direção de István Szabó. Após a revisita dos mitos gregos, na leitura do moderno *Fausto*, o *Veredas Mitológicas* voltará ao antigo universo mítico grego, com a leitura da *Ilíada*, de Homero.

(*Dulcinea Santos)*

9. Seminários de Lacan

Os estudos em grupo sobre a obra lacaniana se apoiam na leitura e discussão dos textos dos Seminários proferidos por Lacan, entre 1953 e 1979. Essa leitura se estende a textos complementares sobre questões referencialmente abordadas nos Seminários, a exemplo dos extraídos da obra freudiana. Também, sempre que necessário, os estudos abordam outras áreas de interseção e articuladas por Lacan, como é o caso da Filosofia, da Lógica, da Linguística, da Literatura, da Antropologia. O caráter sincrônico da obra lacaniana tem permitido sua leitura por um ordenamento não sujeito à temporalidade lógica dos Seminários. Escolhe-se, sempre em par, um Seminário mais antigo e outro mais recente, valendo-se de uma ordem dos textos do fim para o começo e vice-versa.

Assim, o grupo concluiu o Seminário V, *As Formações do Inconsciente* (1957-58) e o Seminário XVI, *De um Outro ao outro* (1968-69). Em 2009, deu continuidade ao Seminário VI, *O Desejo e sua interpretação* (1958-59) e ao Seminário XV, *O Ato Psicanalítico* (1967-68).

No início de *O Desejo e sua interpretação*, Lacan diz que a análise é um tratamento psíquico em seus diversos níveis, *sobre os fenômenos marginais ou*

residuais: o sonho, os lapsos, o dito espirituoso (...) e sobre os sintomas, no sentido amplo, enquanto que se manifestando no sujeito por inibições, que são constituídas em sintomas e sustentadas por estes sintomas (grifos nossos).
O Seminário contempla, em seu final, oito capítulos sobre a tragédia hamletiana; incorpora também cinco capítulos sobre a análise de sonhos, por Ella Freeman Sharpe.

No Seminário *O Ato psicanalítico*, Lacan insiste sobre a importância do conceito de *ato* na teoria psicanalítica.
Obedecendo à lógica do inconsciente, o ato psicanalítico é sempre um ato da fala, com efeitos na estrutura do sujeito. Lacan parte da lógica aristotélica e chega à lógica moderna, que considera um instrumento para se pensar o sujeito do inconsciente. Utiliza-se dos conceitos aristotélicos do discurso declarativo e universal (*juízo de atribuição*) que isola o traço distintivo; mais além, caminha com Peirce (1839-1914) e Frege (1848-1925), com a concepção da negação lógica e de um *juízo de existência*. É na ausência de traços que o sujeito está. É no significante que o sujeito da enunciação encontra suporte.
No estudo do Seminário, o grupo foi embasado por discussões sobre o *Organon* aristotélico, especificamente sobre as *Categorias*, que trata dos *predicados*, e *Sobre a Interpretação*, quanto aos *enunciados declarativos ou proposições*.
Em termos ainda de produção, o grupo realizou resumos de alguns seminários que o compõem e, em decorrência da leitura, foi apresentado, por um dos seus membros, trabalho na XIII Jornada de Estudos do Traço: *Pensando "O Ato Psicanalítico".*

(*Pedro Leonardo de Lucena Rodrigues)*

PROGRAMAÇÃO — 2010

SEGUNDA-FEIRA

I. Cartel – Seminário XIX *...Ou Pior*

Seminário coadjuvante: *O Saber do Psicanalista*

Dirce Valença, Dulcinea Santos, Maria Adelaide Câmara, Zélia Alves

Horário: 15h-16h30

II. Seminário III: *A Estrutura Freudiana das Psicoses*

Horário: 16h30-18h

Em abril, início da leitura e discussão do Seminário XVI: *De um Outro ao outro*. O grupo se reunirá quinzenalmente.

Horário: 15h-18h

TERÇA-FEIRA

I. *Inibições, Sintoma e Angústia,* Volume XX, 1925-1926, Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud

Horário: 14h15-15h45

Coordenação: Luciane de Araújo Batista e João Fernando Calsavara

II. Seminários I: *Os Escritos Técnicos de Freud*

Horário: 16h-17h30

Coordenação: Teodora de Barros

III. Grupo de estudo e leitura do romance: *Ulisses*, de James Joyce

Horário: 17h30-19h

Coordenação: Glauce Chagas

QUARTA-FEIRA

I. Arte e Psicanálise

1. Leitura de *Os Três Tempos da Lei,* de Alain Didier-Weill
2. Exibição e discussão de filmes

Horário: 10h-12h

Coordenação de Everaldo Soares Junior

II. Oficina de Criação Literária Clarice Lispector

1. Leitura e análise crítica e estrutural (*close reading*):

- *Madame Bovary* – Gustave Flaubert
- *A Praça do Diamante* – Mercé Rodoreda
- *A Varanda de Frangipini* – Mia Couto

2. A busca do estilo pelas figuras de Linguagem (palavras, pensamento, construção e fonologia)
3. Teoria Literária e Psicanálise
4. Exercícios de escrita.

Horário: 14h30 -16h30

Coordenação de Lourdes Rodrigues e Eugênia Menezes

III. Veredas Mitológicas:

Leitura e discussão da *Ilíada*, de Homero.

Horário: 17h-18h30

Coordenação: Dulcinea Santos e de Maria Adelaide Câmara

QUINTA-FEIRA

I. J. Lacan**,** Seminário VI, *O Desejo e sua Interpretação* .

Horário: 14h30-16h

II. J. Lacan, Seminário XV, *O Ato Psicanalítico* (prestes a ser concluído).

III. J. Lacan, Seminário XIV, *A Lógica do Fantasma*

Horário: 16h-17h30

Coordenação: Pedro Leonardo de Lucena Rodrigues

PRIMEIRO SEMESTRE

- **28 de abril:**

Seminário conduzido por Luciane de Araújo Batista:

Para que serve uma análise?

SEGUNDO SEMESTRE

- **29 de setembro:**

Cartel: *...Ou Pior* (Dirce Valença, Dulcinea Santos, Maria Adelaide Câmara e Zélia Alves)

- **03 de Novembro:**

Seminário conduzido por Everaldo Soares Júnior:

NO ÚLTI MO SÁBADO DO MÊS

I. Reunião de Estudos
II. Assembleia Geral

Horário: 8h30-12h30

ANUAL

MAIO

- Jornada de Estudos

28 – 29 de maio

AGOSTO

- Colóquio: *Psicanálise, Arte* e Literatura

Psicanalista convidada: Tânia Rivera

27– 28 de agosto

NOVEMBRO

- Jornada Freud – Lacaniana

Novembro (data a definir)

BIENAL

- Reunião Lacanoamericana de Psicanálise

Local e data: Brasília, DF – 21, 22. 23, 24 de novembro de 2011

[i] João Fernando Calsavara, psicanalista, Membro Efetivo do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise.
[ii] Pais, Amélia Pinto. Padre Antônio Vieira – *O Imperador da Língua Portuguesa*. Editora Âmbar. Lisboa, 2008.
[iii] Klimke, F. *História de La Filosofia*. Editorial Labor. Madrid, 1947.
[iv] Lacan, J. Seminário 16 – *De um outro a Outro*. Jorge Zahar Editora, Rio de Janeiro, 1968.
[v] Lacan, J. *Le Sinthome*. Seminário 23. Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro.
[vi] Zubermann, *El Psicoanálises como Experiencia*. Editora Letra Viva. Buenos Aires, 2004.
[vii] Lacan, J. Seminário 11 – *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro, 1964.
[viii] Lacan, J. *Ciência e Verdade – Escritos*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1965.
[ix] Lacan, J. *Ciência e Verdade – Escritos*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1965.
[x] Lacan, J. *A carta roubada* (1972) Escritos, Jorge Zahar Editor.
[xi] Freud, S. *Análise Leiga*. SEB. Vol. XX.
[xii] Lacan, J. *O Ato Psicanalítico*. Seminário 15. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.
[xiii] DOMB, B. *El Psicoanálisis como Experiência*. Ed. Letra Viva. Buenos Aires, 2004.
[xiv] Wescamp, M. *Fim de Análise*. (Artigo).